

UNIVERSIDADE DE LISBOA



PROVAS DE AGREGAÇÃO

RELATÓRIO DO PROGRAMA

GEOGRAFIA DA NOITE
CONHECER, COMPREENDER E REPENSAR OS TERRITÓRIOS

TERESA ALVES

ABRIL DE 2009

ÍNDICE

	PÁGINA
O PORQUÊ DE UMA GEOGRAFIA DA NOITE.....	5
PARTE I - ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE CURRICULAR.....	11
1. OBJECTIVOS E CONTEÚDOS	13
2. RESULTADOS ESPERADOS E COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER.....	16
3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	18
4. RECURSOS PEDAGÓGICOS	21
5. ESTRUTURA DO PROGRAMA	23
6. PLANIFICAÇÃO DAS SESSÕES	24
7. AVALIAÇÃO	27
PARTE II - DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA.....	29
GEOGRAFIA DA NOITE.....	31
I. CONHECER OS TERRITÓRIOS À NOITE.....	35
1. NOITE NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE TEMPO.....	37
2. REPRESENTAÇÕES E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	47
3. A NOITE NÃO É UM ESPAÇO-TEMPO IGUAL AO DIA	63
II. COMPREENDER OS TERRITÓRIOS À NOITE	67
1. NOVOS CONTEXTOS DE USO DO TEMPO E DO ESPAÇO	69
2. NOVAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS E COLECTIVAS.....	85
3. SERVIÇOS E ECONOMIA DA NOITE.....	95
III. REPENSAR OS TERRITÓRIOS À NOITE	109
1. NOITE E POLÍTICAS PÚBLICAS	111
2. INICIATIVAS E BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO À NOITE.....	134
3. A NOITE COMO UM ESPAÇO-TEMPO DE CRIATIVIDADE	159
BIBLIOGRAFIA GERAL E BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA PARA LEITURA	163
SÍTIOS NA INTERNET	165
BIBLIOGRAFIAS ESPECÍFICAS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171

O PORQUÊ DE UMA GEOGRAFIA DA NOITE

O tempo contínuo da economia e das redes criou condições para que a sociedade desenvolva modos de vida cada vez mais diversificados em termos de uso do tempo e do espaço. Estas transformações geram novas oportunidades para o desenvolvimento, particularmente, pela incorporação na esfera da produção e do consumo de um espaço-tempo, a noite, que até aqui era visto como improdutivo.

A noite já não pode ser associada à ausência de vida, ao tempo em suspenso, quando nada se pode fazer. As mudanças sociais e técnicas das últimas décadas levaram a alterações muito significativas no modo como vivemos este espaço-tempo. As actividades que associávamos ao dia estão cada vez mais presentes na noite. De acordo com os estudos sobre o uso do tempo, sabemos que hoje dormimos menos horas e com ritmos e horários diferentes dos do passado. No passado, eram apenas as unidades industriais e algumas profissões, como os tipógrafos e os jornalistas, que tinham horários nocturnos; hoje, quase todas as actividades os têm. As rádios, as televisões, os transportes, os serviços, o comércio, os distribuidores automáticos e as lojas de conveniência funcionam 24h sobre 24h, permitindo, permanentemente, o consumo. Ao mesmo tempo, a animação durante a noite pode ser determinante para que um lugar possa ser eleito como local de férias ou de lazer.

O Homem conseguiu estender as suas actividades praticamente a todo o planeta, formando o sistema-mundo em que vivemos. Mas a noite continua, apesar de todas as mudanças, a ser um espaço-tempo ignorado, uma espécie de território inexplorado. No planeamento urbano as abordagens da noite surgem, quase sempre, por questões de segurança ou de ruído. Num caso, traduzem-se em acções relacionadas com a iluminação e, mais recentemente, com a videovigilância. No outro caso, geram normas sobre a circulação de veículos ou sobre os horários de funcionamento das actividades.

A noite já não é apenas o espaço-tempo de vida de grupos marginais de indivíduos. E os políticos já se aperceberam disso. A importância política da noite reflecte-se nas apostas estratégicas da sua vivificação. Podem ser iniciativas de animação, como eventos culturais, mas também programas de regeneração urbana baseados no estímulo das actividades económicas e culturais, essencialmente nocturnas. Em vários países europeus implementaram-se políticas públicas que abordam a questão da dessincronização dos tempos sociais e se preocupam em gerir as práticas que levam ao funcionamento dos

espaços 24h /7 dias. Novos ritmos, novos valores, novas atitudes trazem à noite novos actores sociais. A pertinência de uma Geografia da Noite está precisamente na necessidade de reflectir sobre as implicações nos territórios destas mudanças.

Apesar de a noite ser uma dimensão mais ou menos esquecida deu já origem a obras remarcáveis como *La ville la nuit* (1977) de Anne Cauquelin, *Géographie de la nuit* (1997) de Luc Bureau, *La ville 24 heures sur 24 heures* (2003) e *La nuit dernière frontière de la ville* (2005) de Luc Gwiazdzinski, que contribuíram para uma abordagem multidisciplinar deste espaço-tempo. A reflexão de grupos de trabalho como o da DATAR *Temps et Territoire* produziu abundante material sobre as implicações no território das mudanças dos tempos de vida sem que tenha sido abordada a questão do espaço-tempo noite. Mais recentemente *Regulating the Night. Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-time Economy* (2007), deu-nos uma visão de outras vertentes da noite. Na produção científica e política, com origem no Reino Unido, a economia da noite limita-se, quase sempre, ao comércio das bebidas alcoólicas, do sexo, das drogas e ao jogo. Mas a regeneração de muitos dos centros das cidades que tinham perdido vitalidade com o fim do modelo económico baseado na indústria transformadora, partiram muitas vezes de investimentos que promoveram o crescimento de actividades económicas, cujo período de consumo é predominantemente a noite (O'Connor 1997; Helms 2008). Em Portugal, João Teixeira Lopes (1998), na tese de doutoramento *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*, estudou as representações e as práticas culturais na noite do Porto. No trabalho *Night Life in Europe and Recreative Drug Use* (1999), um dos casos de estudo foi a vida nocturna na cidade de Coimbra.

O interesse pelo espaço-tempo noite e pela relação entre arte e território surgiu com o trabalho na equipa que organizou e coordenou três eventos culturais: *Lisboa Capital do Nada* (2001) (Caeiro et al 2001); *Luzboa I Bienal da Arte da Luz em Lisboa* (2004) (Caeiro et al 2004) e *Luzboa II Bienal da Arte da Luz em Lisboa* (2006) (Caeiro et al 2007). No primeiro caso, a intervenção centrou-se nos espaços públicos urbanos e na forma como a arte efémera podia contribuir para a sua revitalização, promovendo uma reflexão sobre o que as pessoas queriam para os seus espaços de vida colectiva, numa área problemática de Lisboa - a freguesia de Marvila. Nas duas edições de *Luzboa* a noite foi o palco dos eventos, pois na arte da luz a escuridão é a tela onde a arte se inscreve. As questões relacionadas com a requalificação dos espaços públicos continuaram a ser o cerne das intervenções, mas a abordagem teve de ser necessariamente diferente, pois o facto de o evento ser nocturno colocou-nos em contacto com outro tipo de problemas.

A participação na equipa de coordenação da área de formação da *Luzboa* permitiu-me contactar com cerca de uma centena de especialistas nacionais e internacionais em temas como o pensamento e a história, os espaços públicos, o planeamento e gestão territorial, as mobilidades, a segurança, a percepção do espaço, o urbanismo, os problemas sociais

como a exclusão social e os sem-abrigo, a economia da noite, a cronobiologia, a iluminação artística e ambiental, a arte da luz, entre outros. A aprendizagem realizada ao longo dos ateliês, dos ciclos de conferências e do Congresso da Noite permitiu-me aprofundar os conhecimentos relacionados com as questões da noite e contribuiu para elaborar o projecto de investigação *Noite: Oportunidades e Inovação no Território (NOITe)* (PTDC/GEO/64240/2006) que é financiado pela FCT. É no âmbito deste projecto, iniciado em 2008 e a concluir em 2010, que se tem desenvolvido a investigação que fundamenta este programa. Deste modo, este programa concretiza um dos objectivos definidos como prioritários na organização da Universidade de Lisboa, promover a articulação entre a investigação científica e o processo de ensino e aprendizagem.

“A Universidade define como rumo estratégico a abertura à sociedade e uma política activa de transferência de conhecimento e de inovação (...)”. (Estatutos da Universidade de Lisboa, <http://www.ul.pt/pls/portal/docs/1/177050.pdf> em 12-10-2008). Este programa é, por outro lado, produto de uma intensa ligação entre Universidade e empresas / associações / organismos da Administração Pública. Os eventos culturais *Luzboa* foram fruto de parcerias entre a *Extramuros, associação cultural para a cidade* e a Câmara Municipal de Lisboa, e contaram com a participação da Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Letras, do Jardim Botânico, do Museu Nacional de História Natural e de investigadores do CEG. Ao longo dos últimos 7 anos as temáticas relacionadas com a noite, nas mais diversas vertentes, têm sido trabalhadas em reuniões com instituições de Ensino Superior e Investigação, Empresas, Associações, organismos da Administração Central e Autarquias Locais.

As mudanças na Universidade de Lisboa, os desafios em que nos lançámos na Geografia e a riqueza da experiência da coordenação e das aulas nos cursos interdepartamentais de Estudos Europeus, levaram-me a decidir elaborar uma Unidade Curricular que, além de satisfazer as necessidades de conhecimento dos alunos do 1º ciclo de Geografia, pudesse servir também alunos de outras áreas científicas. Como por exemplo, alunos de diferentes áreas da Faculdade de Letras com interesses em políticas públicas, nomeadamente as europeias, ou em assuntos relacionados com a Cultura e as mudanças sociais. Mas, também, alunos da Faculdade de Belas Artes que pretendam desenvolver a sua aprendizagem em domínios como o papel da Arte na dinamização dos espaços públicos colectivos ou nas formas de mediação do conhecimento do território através da Arte. A reunião numa mesma turma de pessoas com diferentes formações e com interesses à partida muito diversos é um desafio e, ao mesmo tempo, algo que só pode enriquecer as abordagens destas temáticas, gerando um processo de co-aprendizagem muito mais dinâmico. A opção por uma unidade do 1º ciclo deve-se ao facto de entendermos que este nível continua a ser fundamental para a formação dos nossos alunos e que uma política de sobrevalorização dos 2º e 3º ciclos, em detrimento do 1º ciclo, é incorrecta. Sem uma sólida formação do 1º ciclo dificilmente haverá condições para assegurar 2º e 3º ciclos de qualidade.

O programa que agora se apresenta procura ser suficientemente aberto às sugestões dos alunos, quer quanto aos temas, quer ao método a utilizar, de modo a procurar corresponder aos seus interesses e às suas expectativas, em termos de desenvolvimento dos conhecimentos. Ao longo dos últimos anos, tenho utilizado as temáticas relacionadas com o território à noite para ilustrar questões sobre as dinâmicas territoriais, nomeadamente a reestruturação das actividades económicas e o desenvolvimento de serviços destinados a servir novas procuras, e a reacção dos alunos tem sido excelente. A cidade nocturna é, para a grande maioria dos nossos alunos, um mundo que conhecem relativamente bem, pela sua própria experiência, ou que pensam conhecer. Pelo que as temáticas da Geografia da Noite permitem mobilizar as suas experiências o que torna muito mais fácil “(...) dar-lhes condições para um pleno desenvolvimento das suas capacidades e dos seus talentos.” (*Estatutos da Universidade de Lisboa*, <http://www.ul.pt/pls/portal/docs/1/177050.pdf> em 12-10-2008).

Em 2006, no âmbito da *Luzboa, II Bienal da Luz em Lisboa*, organizei o *Congresso da Noite* (Alves 2007) com o objectivo de promover uma reflexão sobre o modo como a noite tem sido sentida, representada e vivida, de modo a formular novas perspectivas para o planeamento e a gestão da cidade 24/24 horas. Muitas das pessoas que convidei para participarem fizeram imediatamente associações do tipo “Noite?! Vamos ter festa!” “A noite é para dormir!” “A noite e o submundo”, mas quase ninguém pensou no trabalho, no valor económico que é gerado durante a noite, nos problemas sociais, como a solidão e a miséria, que se agudizam com a falta de luz... Após os dois dias em que decorreram os trabalhos no Instituto Franco-Português (entre as 16 e as 20h), os jantares-debate (no Teatro Taborda com vista para Lisboa à noite) e as visitas de estudo que realizámos noite dentro, a atitude mudou e as pessoas aperceberam-se que a noite é um espaço-tempo com problemáticas específicas que afectam diariamente a vida de todos nós, mesmo quando disso não temos consciência.

Assim, as principais razões para apresentar o Programa de Geografia da Noite para a obtenção do título académico de agregada em Geografia são:

- a noite é um espaço-tempo que precisa de mais atenção; por um lado, pelo potencial de desenvolvimento económico e social que encerra e, por outro, pelo potencial de conflito que pode gerar, se a continuarmos a ignorar; porque nos parece muito importante que, na formação de pessoas que podem vir a intervir no planeamento e na gestão territorial, na definição ou implementação de políticas públicas ou na gestão cultural, sejam transmitidos conhecimentos e se desenvolva a capacidade de reflectir sobre as problemáticas relacionadas com o espaço-tempo noite;

- o desenvolvimento de um programa de estudos com estes temas permite desenvolver aquilo que hoje está definido como “rumo estratégico” da Universidade de Lisboa: abertura à sociedade e a transferência de conhecimento e inovação; transferência de conhecimento e inovação dentro da Universidade pela possibilidade de ligação entre investigação (*NOITE* PTDC/GEO/64240/2006) e aprendizagem, mas também a abertura à sociedade pelo facto do processo de aprendizagem se centrar em temas que afectam a vida de todos e os conhecimentos produzidos poderem ter valor para entidades públicas e privadas que actuam durante o espaço-tempo noite; o interesse destas entidades manifesta-se desde já pela contribuição activa no projecto de investigação, mas estamos em crer que será fácil mobilizá-las para uma participação activa no programa de aulas, aproximando Universidade e sociedade, alunos e potenciais empregadores;
- pela natureza dos assuntos a tratar, um programa centrado nestas temáticas permite a incorporação das experiências dos alunos facilitando o desenvolvimento de competências, contribuindo para uma visão mais humanista do trabalho na Universidade, outro dos objectivos definido como fundamental nos Estatutos da Universidade de Lisboa.

O *Relatório do Programa Geografia da Noite: conhecer, compreender e repensar os territórios* está organizado em duas partes. Na primeira parte apresentamos a organização geral da unidade curricular: os objectivos e conteúdos, os resultados esperados e as competências a desenvolver, as estratégias de ensino e de aprendizagem, os recursos pedagógicos, a estrutura do programa, a planificação das sessões e a avaliação. Na segunda parte apresentamos o desenvolvimento do programa, a bibliografia e outras fontes de informação.

Referências bibliográficas:

- Alves T (2007) “Congresso da Noite” in *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*. Alameda: VIA-Verlag /Extramuros, pp. 261-266.
- Bureau L (1997) *Géographie de la nuit*. Montréal:l’Hexagone.
- Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[.
- Caeiro M; Alves T; Fernandes S R (ed) (2001) *Lisboa Capital do Nada*. Almada: Extra]muros[.

- Caeiro M; Potiers M; Alves T; Fernandes S R (ed.) (2004) *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[.
- Calafat A (org.) (1999), *Night Life in Europe and Recreative Drug Use*, IREFREA & European Comission
- Cauquelin A (1977) *La ville la nuit*. Paris: PUF.
- Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24 heures*. Paris: Editions de l'Aube.
- Gwiazdzinski L (2005) *La nuit dernière frontière de la ville*. Paris: Editions de l'Aube.
- Helms G (2008) *Towards safe city centres? Remaking the spaces of an Old-Industrial City*. Hampshire: Ashgate.
- Lopes J T (1998) *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto (BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - teixeira-joao-lopes-cidade-cultura.html).
- O'Connor J (1997) "Donner de l'espace public à la nuit. Les cas des centres urbains en Grande-Bretanha" *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, pp. 40-46.
- Talbot D (2007) *Regulating the Night. Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-time Economy*. Hampshire: Ashgate.



Marc Chagall (1954) *Quai de Bercy*

PARTE I

ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE CURRICULAR

1. OBJECTIVOS E CONTEÚDOS

O trabalho em Geografia procura responder ao **onde** e **porquê**. Com a Geografia da Noite procuramos mostrar a relevância do **quando** para compreender a diversidade das dinâmicas de desenvolvimento territorial.

Num contexto de crescente internacionalização e de aumento do valor do conhecimento e da inovação, a sociedade desenvolve modos de vida cada vez mais diversificados em termos de uso do tempo e do espaço. Estas mudanças encerram, contudo, um potencial de conflito que decorre em grande parte do facto dos territórios, em geral, e dos espaços urbanos, em particular, terem sido quase sempre pensados para uma utilização diurna. O ritmo circadiano tradicional opõe-se aos novos ritmos da vida, mais diversificados, mais dificilmente articuláveis, e coloca sob tensão os territórios onde uns dormem, outros trabalham e outros se divertem.

O objectivo fundamental da unidade curricular Geografia da Noite é compreender como as dinâmicas de desenvolvimento dos territórios são afectadas pela incorporação na esfera da produção e do consumo de um espaço-tempo, a noite, que até há pouco tempo era visto como improdutivo. Queremos, por um lado, identificar e analisar as mudanças que as novas dinâmicas introduzem nos territórios e, por outro, dar a conhecer iniciativas de planeamento e boas práticas de gestão que revelam a diversidade de oportunidades de desenvolvimento que se abrem com a vida dos territórios à noite. Para tal devemos começar por compreender a maneira como tem evoluído a percepção e o conhecimento dos territórios à noite.

Conhecer os territórios à noite

Como é que a evolução dos conceitos de tempo e hora e a mediação através da arte contribuíram para mudar o nosso conhecimento dos territórios à noite?

A noite é de todos os momentos o que tem representações mais negativas. A evolução dos valores e comportamentos e das necessidades sociais e económicas fazem com que estas perspectivas estejam a mudar. Para tal tem sido fundamental o papel de mediação desempenhado por diferentes formas de arte que permitem melhorar o conhecimento da

noite. O espaço-tempo noite tem vindo a ganhar novas representações, mais poéticas, que se relacionam cada vez mais com aspectos como a liberdade e a criatividade. No entanto, continuamos a verificar que as pessoas, as entidades públicas e privadas e as organizações têm comportamentos diferentes conforme actuam de dia ou de noite e as dinâmicas dos territórios reflectem essas diferenças. Queremos, assim, perceber porque existem estas diferenças – o que faz os modos de actuar no território à noite serem diferentes dos de dia?

Os objectivos específicos desta parte do programa são:

- discutir a evolução dos conceitos de tempo e de hora;
- discutir a definição/delimitação do espaço-tempo noite;
- mobilizar conhecimentos para discutir criticamente a construção dos preconceitos e mitos associados à noite;
- conhecer a contribuição de diferentes formas de arte para a mediação do território à noite;
- perceber como é que as mudanças nos valores atribuídos à noite contribuíram para uma mudança nos modos como se vive o território;
- discutir em que medida o espaço-tempo noite é diferente do espaço-tempo dia.

Compreender os territórios à noite

Como é que as mudanças nos contextos de uso de tempo e de espaço e nas práticas individuais e colectivas ajudam a compreender as dinâmicas de desenvolvimento dos territórios à noite, em particular, o crescimento dos serviços?

A incorporação na esfera da produção e do consumo do espaço-tempo noite traduz-se não só no alargamento de horários de trabalho de actividades diurnas, como também no surgimento de novas actividades para responder a novas necessidades de procura. Queremos compreender como os novos contextos de uso do tempo e do espaço se traduzem em novos tipos de práticas sociais. Queremos conhecer os factores de mudança na procura e na oferta das actividades de serviços que se desenrolam predominantemente de noite. Ao mesmo tempo, pretendemos avaliar as consequências nas dinâmicas de desenvolvimento dos territórios dessas diferenças – o que é que o território à noite tem de diferente do de dia? Outros ritmos, outras práticas, outras actividades, outras culturas, outras pessoas? Como é que isto vai condicionar o território em que vamos viver quando o sol nasce? Como é que as especificidades ligadas à noite podem influenciar as decisões de localização dos serviços?

Os objectivos específicos a alcançar na segunda parte são:

- identificar os factores que contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo e discutir o papel das novas tecnologias de comunicação;
- relacionar sociedade em contínuo com a dinâmica dos territórios à noite, ao nível das diferentes esferas da sociedade (economia, cultura e política);
- relacionar as mudanças no domínio do consumo com as transformações ao nível da produção durante a noite;
- relacionar as mobilidades nocturnas e as dinâmicas territoriais;
- compreender a relevância da economia à noite para o emprego;
- discutir como é que as dinâmicas de localização dos serviços, predominantemente nocturnos, afectam o desenvolvimento dos territórios.

Repensar os territórios à noite

Como é que os processos de planeamento e de gestão do território podem incorporar as especificidades da noite de modo a repensar o território para que este possa ser vivido com qualidade 24/24h e de uma forma sustentável?

Pretendemos dar a conhecer políticas com incidência no território e iniciativas e boas práticas de gestão que revelam a diversidade de oportunidades de desenvolvimento que se abrem com a vida dos territórios à noite. Será dado particular destaque à arte e à luz na requalificação dos territórios.

Os objectivos específicos a alcançar na terceira parte são:

- identificar experiências de políticas com incidência nos territórios ligadas à noite;
- identificar iniciativas e boas práticas de gestão territorial que promovem um desenvolvimento sustentável do território de modo a que possa ser vivido 24h/24h;
- conhecer experiências de animação dos espaços públicos à noite;
- relacionar a iluminação ambiental e artística, a sustentabilidade, a qualidade dos espaços públicos e processos de regeneração urbana;
- discutir o potencial do conceito “noite como espaço de criatividade”.

2. RESULTADOS ESPERADOS E COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

Os resultados esperados desta Unidade Curricular expressam-se ao nível do desenvolvimento de conhecimentos e de competências técnicas e instrumentais específicos da Geografia, mas também do desenvolvimento de competências pessoais, mais gerais, ao nível das atitudes, valores e comportamentos.

Ao nível do conhecimento geográfico os alunos devem no fim desta Unidade Curricular ser capazes de:

- desenvolver, discutir e aplicar os conceitos fundamentais da Geografia e usar a terminologia geográfica adequada aos temas em análise;
- conhecer as dinâmicas nocturnas dos territórios, mobilizar saberes de outras unidades curriculares para desenvolver uma perspectiva integrada que permita interpretá-las;
- compreender a relevância da dimensão tempo na concepção de iniciativas de desenvolvimento territorial;
- identificar e interpretar as grandes linhas das políticas públicas com incidência no território que possam relacionar-se com o espaço-tempo nocturno;
- identificar e compreender os riscos da ausência de medidas de planeamento e gestão, tendo em conta as especificidades dos territórios à noite.

Ao nível do conhecimento instrumental (métodos e técnicas) esta unidade deve contribuir para que os alunos adquiram as seguintes capacidades:

- adequar os métodos e as técnicas aos temas em estudo;
- recolher, tratar e representar gráfica e cartograficamente de forma crítica informação de base territorial;
- dominar as metodologias e as técnicas do trabalho de campo;

- realizar diagnósticos e participar na elaboração de estratégias e intervenções de desenvolvimento territorial com incidência no espaço-tempo noite;
- utilizar métodos e técnicas adequados para a comunicação escrita e oral de resultados.

Ao nível do desenvolvimento de competências em termos de atitudes, valores e comportamentos serão privilegiadas as que contribuam para criar indivíduos capazes de num contexto geral de crescente incerteza e imprevisibilidade, dar respostas adequadas aos desafios na vida pessoal e profissional, tais como:

- autonomia, capacidade de iniciativa,
- atitude colaborativa, capacidade de trabalhar em grupo,
- participação, participar activamente nas decisões e actividades do grupo,
- mobilização, capacidade de mobilizar o grupo para os objectivos, promovendo a cooperação e a solidariedade,
- negociação, aprender a gerir situações de incerteza ou de adversidade,
- tolerância, respeito pela diversidade,
- atitude crítica, saber questionar de forma pertinente factos e ideias,
- criatividade, inovar na resolução dos desafios,
- rigor científico, empenhamento na qualidade do trabalho.

O nosso objectivo é contribuir para que os alunos depois de frequentarem esta Unidade Curricular sintam que adquiriram conhecimentos, mas também competências que lhes permitem fazer face a um mundo em contínua mudança, tanto ao nível profissional, como pessoal.

3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O Processo de Bolonha modificou a organização curricular dos diferentes ciclos de estudos na Universidade de Lisboa ao mesmo tempo que lançou novos desafios em termos do processo de ensino-aprendizagem.

No Departamento de Geografia o 1º ciclo, de 3 anos, transformou-se numa formação com carácter generalista e as especializações foram remetidas para os 2º e 3º ciclos. O processo de ensino-aprendizagem alterou-se ao nível da definição dos conteúdos programáticos (que devem resultar dos objectivos a atingir e das competências que os alunos devem desenvolver) e dos papéis a desempenhar por professores e alunos.

O professor deve ser cada vez mais um facilitador que orienta e incentiva a aquisição de conhecimentos e de competências.

Os alunos devem ter cada vez mais responsabilidades no processo de aprendizagem.

A introdução do European Credit Transfer System (ECTS) que permite a comparabilidade, garante a mobilidade e assegura as creditações à escala do Espaço Europeu de Ensino, estabeleceu que o tempo de trabalho dos alunos deve ser dividido em dois blocos: o tempo de contacto com o professor (diversos tipos de sessões) e o tempo de trabalho autónomo (estudo, trabalho de campo, projecto).

Nesta Unidade Curricular o tempo de contacto directo deverá ser constituído por sessões teórico-práticas, práticas, *workshops* e tutoria:

- sessões teórico-práticas
 - podem ter nuns casos um carácter mais expositivo, quando centradas na reflexão e debate teórico e conceptual e nas questões de metodologia, sempre em ligação com as sessões de carácter mais prático e com os projectos a desenvolver pelos alunos; podem ser conferências de especialistas convidados;
 - podem destinar-se a apresentar casos ilustrativos dos temas que contribuam para alcançar os objectivos e os resultados, tanto ao nível dos

conhecimentos como em termos das competências a promover; devem ser utilizados recursos como: vídeos, filmes, textos ou outros; podem ser apresentações de planos ou de iniciativas ou projectos;

- as sessões práticas destinam-se a desenvolver os projectos que devem ser centrados em situações/problemas; o objectivo é desenvolver um programa que proponha soluções adequadas; os temas dos projectos serão escolhidos pelos alunos; os projectos devem ser o resultado de trabalho de grupo; o trabalho de campo deve desempenhar um papel central como metodologia;
- a apresentação dos projectos pode ser realizada em sessões tipo *workshop*. Os projectos podem ser agrupados por grandes temas e seria pedido aos alunos que organizassem as sessões de trabalho;
- as sessões tutoriais destinam-se ao apoio a pequenos grupos e aos projectos.

Repartição da carga horária por tipo de sessões e de trabalho

Tipo	Nº de horas
Sessões teórico-práticas	26
Sessões práticas	20
Sessões em <i>workshop</i>	9
Visita de estudo	4
Sessões de tutoria	14
Avaliação	2
Balanço final da UC	2
Total do trabalho acompanhado	77
Total do trabalho autónomo	63
TOTAL DE HORAS DE TRABALHO (5 ECTS)	140

A visita de estudo tem por objectivo colocar os alunos em contacto com iniciativas que contribuam para a promoção do desenvolvimento territorial centrado no espaço-tempo noite. Pode assumir diferentes formas: visita a uma equipa responsável pela elaboração ou implementação de um dado projecto; visita a uma dada área onde tenha sido implementada uma iniciativa de gestão que tenha por foco o uso do espaço à noite e

perceber no local os problemas, as dificuldades, mas também as potencialidades deste perfil de utilização (tanto pode ser uma área tipo Bairro Alto, como a área de implantação de um Centro Ciência Viva para observação do céu).

Os alunos serão estimulados, sempre que possível, a completar as suas aprendizagens com a participação em seminários, conferências ou eventos culturais. Os alunos serão também incentivados a organizar um pequeno ciclo de conferências, uma exposição ou um ciclo de exposições de filmes ou de documentários onde possam: i) cimentar os conhecimentos adquiridos, ii) divulgar e sensibilizar a comunidade escolar que não participa na Unidade Curricular para os temas, iii) desenvolver ligações com entidades, quer no interior, quer no exterior da Universidade.

4. RECURSOS PEDAGÓGICOS

Uma das mudanças mais relevantes dos últimos anos é a facilidade introduzida pelas TIC's na circulação da informação. Também aqui o desafio é grande. O papel do professor é fundamental para orientar e estimular a pesquisa de modo a que não se corra o risco de dispersão.

À semelhança do que já é feito noutras unidades curriculares, será criado aquilo que designamos por *e-grupo*, recorrendo à plataforma de *e-learning Moodle*, disponível a partir do portal da UL. O *e-grupo* é uma sala de trabalho virtual de interação entre os alunos e professores.

No *e-grupo* serão disponibilizados todos os materiais necessários ao trabalho na UC, nomeadamente material projectado, textos, projectos, iniciativas e estatísticas existentes em suporte digital.

O *e-grupo* será utilizado para a circulação de informação e a procura de esclarecimentos entre alunos e professora. Este sistema, já experimentado noutras unidades curriculares, revela-se muito eficiente para o acompanhamento personalizado dos alunos, havendo sempre a possibilidade de esclarecer dúvidas em tempo útil para a correcta execução dos trabalhos.

Pretende-se com o recurso aos instrumentos e meios electrónicos, atingir dois objectivos: desenvolver o sentido da responsabilidade e estimular a descoberta de novos meios de trabalho. O sentido da responsabilidade desenvolve-se porque passa a depender apenas dos alunos a obtenção dos materiais de apoio às aulas e a procura de apoio por parte da docente no momento em que surgem as dúvidas. A descoberta de novos meios de trabalho acontece porque, para além de estimular o uso da Internet para estes fins, podemos promover a difusão de novas informações, mais personalizadas e de acordo com os interesses específicos de cada aluno.

A bibliografia de apoio à unidade curricular foi seleccionada com o critério de adequação aos objectivos e aos conteúdos do programa. A bibliografia não pretende ser exaustiva e não deve, nem pode ser factor de afastamento de novas pesquisas bibliográficas por parte dos alunos.

A bibliografia que se apresenta está organizada em dois níveis: o geral e o específico. A bibliografia geral apresenta obras com um carácter mais abrangente dos temas tratados na

unidade curricular. A bibliografia específica visa aprofundar o estudo dos temas do programa. A bibliografia está dividida: em obras utilizadas para fundamentar os conteúdos (*Referências bibliográficas*) e nos textos recomendados para leituras dos alunos (*Bibliografia recomendada para leitura*). De acordo com o trabalho de cada grupo poderá ainda ser fornecida outra bibliografia, mais orientada para os domínios em estudo.

O acesso à bibliografia revela-se, no entanto, difícil. Por um lado, porque na Biblioteca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, por excelência o local de consulta mais utilizado pelos alunos, só está disponível um exemplar de cada obra e, por outro, porque o CEG não dispõe de meios financeiros para adquirir as obras mais recentes. As verbas do projecto NOITe estão a possibilitar colmatar esta lacuna, permitindo a aquisição de algumas das obras mais relevantes.

Em complemento da bibliografia é fornecida uma lista de endereços electrónicos onde os alunos podem encontrar informações úteis para a unidade curricular, nomeadamente organismos e projectos relacionados com os temas.

Entre os recursos pedagógicos serão utilizadas, de forma sistemática, imagens: fotografias e filmes. O uso de suportes de audiovisual permite aproximar mais os alunos dos temas a tratar. A plasticidade dos ambientes nocturnos tem sido objecto de inúmeras obras de arte e revela um enorme potencial para a utilização deste tipo de suportes como recurso pedagógico.

A utilização dos meios audiovisuais é fundamental para o sucesso do trabalho na Unidade Curricular. Na Faculdade de Letras continuamos a não ter acesso a estes meios técnicos em todas as salas e a fiabilidade dos que estão instalados é muito baixa, sendo muito frequentes as vezes em que não funcionam.

O acesso à Internet na sala de aula é também importante. A instalação da rede *wireless* permite colmatar a falta de pontos de acesso na rede fixa, mas obriga a que os alunos ou o professor tenham o seu computador pessoal na aula. O número de alunos com computadores pessoais na aula cresceu muito, mas estamos ainda muito longe da situação ideal em que cada aluno tem o seu computador.

Outro aspecto prende-se com a necessidade de mudança dos espaços de aula, onde a deficiente propagação do som não permite que as aulas sejam um fórum de debate. Não podemos continuar a ter aulas em anfiteatros onde o som se propaga apenas numa direcção.

5. ESTRUTURA DO PROGRAMA

GEOGRAFIA DA NOITE

I. CONHECER OS TERRITÓRIOS À NOITE

1. Noite não é apenas uma questão de tempo
2. Representações e experiências artísticas
3. A noite não é um espaço-tempo igual ao dia

II. COMPREENDER OS TERRITÓRIOS À NOITE

1. Novos contextos de uso do tempo e do espaço
2. Novas práticas individuais e colectivas
3. Serviços e economia da noite

III. REPENSAR OS TERRITÓRIOS À NOITE

1. Noite e políticas públicas
2. Iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite
3. A noite como um espaço-tempo de criatividade

6. PLANIFICAÇÃO DAS SESSÕES

<i>Nº da Semana</i>	<i>Teórico-práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Tutoria Nº horas</i>	<i>Avaliação nº de horas</i>
1ª	Apresentação do programa e bibliografia da UC. Apresentação da organização da UC. Discussão do método e programa de avaliação.	2	-	-	-	
1ª	I. Conhecer os territórios à noite Noite não é apenas uma questão de tempo Tempo e planeamento: uma relação social Hora e território: uma questão de política Geografia do espaço-tempo Empregos do tempo e usos do espaço Noite: uma questão cultural?	2	-	-	-	
2ª	I. Conhecer os territórios à noite Representações e experiências artísticas A noite através da arte A arte na noite A noite não é um espaço-tempo igual ao dia	2	Apresentação do trabalho de grupo; as fontes de informação.	2	1	
3ª	II. Compreender os territórios à noite Novos contextos de uso do tempo e do espaço Usos do tempo Tempo de trabalho, ritmos de vida, novas lógicas de pertença O trabalho das mulheres e o tempo dos serviços Usos do espaço numa sociedade em contínuo Conflitos e tensões	2	Acompanhamento da elaboração do plano do trabalho de grupo.	2	1	
4ª	II. Compreender os territórios à noite Novas práticas individuais e colectivas O homem tem de ser necessariamente um animal diurno? Idades e usos do tempo Comportamentos cada vez mais individualizados Novos valores e níveis de instrução mais elevados Valorização das práticas culturais e desportivas A utilização das tecnologias de informação e comunicação	2	Acompanhamento da elaboração do plano do trabalho de grupo.	2	1	

<i>Nº da Semana</i>	<i>Teórico-práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Tutoria Nº horas</i>	<i>Avaliação nº de horas</i>
5ª	II. Compreender os territórios à noite Serviços e a economia da noite Actividades cujos horários se prolongam pela noite Serviços que pela sua natureza têm de funcionar 24 horas por dia Serviços relacionados com os tempos livres	2	Discussão dos planos dos trabalhos de grupo.	2(*)	1	
6ª	II. Compreender os territórios à noite Serviços e a economia da noite Serviços induzidos pelas dinâmicas do trabalho nocturno A noite como um espaço-tempo para o turismo Economia da cultura	2	Discussão dos planos dos trabalhos de grupo.	2(*)	1	
7ª	III. Repensar os territórios à noite Noite e políticas públicas O espaço público está em crise? O que é que torna um espaço público num lugar de sucesso? Porque fracassam tantos espaços públicos? Como podemos levar as pessoas a participar na valorização dos espaços públicos? Políticas relacionadas com o tempo	2	Visita de Estudo	4	1	
8ª	III. Repensar os territórios à noite Noite e políticas públicas Políticas relacionadas com a iluminação Políticas relacionadas com a eficiência energética A lei do Céu das Canárias Políticas culturais	2	Acompanhamento do trabalho de grupo: elaboração de inquéritos e de planos de entrevistas.	4	1	
9ª	SEMANA DE TRABALHO DE CAMPO					
10ª	III. Repensar os territórios à noite Iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite Nova Iorque: a noite como imagem de marca Chicago: arte e espaços públicos Xangai: a qualidade dos territórios à noite depende da conciliação entre iniciativas privadas e públicas	2	Acompanhamento do trabalho de grupo.	2	1	
11ª	III. Repensar os territórios à noite Iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite Atenas: como um plano-luz criou a cidade nocturna Lyon: a cidade da luz	2	Acompanhamento do trabalho de grupo.	2	1	

* número de horas depende do número de grupos de trabalho

<i>Nº da Semana</i>	<i>Teórico-práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Práticas</i>	<i>Nº horas</i>	<i>Tutoria Nº horas</i>	<i>Avaliação nº de horas</i>
12ª	III. Repensar os territórios à noite Iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite Berlim: a Fénix renascida Rurgebiet: a iluminação artística na regeneração dos territórios Luzboa: arte e luz na animação dos espaços públicos Stromboli: o triunfo da luz natural	2	Acompanhamento do trabalho de grupo.	2	1	
13ª	III. Repensar o território à noite A noite como um espaço-tempo de criatividade	2	Acompanhamento do trabalho de grupo.	2	1	
14ª	SEMANA DE ESTUDO					
15ª	Apresentação oral e discussão dos trabalhos			3(**)	1	
16ª	Apresentação oral e discussão dos trabalhos			3(**)	1	
17ª	Apresentação oral e discussão dos trabalhos			3(**)	1	
18ª	SEMANA DE ESTUDO					
19ª	TESTE DE AVALIAÇÃO					2
20ª	BALANÇO FINAL DA UC					2
TOTAL		24		35	14	4

** número de horas depende do número de grupos de trabalho, a proposta é de 1h por grupo, partimos do princípio que teremos 3 grupos por sessão.

Na planificação das sessões foram consideradas 20 semanas, 3 das quais dedicadas exclusivamente ao trabalho autónomo. Nas restantes, as sessões são de diversos tipos (teórico-práticas, práticas, *workshop*, visita de estudo e tutoria) com cargas horárias que permitam responder aos objectivos que nos propomos atingir com a unidade curricular¹. No caso da sessão prática de discussão dos planos de trabalho e nos *worshops* de apresentação oral e discussão dos trabalhos o número de horas previstas é apenas indicativo pois vai depender do número de grupos e de alunos a frequentar a unidade curricular.

¹ Quadro com repartição da carga horária por tipo de sessão e de trabalho na página 19.

7. AVALIAÇÃO

A avaliação desta unidade curricular centrar-se-á no processo de aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento de competências. A avaliação deve ser diversificada de modo a poder valorizar o potencial (talentos) de cada aluno. A avaliação será constituída pelos seguintes elementos:

- 1) Teste escrito, teórico-prático, individual e presencial para avaliar a aquisição de conhecimentos ao nível dos conceitos, métodos, técnicas, capacidade de análise e de relacionar a teoria e a prática, sobre as diferentes temáticas.
- 2) Trabalho de grupo escrito em que se avaliam as capacidade de saber fazer (interpretar a realidade, relacionando teoria e prática; rigor científico; empenhamento na qualidade do trabalho) e de resolver problemas. O trabalho de grupo serve também para avaliar o desenvolvimento de competências ao nível da capacidade de mobilizar o grupo para os objectivos, promovendo a cooperação e a solidariedade, assim como a capacidade de negociação, de tolerância e de respeito pela diversidade de opiniões.
- 3) Exposição oral e discussão do trabalho de grupo onde se avalia a capacidade de comunicar resultados, mas também as atitudes e comportamentos (atitude colaborativa e participativa; promoção da cooperação e da solidariedade; respeito pela diversidade de opiniões).
- 4) Participação nas aulas (atitude colaborativa e participativa; promoção da cooperação e da solidariedade; atitude crítica, saber questionar de forma pertinente factos e ideias; respeito pela diversidade de opiniões).
- 5) Participação em actividades na Universidade ou fora que tenham relevância para as temáticas. Entrega de um pequeno ensaio sobre a contribuição das actividades desenvolvidas para a aprendizagem na UC.
- 6) Participação na organização de eventos na Universidade ou fora com pertinência para a aquisição de competências. Entrega de um pequeno relatório sobre as actividades desenvolvidas.

Na primeira aula da Unidade Curricular a professora deve apresentar uma proposta do peso dos diferentes elementos que será discutida e ajustada com os alunos.

Proposta do peso dos diferentes elementos que deverá ser discutida com os alunos

Tipo	%
Teste teórico-prático	30
Trabalho de grupo	30
Apresentação oral do trabalho de grupo	20
Participação nas aulas	10
Participação em actividades na Universidade ou fora	5
Participação na organização de eventos na Universidade ou fora	5
TOTAL	100

Ao nível da avaliação o principal problema que deve ser evitado é a impossibilidade de um conhecimento personalizado dos alunos. O número muito elevado de alunos por unidade curricular, muitos grupos ou grupos com muitos elementos, reduz a capacidade de trabalho dos grupos, diminui a oportunidade de participar e impede o professor de conhecer as dinâmicas da turma. Numa UC com um número reduzido de alunos é possível estabelecer relações de maior proximidade com reflexos positivos nas actividades lectivas, mas também outras ligadas à vida académica, gerando-se dinâmicas de grupo mais fortes.

Apesar da institucionalização na Universidade de Lisboa, ao nível do 1º Ciclo, da realização de inquéritos para avaliar e garantir a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na última sessão procederemos a um “balanço” sobre o modo como funcionou a unidade curricular. O objectivo é ter em tempo útil propostas que permitam melhorar no futuro esta unidade curricular e outras pelas quais sou responsável.



Renée Magritte (1949) *The Empire of Light I*

PARTE II

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

GEOGRAFIA DA NOITE

Em cidades como Munique, Berlim, Lausanne, Anvers e Lisboa, todos os anos, são organizados eventos chamados *Noite dos Museus*. Em 2005, o Museu de Arte Antiga, em Lisboa, recebeu mais de 5 mil visitantes. No Porto, Serralves em Festa, 40 horas non-stop, teve o seu momento mais alto, em 2007, com as 15 mil pessoas que por lá passaram durante a noite. Na noite de inauguração do Museu Berardo, em 2007, entre as 23 e as 9 horas da manhã, o Centro Cultural de Belém recebeu mais de 10 mil pessoas. A retrospectiva sobre a obra de Amadeu de Sousa Cardoso, na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2006-2007, teve mais de 100 mil visitantes, muitos dos quais nos últimos 3 dias em que a exposição esteve aberta continuamente.

Berlim promoveu, em 2006, a primeira Noite Europeia da Ciência. Em Copenhague ocorre a *Noite da Cultura* que, em 2008, envolveu mais de 300 entidades. *Fête des Lumières*, em Lyon, *Luci d'Artistes*, em Turim, *Luzboa*, em Lisboa, e *Nuits Blanches*, em Paris, Bruxelas, São Petersburgo ou Roma, convidam através da arte da luz à descoberta da cidade nocturna e incitam ao debate sobre a noite na cidade. Os eventos culturais nocturnos impõem-se como um meio de animação das grandes metrópoles e um utensílio nas políticas de *marketing* territorial.

Mas a vida das cidades à noite não tem apenas a ver com festa, diversão ou cultura. Há muito que as grandes unidades industriais funcionam em contínuo para rendibilizar o investimento em capital fixo. Nos serviços o trabalho após as 20h é *normal*. Calcula-se que mais de 20% da população activa dos países desenvolvidos trabalhe em horários que incluem períodos significativos entre as 20 e as 8 horas da manhã (Gwiazdzinski 2003). Nas grandes metrópoles os transportes funcionam por períodos de tempo cada vez mais longos. Em Nova York o metropolitano funciona toda a noite. Em Lisboa, Londres, Berlim, Budapeste ou Paris foram criados circuitos nocturnos de transportes públicos.

Na larga maioria dos países europeus os horários de funcionamento das actividades comerciais liberalizaram-se. Na Polónia as grandes superfícies podem laborar 24 horas por dia. As pequenas mercearias de bairro, em Lisboa, permanecem abertas durante mais horas para poderem concorrer com as lojas de *discount* e os supermercados. As lojas de conveniência implantam-se nos principais bairros residenciais, mas também nas áreas de

serviço dos distribuidores de combustíveis. As noites especiais no comércio, como os saldos nocturnos, fazem furor. Os bares e restaurantes que só funcionam à noite são em número crescente e concorrem com um número cada vez mais vasto de unidades de cadeias de *fast-food* que oferecem os seus produtos durante, pelo menos, uma parte da noite. Os distribuidores automáticos, inicialmente só de bebidas e produtos alimentares, chegam ao mercado dos vídeos, dos livros e dos produtos de saúde e bem-estar e permitem consumir continuamente.

Nos Estados Unidos, os ginásios, as bibliotecas, as creches e mesmo os tribunais funcionam, em algumas cidades, de dia e de noite. Nas periferias de Lisboa os pavilhões gimno-desportivos e as piscinas públicas animam-se com actividades que se prolongam por vezes para lá das 24 horas. No Parlamento de Estocolmo há uma creche que funciona enquanto duram as sessões nocturnas para que os deputados e funcionários possam ter onde deixar os filhos enquanto trabalham. A maior parte das grandes decisões políticas ocorrem durante a noite. “Às 00.45 chegou-se a acordo sobre o Tratado de Lisboa”² “ Era já noite alta quando o plano do Presidente Obama foi aprovado pelo Senado”³.

Os modos de vida mudam. Os ritmos biológicos alteram-se. Hoje, em França, as pessoas dormem, em média, menos 1 hora e deitam-se, em média, 2 horas mais tarde do que há 50 anos (Espinasse e Buhagiar 2004). As cadeias de televisão e de rádio funcionam continuamente. Sem sair de casa através dos novos sistemas de comunicação acedemos a serviços e produtos 24 horas por dia, 7 dias por semana: procuramos informações, executamos e distribuimos trabalho, damos ordens às entidades bancárias, encomendamos comida, pagamos impostos, marcamos exames médicos, fazemos as compras no portal do supermercado, reservamos bilhetes de aviões, hotéis e restaurantes, assistimos a espectáculos, participamos na vida política, exercemos os nossos direitos de cidadania, participamos em grupos de discussão... O tempo em contínuo da economia e das redes sobrepõem-se ao ritmo circadiano dos nossos corpos e das nossas cidades. O tempo global impõe-se ao tempo local. A separação entre tempo de trabalho e tempo pessoal torna-se cada vez mais ténue e difusa.

Ao emanciparem-se dos constrangimentos naturais, através das novas tecnologias de iluminação e de comunicação, as cidades animam-se sob a influência de modos de vida cada vez mais dessincronizados. A iluminação ao controlar a obscuridade alterou a nossa percepção dos ritmos da sucessão do tempo. A luz, pouco a pouco, apodera-se do espaço nocturno, controlando ameaças e imprimindo novas dinâmicas às diferentes esferas da sociedade: economia, política e cultura. Definitivamente, a noite deixou de poder estar associada ao tempo em suspenso, ao recolher obrigatório.

² Título da 1ª página do jornal *Público* em 20-10-2007.

³ Notícia do telejornal *À Noite* (RTPN) em 10-2-2009.

À medida que a separação entre dia e noite se atenua, e como este processo é mais evidente nas grandes áreas urbanas, a tendência é para associar cidade a luz e áreas rurais a escuridão ou a noite. O facto de se continuar a poder ver estrelas nas nossas aldeias não significa que durante a noite não haja vida para além do tempo livre.

Nas áreas rurais, em Portugal, a noite esteve associada, até há bem pouco tempo, à realização de trabalhos agrícolas colectivos como as desfolhadas ou as pisadelas do vinho, e servia também de espaço e de momento do convívio social. Muitas das festas religiosas tinham os momentos altos à noite como acontecia com os Autos da Paixão ou as procissões das velas. No Natal, o madeiro ainda hoje continua a arder durante dias no adro da igreja, mas o ponto alto é à noite, apesar das temperaturas quase sempre negativas. As Festas dos Rapazes em Trás-os-Montes encerram com a queima do Entrudo que ocorre quase sempre de noite, para prolongar o mais possível a festa, mas também para tirar partido da beleza do espectáculo do fogo. A tradição obriga que as romarias acabem com um belo fogo-de-artifício e este para surtir efeito tem de ser lançado já a noite vai avançada. É também nas áreas rurais que se instalam as actividades de observação do céu. A obrigatoriedade de se localizarem em sítios sem poluição luminosa leva-as para longe das áreas urbanas.

O primeiro grande festival de música ligeira, em Portugal, realizou-se na pacata aldeia de Vilar de Mouros em Agosto de 1971. Assistiram milhares de pessoas e o ambiente que se viveu só foi possível no contexto político da época porque o poder não acreditou que as pessoas se deslocassem para um sítio tão remoto. Hoje, os chamados festivais de Verão continuam a procurar áreas afastadas dos grandes centros urbanos, como a Ilha do Ermal, em Vieira do Minho, as Andanças em Carvalhais, S. Pedro do Sul, o Sudoeste na Zambujeira do Mar ou Boom Festival na Barragem Marechal Carmona, em Idanha-a-Nova. Os objectivos são, por um lado, reduzir os impactos em termos sonoros, pois os espectáculos prolongam-se pela noite dentro e provocam muito barulho mas, também, porque só assim se consegue reunir condições para concentrar as multidões que movimentam.

Mais recentemente o trabalho agrícola nocturno impôs-se de novo. A apanha das folhas de tabaco ou das flores do lúpulo, por exemplo, tem de ocorrer num espaço de tempo muito limitado se se quer garantir a qualidade através de um determinado grau de maturação, o que frequentemente obriga a que o trabalho seja realizado de forma contínua sem interrupção à noite. No caso do vinho algumas empresas desenvolveram nos últimos anos produções específicas em que as uvas são vindimadas durante a noite para que a fermentação possa ocorrer em condições ideais de temperatura, o que confere ao produto final características únicas. Processo semelhante ao que se passa com o *vinho de gelo* da Península de Niágara, no Canadá, que é produzido com uvas recolhidas ainda durante a noite quando, no início do Outono, ocorrem as primeiras temperaturas negativas e que, pela qualidade, consegue preços muito elevados no mercado.

No passado os indivíduos que viviam nas grandes cidades erguiam-se às 6 horas da manhã para iniciar a jornada de trabalho, hoje às 6 da manhã deitam-se os que vêm da festa ou os que trabalharam duramente durante a noite para preparar a cidade para o dia que nasce. O tempo tem hoje ritmos diferentes dos do passado e as mudanças não dizem apenas respeito ao uso do espaço-tempo noite. O repouso semanal e os dias feriados propícios às práticas sociais festivas, culturais ou de lazer já não são respeitados e os reflexos na utilização dos espaços públicos estão à vista. O longo período de férias anual, que justificava a saída dos locais habituais de residência, raramente acontece e as férias são repartidas por períodos curtos que já não surtem o efeito de descanso do passado. Os novos ritmos decorrentes dos horários de trabalho flexíveis levam à dessincronização dos tempos de vida social e familiar e geram novas necessidades em termos de funcionamento das actividades económicas e sociais, obrigando a deslocações que promovem cada vez mais a utilização dos meios de transportes individuais. Os novos ritmos não só modificam as relações sociais e os comportamentos individuais, como estão a alterar as relações com o território.

Com este programa pretende-se, em primeiro lugar, contribuir para o conhecimento dos territórios à noite. Em segundo lugar, a partir da identificação dos factores de mudança dos usos do tempo vamos procurar compreender quais os reflexos sobre a organização dos territórios à noite. Por fim, pretendemos a partir de exemplos e casos de boas práticas no planeamento e na gestão do território à noite, reflectir sobre o modo estes conhecimentos e experiências podem ser incorporados para criar melhores condições de vida e promover um desenvolvimento sustentável dos territórios.

Referências bibliográficas:

Espinasse C; Buhagiar P (2004) *Les passagers de la nuit. Vie nocturne des jeunes*. Paris: Editions L'Harmattan.

Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24 heures*. Paris: Editions de l'Aube.



Van Gogh (1889) *Noite com Estrelas*, New York: The Museum of Modern Art (MoMA)

I. CONHECER OS TERRITÓRIOS À NOITE

“A noite sugere, não mostra. A noite perturba-nos e surpreende-nos pela sua estranheza, liberta em nós forças que durante o dia são dominadas pela razão.”

Brassaï. Editions Centre Pompidou, Paris, 2000: 157

1. NOITE NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE TEMPO

«A temporalidade é uma estrutura organizada, e esses três pretensos "elementos" do tempo, passado, presente, futuro, não devem ser considerados como uma colecção de "dados" cuja soma deve ser feita - por exemplo, como uma série infinita de "agora", alguns dos quais ainda não são, outros que não são mais -, mas como momentos estruturados de uma síntese original. Senão encontraremos, em primeiro lugar, este paradoxo: o passado não é mais, o futuro ainda não é, quanto ao presente instantâneo, todos sabem que ele não é tudo, é o limite de uma divisão infinita, como o ponto sem dimensão.»

Jean-Paul Sartre, in 'O Ser e o Nada'⁴

Tempo e planeamento: uma relação social

Esquecida durante muito tempo, noite começa por ser, para o planeamento, uma questão de tempo. Hoje, afirma-se, cada vez mais, como uma questão de espaço de vida.

A noção de tempo, como hoje a conhecemos no mundo ocidental, surge no século XVIII, com a filosofia das luzes (Guyau 1998). A ideia de tempo passou a assentar no princípio que o presente tinha as suas raízes no passado, mas podia projectar-se no futuro. A previsão do futuro fundada na razão que então se desenvolveu opunha-se à profecia que era o modo dominante de relação com o futuro até à época. Em ruptura com o passado, a concepção moderna do tempo construiu-se em torno da noção de progresso.

O tempo tornou-se matéria de planificação e os homens passaram a impor a sua marca sobre o curso dos acontecimentos. O presente construía-se com base no passado e afirmava-se pelo futuro. O futuro estava aberto à acção humana (Lippincott 2000). O futuro era previsível a partir do conhecimento do presente e de técnicas racionais de planear. Quase todo o século XX foi caracterizado por esta noção de tempo. Mas esta

⁴ <http://acrosstheunivers3.wordpress.com/2008/03/13/frieden-im-krieg/>.

concepção entrou em crise porque, de acordo com R. Koselleck (1990), a separação entre espaços de experiência e horizontes das expectativas não parou de crescer. As expectativas sobre o futuro ficaram cada vez mais distantes das experiências do presente. Para responder às expectativas sobre o futuro, o presente deixou de poder basear-se apenas nos recursos do passado. Pode-se dizer que o passado já não fornece sentido à acção presente e que o futuro está cada vez mais dependente de novos investimentos, de novos sentidos, de novas estratégias para que seja capaz de fazer face à incerteza e imprevisibilidade do mundo em que vivemos (Lippincott 2000). O mundo nos últimos 20 anos mudou muito e a um ritmo nunca antes experimentado. As novas necessidades sociais valorizam a fluidez, a flexibilidade e a capacidade de adaptação (Landry 2000). Para responder aos contextos de crescente incerteza e imprevisibilidade são necessárias novas abordagens sustentadas em recursos como a criatividade, a iniciativa, a diversidade, a capacidade de negociar e de mobilizar os actores para objectivos comuns. Isto não significa que as condições do passado deixem de pesar sobre o presente, mas o que temos de fazer é da-lhes novos sentido, inovar no modo como as utilizamos para serem um potencial para o futuro.

Uma das razões do desfasamento entre experiências e expectativas ao nível dos territórios é o facto de se continuar a planear sem ter em conta as necessidades presentes decorrentes dos novos ritmos e dos novos modos de viver. Este desfasamento ocorre em muitas situações, mas é evidente no facto de na maior parte dos processos de planeamento territorial não se ter em conta, um período de tempo, a noite. Como a relação entre tempo e território tem implicações em todas as esferas da sociedade (economia, política, cultura) não ter em conta a noite nos processos de planeamento é como amputar aos territórios uma parte da sua vida.

A noite é um espaço-tempo com características específicas que têm de ser tidas em conta no planeamento territorial para que comecemos a concretizar no presente as expectativas de qualidade de vida que na perspectiva do passado só poderiam ser alcançadas num futuro longínquo.

Hora e território: uma questão de política

Planear o tempo no território começou por ser uma questão de regular horas. Hoje, é acima de tudo uma questão de articular ritmos de vida cada vez mais dessincronizados. O que interessa no planeamento territorial é compreender as expectativas e os modos como os actores se comportam nos territórios, tendo em conta os ritmos do tempo.

A regulação do tempo através do estabelecimento de uma hora comum é uma invenção recente e foi uma forma de controlar de forma centralizada os ritmos nos territórios

(Paquot 2000; Levine 1997). O desenvolvimento dos meios de transportes no século XIX ao permitir deslocações mais rápidas, teve como efeito colocar em contacto territórios que viviam sob temporalidades diferentes. Perante a necessidade de uniformização dos tempos locais, o estado nacional procurou criar um sistema que regulasse a hora nos seus territórios.

Em princípios do século XIX Portugal, à semelhança de outros países europeus, adoptou o Tempo Solar Médio, definido a partir do meridiano de Lisboa, para uniformizar a Hora Legal no território nacional⁵. Mas a deficiente circulação da informação levou a que ao nível local a vida continuasse a ser regulada pelos ritmos naturais, sucessão dos dias e noites, sequência das estações do ano e pelos calendários religiosos. Em Portugal, os primeiros serviços a terem de obedecer às instruções regulamentares relativas às horas e duração do tempo de trabalho foram as estações dependentes da Direcção Geral dos Correios, Telégrafos e Faróis, a partir de 1881.

A partir de 1 de Janeiro de 1912, a definição da hora em Portugal deixou de ter como base o meridiano de Lisboa⁶ e passou a reger-se pelo Fuso das 00:00 horas (Greenwich). Assim, a Hora Legal em Portugal Continental foi adiantada de 36^m 44^s 68, correspondendo à diferença de longitudes entre os meridianos do Observatório Astronómico de Lisboa e de Greenwich (www.oal.ul.pt).

Em 1986, com a entrada na CEE, a definição da Hora Legal passou a ser estabelecida em conformidade com as directivas da Comunidade Europeia pelo chamado Tempo Universal Coordenado (UTC), já em uso legal na maior parte dos países. As mudanças e definições actuais são regulamentadas pela coordenação exigida dentro da União Europeia (Sétima Directiva n.º 94/21/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 30 de Maio de 1994). Na UE continua a haver um debate muito vivo sobre a harmonização da hora legal (mudar ou não mudar a hora no Verão, estabelecer ou não uma hora única para todo o território que já abrange 3 fusos horários) que tem sido estimulado pelos problemas que se levantam com a diversidade de horas para os trabalhadores transfronteiriços, as empresas de transportes e o funcionamento dos mercados financeiros, revelando a importância da escala na dimensão da Europa.

O tempo é uma noção subjectiva e a definição da hora legal uma questão política. Na Rússia, um país com 9 horas legais diferentes, e nenhuma igual à da China, ali mesmo ao lado, os horários dos comboios são estabelecidos em todo o território com a hora de

⁵ Sobre a evolução da hora em Portugal ver www.oal.ul.pt.

⁶ Em Portugal o meridiano de lugar sempre foi definido pelo meridiano que passa no Observatório Astronómico de Lisboa (Universidade de Lisboa), mas é um caso raro. Em muitos países da Europa o meridiano de lugar era definido por um ponto que passava dentro de uma igreja. Os primeiros relógios também foram instalados dentro das igrejas. O que revela como a Igreja não queria deixar de ser a “dona do tempo”.

Moscovo. Assim, quando se chega a Irkutsk, com uma hora legal de mais 4 h do que Moscovo, ou Vladivostok, com mais 8 h do que Moscovo, os horários dos comboios que se encontram afixados na estação indicam a hora de Moscovo. Os relógios das estações e os relógios que existem dentro dos comboios que circulam em toda a Rússia exibem a hora da capital, Moscovo.

Na China, um país cortado por vários meridianos, a hora legal não varia e é sempre igual, em todo o território, à de Pequim. O que significa que os territórios mais afastados acabam por se regular pela hora solar. Por exemplo, os trabalhadores de Yarkand, na parte mais ocidental do país, começam a trabalhar às 4 h da manhã de Pequim, mas às 8 h na hora solar local.

A Mongólia, localizada entre a Rússia e a China, mudou, recentemente, a hora legal. Passando a utilizar a da China, em vez da hora Rússia. Até 1989, a Mongólia tinha uma economia sustentada pela URSS como contrapartida do seu papel militar como barreira às intenções expansionistas da China. Com o desaparecimento da URSS o país entrou em ruptura social, económica e política, deixando a pouco e pouco a esfera de influência da Rússia e aproximando-se da China. A mudança da hora legal expressa estas transformações.

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação vieram introduzir outras mudanças na noção de tempo e de hora. Por um lado, temos o tempo dos fluxos de informação, em que se englobam os fluxos financeiros, que circulam em tempo real e que ignoram os territórios e os estados e, por outro, temos as horas da organização material das empresas, dos processos de produção e da vida social e pessoal. Os conflitos são de várias ordem e a incapacidade dos Estados em controlar o tempo dos movimentos de capitais contribuiu para a fuga para paraísos fiscais, o descontrolo das receitas fiscais e a delinquência financeira que contagiou ao nível mundial os mercados com produtos ditos “tóxicos” quebrando a confiança e pondo em risco a economia de muitos países e empresas. A impossibilidade de conciliar os tempos da justiça com a rapidez de reacção dos sistemas fraudulentos só aumenta a instabilidade, acentuando a separação entre lógicas temporais e lógicas territoriais.

O facto de a qualquer hora do dia e, em particular, à noite, através das novas tecnologias de informação e comunicação o número de pessoas que têm acesso a toda uma gama de bens e serviços estar a crescer revela a crescente separação entre lógicas de consumo (reguladas por horas à escala internacional) e as lógicas territoriais (reguladas por horas à escala regional ou local). À medida que as práticas sociais (consumo, produção, lazer...) através da intermediação electrónica se vão desligando dos conceitos espaciais tradicionais de distância e proximidade, o controlo político sobre os territórios com base na hora tende a atenuar-se. Este facto torna ainda mais pertinente a necessidade de planear os territórios para que possam ser vividos 24h/24h.

Geografia do espaço-tempo

Torsten Hägerstrand (1916-2004), professor de Geografia na Universidade de Lund (Suécia), foi o precursor da introdução nas análises espaciais das coordenadas relacionadas com o tempo, criando o que ficou conhecido como *Space-Time Geography*. As ciências sociais que estudavam os efeitos do espaço nos comportamentos humanos viam as decisões apenas em termos de distância e tinham tendência a analisar o tempo como um factor externo, algo que poderia ser importante para compreender determinado fenómeno, mas não seria essencial (Pred 1981). Com a investigação desenvolvida por Hägerstrand ficou demonstrado que o tempo tinha um papel fundamental quando se pretendia analisar os sistemas económicos e sociais. Um dado local pode estar próximo fisicamente, mas se não conseguimos ter tempo suficiente para nos deslocarmos até lá, a proximidade espacial por si só não é suficiente para que o visitemos.

Hägerstrand desenvolveu um modelo tridimensional, um prisma, em que o eixo vertical representava o tempo, e onde podia representar o percurso no tempo e no espaço dos indivíduos. Com este modelo procurou demonstrar que a actividade espacial das pessoas era limitada por determinados constrangimentos e não dependia apenas de decisões de indivíduos independentes e autónomos em termos de tempo e de espaço (Pred 1981). Os constrangimentos identificados eram de três tipos: *capability* (capacidade), *coupling* (ligação) e *authority* (autoridade ou jurisdição).

Os constrangimentos relacionados com *capability* referiam-se a limitações no movimento humano resultantes de factores físicos e biológicos. Por exemplo, uma pessoa não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo e como não se desloca instantaneamente de um lugar para outro existe uma íntima relação entre tempo e espaço. As pessoas que se deslocam em meios de transporte têm vantagens em termos de tempo sobre as que se deslocam a pé. Mas também a necessidade biológica de em cada 24 horas haver cerca de 8 horas de sono.

As limitações ligadas ao *coupling* resultavam da necessidade de estar num determinado lugar, num período específico de tempo, para que se desenvolvesse uma actividade ou ocorresse um acontecimento. A coincidência espaço-tempo seria condição necessária, por exemplo, não trabalhamos em qualquer lugar, mas num sítio específico onde permanecemos num determinado período de tempo. Para adquirir um determinado produto teríamos de ir, dentro de um determinado horário, a um determinado lugar.

Existem constrangimentos na utilização dos espaços decorrentes de haver autoridades ou jurisdições que limitam o acesso, sempre ou em determinados períodos de tempo. Os percursos de uma pessoa não passam, normalmente, por uma base militar ou por um clube privado.

A Geografia do espaço-tempo de Hagerstrand veio a ser determinante para o trabalho de outros investigadores e, em particular, na constituição da teoria da estruturação (Gama 2007). Anthony Giddens, na Sociologia, e Alan Pred, Nigel Thrift e Derek Gregory, na Geografia, procuraram desenvolver novas concepções em que se superasse a dualidade entre práticas e estruturas e entre determinação e liberdade. O objectivo era encontrar uma “terceira via” entre estruturas, relações estruturais e sistémicas, por um lado e, por outro, indivíduos, práticas individuais e relações interpessoais. Entre as várias temáticas tratadas Giddens ocupou-se das questões da produção social da vida quotidiana e recorreu aos trabalhos da Geografia do espaço-tempo, embora tecendo muitas críticas (Gama 2007). Aos geógrafos interessava, sobretudo, a reflexão sobre a espacialidade da vida quotidiana como expressão dos processos de socialização dos indivíduos e dos lugares, das relações de poder e de reprodução cultural dos contextos sócio-espaciais (Gama 2007). As práticas sociais dão sentido aos lugares e o espaço não é apenas o suporte, mas participa nas relações sociais, cabendo a cada sociedade modos de organização do espaço específicos. Esta abordagem permitiu uma abordagem mais humanista, o lugar envolve sempre uma apropriação, uma transformação do espaço e da natureza que é indissociável da reprodução e transformação da sociedade no tempo e no espaço (Gama 2007).

Torsten Hägerstrand mostrou a pertinência da questão tempo nas análises do espaço e as suas consequências sem termos económicos e sociais. A inovação introduzida nas relações espaciais pelas tecnologias de informação e comunicação vem, precisamente, no sentido de superar dois dos constrangimentos identificados (*capability* e *coupling*): hoje com as novas tecnologias de informação e comunicação podemos estar em mais de um lugar ao mesmo tempo e para participar num evento não tem de haver simultaneidade entre lugar e momento. Em contrapartida, as limitações no território decorrentes de autoridades e jurisdições não param de crescer com a privatização dos espaços (condomínios privados, centros comerciais...) mesmo dos espaços que deviam ser colectivos (encerramento de espaços públicos como parques urbanos, praças, ruas, para eventos como espectáculos de música ou publicidade).

Empregos do tempo e usos do espaço

No passado o tempo dos territórios começou por ser ditado pelos ritmos naturais, a sucessão dos dias e das estações do ano. Com a urbanização da população o tempo dos territórios passou a depender da organização industrial do trabalho e os fluxos passaram a ter horas mais ou menos fixas, independentemente, da duração do dia e da noite (Godard 1997). Hoje, na sociedade dos serviços, os ritmos são cada vez mais dessincronizados, fragmentando os tempos sociais (Ascher 1997). Os impactos nos territórios são evidentes. Na sociedade organizada pela indústria transformadora, as deslocações tinham amplitudes

reduzidas, os espaços de convívio social coincidiam com os espaços de trabalho e de residência. Os espaços de lazer como os *Tivoli*, das cidades da Europa Central e do Norte, e as Feiras Populares, das cidades do Sul, por exemplo, estavam próximos dos locais de residência e de trabalho. Os cinemas localizavam-se nos bairros onde as pessoas habitavam.

Na sociedade dos serviços raramente vivemos no mesmo lugar onde trabalhamos, para usufruir os espaços de lazer, como os grandes parques urbanos, as frentes de água requalificadas ou os *mega* centros comerciais, as pessoas têm de fazer deslocações longas, que implicam gastos em termos de tempo e de dinheiro. O desenvolvimento dos sistemas de mobilidades, as novas tecnologias de informação e comunicação, a redução do tempo de trabalho e as políticas de flexibilização da força de trabalho, a crescente separação entre locais de residência e locais de estudo e de trabalho, transformaram profundamente o dia-a-dia das pessoas geraram novos ritmos na sociedade e nos territórios (Boulin 2000) e alteraram as necessidades de serviços.

A abordagem económica do espaço e do tempo tem-se baseado numa lógica de crescimento da acumulação que, muitas vezes, se limita à esfera da produção (Ascher 1997). Hoje esta abordagem tem de ter em conta todo o tempo e todos os espaços para além da esfera da produção. Os grupos sociais e as actividades entraram em dinâmicas de desenvolvimento que modificam as relações e as atitudes do dia-a-dia que se relacionam com o tempo e com o espaço. Assim, para aumentar o seu espaço útil, os actores económicos e os indivíduos desenvolvem novas formas de mobilidade, para disporem de mais tempo racionalizam o emprego do tempo, acelerando os ritmos, economizando tempo, aumentando a produtividade (Godard 1997) e, acima de tudo, comprando o tempo dos outros através do consumo de serviços. A relação espaço-tempo ganha uma importância quer para a sociedade, quer para os indivíduos e expressa-se de forma cada vez mais evidente nos territórios em funcionamento 24 horas por dia, 7 dias por semana e 365 dias por ano, onde os cidadãos gerem de forma cada vez mais individualizada o emprego do tempo e os usos do espaço.

Com novos empregos do tempo e novos usos dos territórios, a noite deixa de ser apenas o tempo do descanso social e precisa de cada vez mais atenção em termos de planeamento para que não se gerem novas pressões e conflitos. A noite transforma-se num espaço-tempo com novos valores para a sociedade.

Noite: uma construção cultural?

*“Il fait nuit ?
Cela dépend.
Cela dépend de quoi ?
De nous.”*

Eugène Guillevic⁷

A definição astronómica de noite é o intervalo de tempo entre o pôr e o nascer do Sol. Os limites naturais da noite variam com a latitude e com a época do ano mas, em média, a noite dura sempre metade do tempo de um ano, a distribuição ao longo do ano é que vai variando. Em Portugal, a noite mais longa ocorre no solstício de Inverno, entre 21 e 22 de Dezembro, e a mais curta ocorre no solstício de Verão, entre 21 e 22 de Junho.

Os limites da noite são difíceis de estabelecer pois podem ter diferentes naturezas e variam conforme os lugares, as culturas e a sensibilidade pessoal (Paquot 2000). A noite pode ser definida em função da diminuição da intensidade das actividades económicas e das relações da vida social no espaço público e pelo crescimento das funções que se orientam para a esfera privada. Um estudo realizado em Estrasburgo revelou que a cidade parava apenas entre as 1h 30m e as 4h e 30m da manhã (Gwiazdzinski 2007). A distribuição do tráfego da Internet, em Portugal, mostra que os picos de utilização só decaem depois das 3h da manhã (www.marktest.pt). Mas há áreas nas grandes cidades que só ganham vida depois da meia-noite, quando começam a chegar os clientes das discotecas e dos bares. As variações nos limites da noite podem, assim, ser semanais, mensais ou anuais. No caso das actividades de lazer nocturnos, em geral, as noites de sexta-feira e sábado são as mais animadas pois, há vida nos espaços públicos e privados até mais tarde. Contudo, o facto de numa dada cidade muitos destes utilizadores da noite serem jovens estudantes, fora do seu local habitual de residência e que se deslocam ao fim de semana a casa, leva a que as noites de quinta-feira possam ser das mais animadas. Ao longo do mês existem também diferenças que se relacionam directamente com a disponibilidade de dinheiro, com o momento em que se recebem as remunerações. Ao longo do ano, as variações nas temperaturas podem tornar mais ou menos convidativas certas actividades, particularmente, as que decorrem ao ar livre, contribuindo para a construção da noção de noite com limites cada vez mais ténues.

A noite pode ter limites legais quando se estabelece, por exemplo, que o trabalho desenvolvido num determinado período de tempo é considerado trabalho nocturno e, portanto, tem de ter uma remuneração ou uma duração diferente. Quando a tarifa de táxi

⁷ Citado em Lévy (2005: 28).

ou o preço dos medicamentos aumenta a partir de uma dada hora, estamos perante delimitações legais de noite. Estes limites são muito diferentes conforme as actividades e os países e têm evoluído ao longo do tempo.

Nas sociedades onde ocorrem diferenças nas formas de educação segundo o género é frequente ser exigido às raparigas que cheguem a casa antes da escuridão se instalar na rua. A hora do “recolher obrigatório” é determinada pelo género, mas varia ao longo do ano.

No Ramadão o jejum tem de ser observado durante o período em que o Sol está acima do horizonte. À noite pode-se comer. E a noite que assinala o fim do Ramadão é uma das mais animadas do ano, com a reunião da família para partilhar uma refeição em que se fazem muitas iguarias especiais para aquele momento.

No Egipto, no Verão de 1995, assistimos a duas situações que revelam a importância das condições de temperatura para as práticas dos indivíduos. Em Assuão as ruas comerciais só se animavam com o desaparecer do Sol, as temperaturas superiores a 40 graus durante o dia convidavam ao recolhimento no conforto da sombra dos pátios das casas. À noite, milhares de pessoas, de todas idades e condições sociais, circulavam pelas ruas comerciais, a passear ou a fazer as compras. No Cairo, às 3h da manhã, dezenas de jovens jogavam futebol nos parques de estacionamento do aeroporto. Aproveitavam o período mais fresco, o espaço vazio e os potentes holofotes da iluminação pública para praticarem desporto.

Para Gwiazdzinski (2007) existem três tempos na noite que correspondem a três formas diferentes de ocupação dos espaços públicos: das 20 às 1h e 30m a noite avança invadida pelas actividades do dia, é o período das saídas culturais, com os amigos, dos passeios, pode-se ficar nos espaços públicos ou regressar a casa; das 1h 30m às 4h 30m é o coração da noite, o momento em que a cidade descansa, nos espaços públicos ficam os noctívagos e os trabalhadores com funções específicas, em geral, estão na noite para ficar; das 4h 30m às 6h é a madrugada, a noite acaba e o dia começa, os que regressam da noite encontram-se com os que começam o dia de trabalho.

Não existe uma noite, mas múltiplas noites. A noite é um espaço-tempo com limites fluidos e com naturezas que variam de acordo com diversos aspectos, mas acima de tudo com as diferentes culturas.

Bibliografia recomendada para leitura

- Boulin J-Y (2000) “Nouveaux rapports temps, espace et société” *DATAR G.6. «T&T». Atelier de Belfort – 26-27 Octobre 200, p. 16-18.*
- Godard F (1997) “A propos des nouvelles temporalités urbaines” *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77, p. 7-14.*
- Paquot T (2000) “Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles” *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87, p. 8-15.*

Referências bibliográficas

- Ascher F (1997) “Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme” *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77, p. 113-122.*
- Gama A (2007) “Uma revisitação à Time-Space Geography” *Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia. Lisboa: CEG, p. 99-112.*
- Guyau J-M (1998) *La genèse de l'idée de temps.* Editions L'Harmattan, Paris.
- Gwiazdzinski L (2007) *Nuits d'Europe, pour des villes accessibles et hospitalières.* Belfort: Chantiers.
- Koselleck R (1990) *Le futur passe. Contribution à la sémantique des temps historiques,* Paris: EHESS.
- Levine R (1997) *A Geography of Time: on Tempo, Culture, and the Pace of Life.* New York: Basic Books.
- Lippincott K (2000) *L'histoire du temps,* Paris: Larousse.
- Landry C (2000) *The Creative City – A Toolkit For Urban Inovators.* London: Earthscan.
- Levine R (1997) *A Geography of Time: on Tempo, Culture, and the Pace of Life.* New York: Basic Books, p. 3-25.
- Lévy R (2005) “Penser la nuit” in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) *La nuit en question(s).* Paris: Ed. l'Aube.
- Pred A (ed.) (1981) *Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hagestrand.* Lund: Gleerup.

Sítios na Internet

www.oal.ul.pt – Observatório Astronómico de Lisboa, Universidade de Lisboa.

2. REPRESENTAÇÕES E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS

“Parece-me que a noite é muito mais viva e ricamente colorida do que o dia.”

Vincent Van Gogh, 8 de Setembro de 1888⁸

A noite é de todos os momentos, aquele que encerra as representações mais negativas (Heurgon 2005). Em quase todos os domínios do saber a noite surge como metáfora da ignorância, da superstição e do fanatismo. Falamos da “noite dos tempos” para referir períodos muito recuados no tempo sobre os quais pouco sabemos. A “longa noite fascista”, a “noite das facas longas”, a “noite de cristal”, as noites do KKK, os bombardeamentos em directo na TV na noite de Bagdade, povoam de terror a nossa história colectiva (Alves 2007b).

Por oposição, a luz e o dia estão associados quase sempre ao progresso, ao bem e à evidência (Alves 2007b). Quando queremos esclarecer algo “fazemos luz sobre a situação”, ou quando queremos saber mais “vamos pôr em dia os nossos conhecimentos”. As expressões derivadas de luz estão quase sempre associadas a algo de positivo: iluminar, clarear, aurora, “iluminismo”, “Século das Luzes”, a noite cai, mas o dia nasce ou eleva-se...

Sem a noite, contudo, muitos dos progressos da humanidade não teriam acontecido (Alves 2007b). A noite é por excelência o momento da reflexão e da criação. Sem noite não teria havido, por exemplo, as grandes viagens oceânicas, porque foi a noite que, ao permitir a observação das estrelas, garantiu aos navegadores o sistema de orientação por mares desconhecidos, permitindo dar “novos mundos ao mundo”. E porque será que a maior parte das revoluções nascem de noite?

A noite é, por excelência, o espaço das transgressões, dos ritos iniciáticos, dos noctívagos, dos artistas, dos sonhos e do amor. A noite fascina-nos, perturba-nos, porque no nosso imaginário colectivo a noite está associada aos momentos mágicos. Apesar de toda a carga

⁸ <http://www.moma.org/exhibitions/2008/vangoghnight/>

negativa, da dimensão obscura que continua a inquietar-nos, a noite tem vindo a ganhar uma representação mais poética que valoriza aspectos como a liberdade e a criatividade.

As representações artísticas da noite têm ajudado a entender o universo nocturno e desempenharam um papel fundamental na renovação do modo como sentimos e vivemos este espaço-tempo (Espinasse 2005). As ligações entre arte e noite são fortes e têm-se manifestado em domínios tão diferentes como: a pintura, a fotografia, o cinema, o teatro, a literatura, a música ou as artes plásticas .



Van Gogh and the Colors of the Night (2008-2009) The Museum of Modern Art, Nova York
<http://www.moma.org/exhibitions/2008/vangoghnite/>

A noite através da arte

Na **pintura** a noite começa por estar associada às trevas, aos demónios, a momentos de dor e de perda como a morte. Nas obras de Caravaggio (1571-1610) o jogo entre o escuro e o iluminado faz lembrar a luta entre as trevas e o dia, mas a noite não é pretexto das representações. As personagens colocadas num fundo escuro são iluminadas por focos de luz que fazem lembrar os primeiros raios do sol a nascer. Só no século XIX a noite surge em representações associadas ao luar e às estrelas, o que contribuiu para construir uma visão mais poética de uma realidade carregada de sentidos negativos (Goldberg 2005). Mas é muito difícil encontrar hoje obras com uma visão positiva da noite anteriores a *Noite com Estrelas no Ródano* (1888) e a *Noite com Estrelas* (1889) de Van Gogh. Entre Setembro de 2008 e Janeiro de 2009 o MoMA, The Museum of Modern Art, em Nova York, apresentou a exposição *Van Gogh and the Colors of the Night* que explorava precisamente a obra do

pintor relacionada com a noite. Um estudo realizado com base nos textos escritos por Van Gogh revela a dificuldade que era para o pintor pintar a noite, mas quando finalmente se decide a fazer uma obra constata que afinal lhe parecia que a noite era mais viva e mais ricamente colorida do que o dia.



Renée Magritte (1950) *The Empire of Light II*

Na passagem para a abstracção, a noite e a obscuridade tornam-se uma etapa fundamental (Goldberg 2005). De acordo com a base de dados on-line do *Centre*



Marc Chagal (1969-70) *Saint Paul dans la Nuit Bleue* (<http://www.boulakia.net>)

Pompidou - Musée National d'Art Moderne (<http://collection.centrepompidou.fr/Navigart>) é com o trabalho dos surrealistas, como Marc Chagal (1887-1985) e Renée Magritte (1898-1967), que a noite se torna num tema recorrente na pintura.

Na **fotografia** o negro é a matéria-prima, mas é da união com a luz que nascem as imagens (Werner 2005), “photo” significa luz em grego. A fotografia tem tido um papel fundamental na valorização cultural do negro pois é através do preto e branco que se têm exprimido alguns dos maiores fotógrafos: Robert Doisneau, Sebastião Salgado ou Gerard Castelo Lopes. A noite, especificamente, tem sido o tema de muitos trabalhos desde *Paris de nuit* (1933) de Brassã a *Cimêncio* (2002) de Nuno Cera e Diogo Lopes. De acordo com a base de dados on-line do Centre Pompidou verificamos que a larga maioria dos trabalhos artísticos com referência específica à noite nos títulos são fotografias.



Brassã (1933) *Paris de Nuit* (<http://collection.centrepompidou.fr>)

O trabalho de Brassã (1899-1984) foi o primeiro a possibilitar através das imagens o conhecimento do que eram as ruas de uma cidade durante a noite. Numa época em que as pessoas imaginavam o que ocorria nas ruas e não se atreviam a colocar o pé fora da porta de casa depois de anoitecer, as fotografias de Brassã contribuíram para desmitificar muitas das crenças. As fotografias mostraram pela primeira vez de uma forma sistemática que havia vida à noite em Paris. E que essa vida não se limitava às actividades de “má

fama” como o crime e a prostituição⁹. Dos padeiros e leiteiros, às reparações dos carris dos carros eléctricos, dos transportes aos parques de diversão, passando pelo abastecimento ao mercado de Les Halles ou à recolha dos esgotos domésticos, as fotografias mostram que o trabalho durante a noite já ocupava um lugar muito relevante na vida da cidade. Das casas de diversão nocturna à cumplicidade com um grupo de foras da lei, passando pelos sem-abrigo e as ruas desertas, as fotos de Brassäi mostram também a beleza e a plasticidade da cidade nocturna e ajudaram a construir uma imagem mais poética da noite de Paris. “No fundo fiz uma grande reportagem sobre vida humana” disse Brassäi (Gautrand 2008: 12)

Cimêncio (2002) de Nuno Cera e Diogo Lopes retrata a noite de Lisboa e das suas periferias, repleta de *cimento* e de *silêncio*, e revela uma beleza que só a noite pode conferir. Enquanto a luz do dia nos proporciona muita informação, as paisagens nocturnas nascem, acima de tudo, da nossa imaginação (Alves 2004). Interpretamos as paisagens nocturnas por fragmentos e substituímos os “buracos negros” onde não conseguimos ver nada por elementos gerados pela nossa imaginação.



Carol REED (1949) *The Third Man*

⁹ As fotografias das prostitutas, dos homossexuais e dos hotéis de passagem só foram publicas em 1976 numa obra chamada *Le Paris Secret des années 30* (Paris: Gallimard).

A noite e o **cinema** têm em comum o jogarem com o real e a ficção, serem lugar das ambivalências e dos encontros improváveis (Allemend 2005). O cinema deu a conhecer e ajudou a construir e a compreender os territórios à noite (Christopher 1997). A ligação entre cinema, noite e cidade é muito forte e deu origem a um estilo que ficou conhecido como *Film Noir* (Christopher 1997). O *Film Noir* caracteriza-se do ponto de vista temático pelo facto dos “(...)elementos mais valorizados incluírem uma presença obsessiva de espaços urbanos opressivos e nocturnos (...)”¹⁰ Filmado em preto e branco o objectivo era explorar a tensão entre luz e sombra. A qualidade estética destas obras sobrepôs-se com sucesso à carga negativa. Trabalhos como *Citizen Kane* (1941) de Orson Welles, ou *Sunset Boulevard* (1950) de Billy Wilder, entre muitos outros, ajudaram a construir a imagem da cidade nocturna. Na obra de Carol Reid, *The Third Man* (1950), as ruínas nocturnas de Viena, ainda por reconstruir após os bombardeamentos do fim da 2ª Grande Guerra Mundial, mais do que o cenário onde se desenrola uma história, são pela sua plasticidade o que fez deste filme um *ícone* do cinema (Highmore 2005). Em 2006, Steven Soderbergh fez um *remake* desta obra em *The Good German*, mas com um cenário que retratava Berlim no pós 2ª Grande Guerra Mundial.



George LUCAS (1973) *American Graffiti*

George Lucas em *American Graffiti* (1973) e Francis Ford Copola em *One from the heart* (1981) criaram em estúdio a cidade americana nocturna como a maior parte de nós a imaginamos: néon, cor e movimento. Quando chegamos a Times Square, em Nova York, a sensação é que estamos a entrar no cenário dum filme que já tínhamos visto antes. Se nos deslocarmos apenas dois quarteirões para o lado, esta realidade desaparece e só a voltamos a encontrar em espaços muito limitados no centro de outras grandes cidades ou na cidade encenada que é Las Vegas. Wim Wenders, um dos cineastas que mais vezes utilizou o espaço urbano como cenário dos filmes que dirige, dá-nos *In the Land of Plenty* (2003) uma das visões mais solidárias da vida nocturna das cidades americanas, levando-

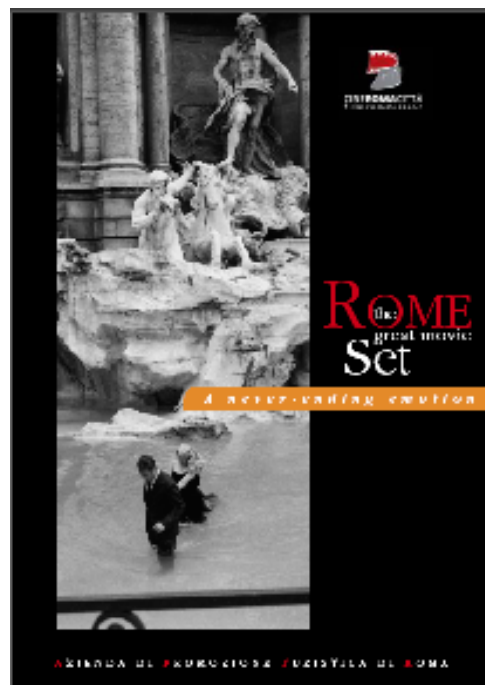
¹⁰ Abílio Hernandez Cardoso “Subjectividade, desejo e morte no *film noir* americano” <http://cinemamericano.no.sapo.pt/ARTIGOS/artigo%201.htm>

-nos a crer que a realidade pode ser muito mais humana do que aquilo que imaginamos.



Francis Ford Copola (1981) *One from the heart*

No cinema europeu a relação entre noite e cidade ficou bem expressa em obras do cinema italiano como *La Notte Bianchi* (1957) de Luchino Visconti, *La Dolce Vita* (1959) e *Roma* (1971) de Federico Fellini e *La Notte* (1961) de Michelangelo Antonioni. Estes filmes ilustram a noite e a cidade como refúgio dos amantes, lugar de coisas mágicas, de



Rome the Great Movie Set

deambulações, do desencantamento, da decadência e da morte (Laurencin 2000). Roma é provavelmente a cidade que mais vezes serviu de cenário natural no cinema, de dia ou de noite. Os serviços de turismo tirando partido deste facto produziram uma publicação que faz um roteiro e permite conhecer os locais das filmagens e as histórias que lhes estão associadas. Na capa podemos ver Anita Ekberg e Marcelo Mastroianni a saírem do banho que imortalizou a Fonte de Trévi e que faz que este seja um dos locais mais facilmente reconhecido de Roma depois da Basílica de S. Pedro¹¹.

O cinema transformou-se num dos meios mais poderosos de construção de realidades e de imaginários no século XX. O número de pessoas com acesso em todo o mundo a filmes, nas salas ou através da televisão ou dos vídeos, é incomensurável maior do que alguma vez foi a difusão de outras formas de cultura, nomeadamente a literatura. A força das imagens (uma imagem vale mais do mil palavras) transformou o cinema numa das formas mais eficientes de difusão de ideias numa sociedade caracterizada pelo imediatismo e pela velocidade. Para o bem e para o mal, muitas das ideias que temos sobre a vida à noite provém da ficção criada pelo cinema.

Na **música** Bartok, Chopin, Schumann e Debussy utilizaram a noite como tema das suas composições. Para Michel Benhaiem (2005) a noite está presente na música pela lentidão do tempo e pela repetição do mesmo motivo. No fado, música tradicional portuguesa, que se caracteriza pela tristeza, a noite é um tema recorrente e surge, quase sempre, associada ao abandono, à saudade e à fatalidade do destino. Na ópera algumas das árias mais belas são momentos relacionados com a noite, como é o caso da “Canção à Lua” da ópera *Rusalka* (1901) de Dvorak (1841-1904).



Renée Fleming em *Rusalka* (2004) Opera de Paris, Bastilha.

<http://www.youtube.com/watch?v=1tImMZLfHaE>

Na **literatura** a noite está presente no romance, no teatro e, sobretudo, na poesia. A noite é, por excelência, o tempo da criação artística e, em nenhum outro domínio ela é tantas

¹¹ http://www.romaturismo.com/v2/richiestamateriali/pdf/cinema_en.pdf

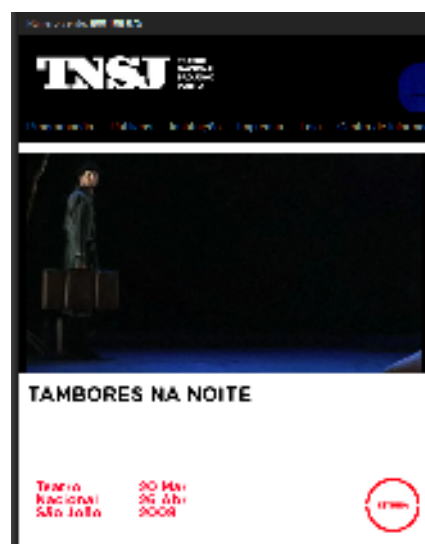
vezes objecto da própria criação. A designação *Nocturnos* dá título a obras como a dos



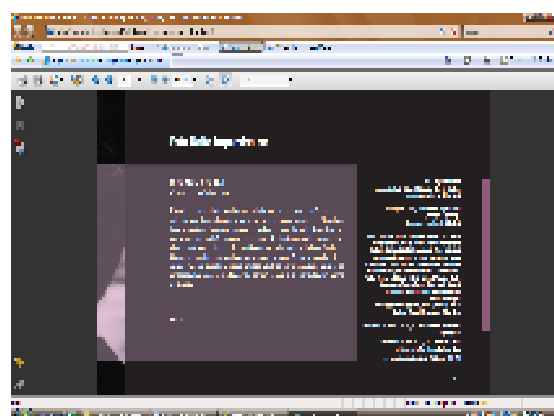
TNDM – Lisboa (2009)



Teatro de Almada (2009)



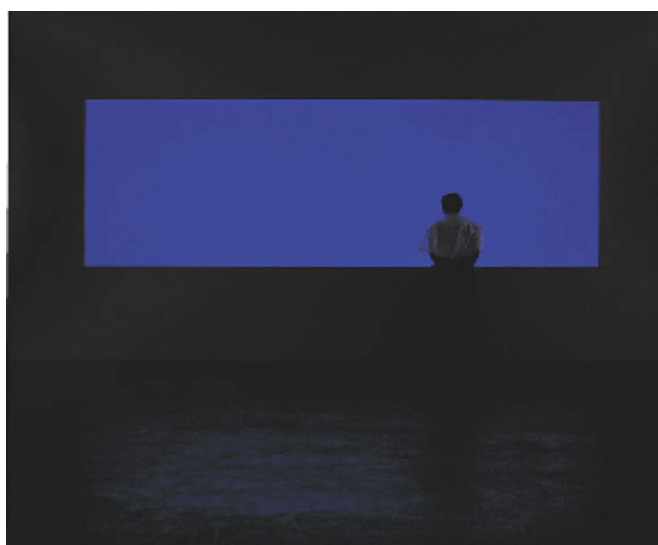
TNSJ – Porto (2009)



TNDM – Lisboa (2009)

poemas que Gonçalves Crespo (1846-1883) dedicou à sua esposa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921). Na literatura a noite surge associada, frequentemente, às metamorfoses, ao desejo, às crises, aos confrontos e ao perigo, mas também às grandes decisões.

A escuridão da sala de teatro é o espaço onde os cenógrafos criam as suas obras de arte. Em muitos casos as peças de teatro desenrolam-se no espaço-tempo de umanoite, como acontece em *O Marinheiro* de Fernando Pessoa (1888-1935) ou no *Sonho de uma Noite de Verão* de William Shakespeare (1564-1616). Em fins de Março de 2009 quatro peças, tendo noite no título, estão em exibição no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, no Teatro de Almada e no Teatro Nacional de S. João, no Porto.



James Turrell. (1987) *Night Passage*.
(http://www.guggenheimcollection.org/site/artist_work_lg_155_2.html)

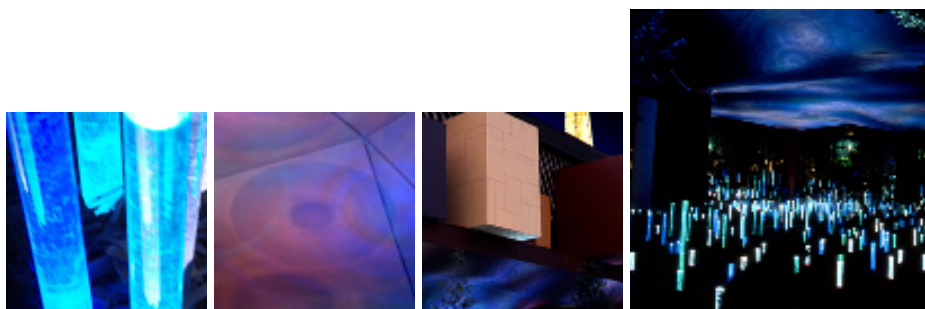
A arte na noite

Num Colóquio em Ceryse (Espinasse 2005) foi desenvolvido um ateliê prospectivo intitulado *La création lors de nuits ordinaires et pour les nuits extraordinaires* onde foram discutidos aspectos como a especificidade das criações artísticas para a noite, quando comparadas com as produzidas para o dia, os modos de recepção e reacção, as relações entre arte e luz, as diferenças entre as noites (banais, excepcionais, extraordinárias). Uma das conclusões a que se chegou foi que a maior parte das obras de arte criadas para acontecimentos nocturnos, como os fogos de artifício ou as *Nuit Blanche*, são obras efémeras. O que reflecte o carácter extraordinário, irrepitível do acontecimento ou do momento.

A utilização da noite como pretexto, matéria e tempo de disponibilidade das pessoas para conhecerem a arte contemporânea, mas também os espaços públicos, serve a arte, serve a noite e cria laços com os territórios (Espinasse 2005). As obras para serem usufruídas à noite fazem um apelo aos sentidos, frequentemente diferente das obras que se destinam a ser vistas exclusivamente de dia. A noite pode proporcionar condições para jogar com os sentidos, mas também com os medos e as fobias. Mais do que durante o dia a noite para ser apreendida exige a mobilização de todos os sentidos e favorece o encontro e as trocas. Outra conclusão foi que é muito mais fácil mobilizar as pessoas para participarem nos eventos de arte nocturnos do que nos diurnos porque é à noite que as pessoas têm mais tempo livre. Essa mobilização pode levar, mesmo à participação activa na criação das próprias obras como acontece na Fête des Lumières em Lyon. Pela especificidade no uso do tempo à noite as pessoas, como estão menos pressionadas pela vida do dia-a-dia, estão mais disponíveis para participarem.

A grande conclusão foi que o carácter excepcional da noite amplia a experiência plurissensorial destes eventos e transforma-os, em geral, em grandes sucessos de adesão do público. A disponibilidade para participar, para conviver, para conhecer o território, mesmo no Inverno com as ruas cheias de neve, é muito superior à noite. Para os autores as características específicas do ambiente nocturno criam condições que vão muito para além das questões materiais, jogando com a percepção e o modo como sentimos os acontecimentos. A noite como que amplia os sentidos e os sentimentos.

Nas artes plásticas desenvolvem-se, desde há alguns anos, obras que utilizam especificamente a luz como matéria-prima e que só são visíveis em contextos específicos de escuridão. A noite é o espaço-tempo natural de exibição destas obras, mas quando concebidas para espaços fechados a escuridão é criada artificialmente para que a obra possa ser apreciada, como acontece com os trabalhos de James Turrel (1942-) no MoMa ou no Guggenheim Museum de Nova Iorque, ou os de Dan Flavin (1933-1996) (<http://www.diabeacon.org/ltproj/flavbrid/>). Mas, quando as obras são pensadas para espaços públicos, a noite é a tela onde as obras se inscrevem, como acontece com os trabalhos de Yan Kersalé, Keiichi Tahara, Gerald Petit, Michel Chevalier, Ron Haselden, Bruno Peinado, Jaume Plensa ou Nuno da Silva (Caeiro, Alves, Faro 2007; Caeiro, Potiers, Alves, Fernandes 2004).



Yan Kersalé, Museu do Quai de Branly (Paris)
(<http://www.quaibrnly.fr/fr/musee/espaces/le-jardin/index.html>)

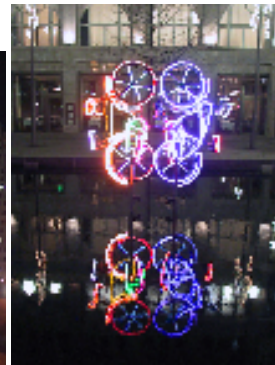
A ligação entre Arte da Luz (Light Art) e Arquitectura tem permitido criar novas encenações do espaço urbano, contribuindo de forma decisiva para novas lógicas de utilização do espaço à noite nas cidades. Por exemplo, o espaço criado por Yan Kersalé no Museu do Quai de Branly (Paris), cujo edifício é obra do arquitecto Jean Nouvel, transformou-se num factor de atracção de visitantes fora das horas do normal funcionamento do equipamento. O mesmo acontece com o trabalho de Keiichi Tahara na Masoin Européenne de la Photographie (Paris).



Sonny Center,
(Helmut Jahn e Yan Kersdalé)



Postdam Platz,



Berlim, 2006

Em Berlim, em Postdam Platz, a encenação da arquitectura criada pelas luzes de Yan Kersale no Sonny Center, do arquitecto Helmut Jahn, evoca uma enorme tenda de circo e contribuiu para a criação de uma nova centralidade na cidade que atrai mais de 8 milhões de visitantes por ano. Nos grandes armazéns comerciais de Friedrichstraße a utilização das iluminações artísticas nos edifícios muda radicalmente a percepção que temos do espaço urbano. É como se existissem duas cidades, a diurna e a nocturna.



Barcelona, Torre Agbar (Jean Nouvel e Yan Kersdalé) (www.torreagbar.com)

Em Barcelona, a associação de Jean Nouvel e Yan Kersalé, produziu a Torre Agbar que transformou com os seus jogos de luz o *skyline* da cidade.



Nuit Blanch (2007) Piazza del Campidoglio, Roma



Nuit Blanch (2008) fila para ver a obra de Jean-Pierre Formica *Sentinelles de Sel*
Perfeitura da Polícia, Paris

A realização de eventos culturais como as *Nuit Blanch*, em que as pessoas são convidadas a descobrir a cidade nocturna através da arte contemporânea ligada à luz, tem impactos significativos sobre a economia das cidades. Paris, Bruxelas, Roma, La Vallete, Gaza,

Montreal, Toronto animam-se com as obras de artistas plásticos que lhes dão novos sentidos, recriando a cidade e estimulando a deambulação durante uma só noite. A ritualização dos eventos, Paris em 2008 teve a 7ª edição, permite a utilização do acontecimento no *marketing* territorial¹².

A Fête des Lumières em Lyon é um evento criado em memória de um facto histórico ligado à iluminação da cidade no século XIX (<http://www.lumieres.lyon.fr/lumieres/sections/fr>). A festa acontece há vários anos no fim-de-semana de 8 de Dezembro e durante 3 noites a cidade transfigura-se e atrai milhões de visitantes. Os artistas plásticos são convidados a intervir sobre edifícios, espaços públicos e espaços privados. Um dos aspectos mais valorizados é o facto de haver sempre actividades que levam à participação das pessoas, como por exemplo na última noite iluminar as janelas das suas casas com velas. A venda das velas surge sempre associada ao apoio a organizações com cariz social. A festa é um espaço de experimentação de novas ideias que quando resultam podem ser transformadas em intervenções permanentes. Lyon foi a primeira cidade no mundo a ter um plano-luz, que já vai na segunda edição, e que procura estabelecer regras sobre a forma de iluminar os espaços públicos de modo a tornar a cidade mais agradável e hospitaleira.

As representações artísticas ajudaram a entender a noite e a mudar a maneira como a sentimos. A Light Art está a contribuir para criar uma nova imagem das cidades e a mudar o modo como vivemos a noite urbana (Alves 2007a). As práticas individuais e colectivas continuam, contudo, a ser muito diversificadas.

Bibliografia recomendada para leitura

- Alves T (2007a) "Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development" *European Planning Studies*, Volume 15, Issue 9, pp. 1247-1260.
- Espinasse C (2005) "L'art à travers la nuit, la nuit à travers l'art" in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.94-100.

Referências bibliográficas

- Allemend S (2005) «La nuit do cinema» in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.130-132.
- Alves T (2007b) "Noite: uma geografia de emoções" in *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*. Monte da Caparica: VIA-Verlag /Extramuros. pp. 32-36.

¹² http://www.paris.fr/portail/Culture/Portal.lut?page_id=8983

- Benhaïem M (2005) "Quelles nuits pour la musique" in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.139-142.
- Brassai (1932) *Paris de Nuit*. Paris: Arts et Métiers Graphiques.
- Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[.
- Caeiro M; Potiers M; Alves T; Fernandes S R (ed) (2004) *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[.
- Cera N; Lopes D (2003) *Cimêncio*. Lisboa: Ed. Fenda.
- Christopher N (1997) *Somewhere in the night, Film Noir and the American City*, New-York: Henry Holt and Compagny.
- Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L (coord.) (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Gautrand J-C (2008) *Brassai Paris*. Koln: Taschen.
- Goldberg I (2005) "La nuit un défi pour la peinture" in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.114-119.
- Heurgon E (2005) "Préserver la nuit, pour réinventer le jour" in Espinasse et all, *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Highmore B (2005) *Cityscapes. Cultural readings in the material and symbolic city*. London: Palgrave.
- Laurencin M (2000) "Mille et une nuits en Méditerranée. Regarder la ville avec le cinema" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87*, p. 108-116.
- Werner C (2005) "Au cœur de la phtographie, la nuit" in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p. 121-128.

Sítios na Internet

- <http://collection.centrepompidou.fr> (Colecções de Arte Contemporânea)
- <http://www.keiichi-tahara.com/> (Keiichi Tahara, artista plástico, Japão)
- <http://www.lumieres.lyon.fr/lumieres/sections/fr> (Fêtes des Lumières, Lyon)
- <http://www.luzboa.com/> (Arte da luz em Lisboa ; eventos de 2004 e 2006 ; futuras iniciativas)
- <http://www.lynnbecker.com/repeat/Gehry/plensa.htm> (Jaume Plensa, artista plástico, Espanha)
- <http://www.moma.org/exhibitions/2008/vangoghnight/> (Exposição Van Gogh e a Noite)

<http://www.nga.gov/exhibitions/2004/flavin/light/light.shtm> (Dan Flavin, artista plástico; EUA)

http://www.paris.fr/portail/Culture/Portal.lut?page_id=8983 (Nuit Blanche Paris)

<http://www.pbs.org/art21/artists/turrell/clip1.html> (James Turrell, artista plástico, EUA)

http://www.romaturismo.com/v2/richiestamateriali/pdf/cinema_en.pdf

<http://www.ronhaselden.com/> (Ron Haselden, artista plástico, RU)

<http://www.ykersale.com/> (Yann Kersalé, artista plástico, França)

3. A NOITE NÃO É UM ESPAÇO-TEMPO IGUAL AO DIA

“(…) la nuit a inventé le temps: les nuits d’amour sont trop courtes,
les nuits de souffrance interminables (…)”

Luc Bureau (1997), *Géographie de la nuit*. Montréal: l'Hexagone.

A noite é um espaço-tempo com características específicas e, por isso, o comportamento nos territórios das pessoas, das empresas e das instituições não é igual ao de dia.

Em primeiro lugar, a ausência da luz natural do Sol faz com que as acessibilidades no território sejam condicionadas pela presença de iluminação artificial o que contribui de forma evidente para o desenvolvimento de formas de segregação territorial.

O facto de não haver luz natural permite que outros aspectos do território que durante o dia são neutralizados por aquilo que podemos chamar a tirania da visão possam ser colocados em evidência, como exemplos os cheiros e os sons. Ou seja, a noite permite que desfrutemos de paisagens diferentes das do dia, como a dos sons ou a dos cheiros, mas também ao nível visual.

A falta de luz natural tem implicações sobre os modos como as pessoas se sentem e se comportam. Por exemplo, embora não existam dados que associem directamente a noite a criminalidade, o que é certo é que há uma forte associação entre noite e insegurança. Digamos que a escuridão perturba as pessoas e torna-as mais sensíveis e vulneráveis. Dados apresentados no Congresso da Noite por Alina Esteves revelam que, para o caso de Portugal, não há, em geral, mais criminalidade à noite. Segundo dados do *Inquérito de vitimação* de 1994 levado a cabo pelo GEPMJ a nível nacional, 60% dos crimes relatados pelos inquiridos tiveram lugar no período diurno (8-20 horas), 19% ocorreram entre as 20-24 horas, e 20% entre as 24-8 horas (Esteves 1999). Um inquérito patrocinado pela APAV à vitimação e à percepção da evolução do crime realizado, em 2002, a 1133 indivíduos residentes em 11 concelhos da AML mostrou que por questões de oportunidade, os crimes contra as pessoas são cometidos na sua maioria durante o dia (57,2% dos roubos por esticção: 9-18 horas; 51,5% dos furtos por carteirista: 9-18 horas), ao passo que os delitos

contra o património móvel ocorrem mais durante a noite (42,6% dos furtos em veículos automóveis: 21-06 horas; 64% dos furtos de veículos automóveis: 21-06 horas). Os crimes como os assaltos a casas, tanto ocorrem de dia como de noite, o elemento fundamental é facto dos assaltos ocorrerem quando as casas estão vazias. No entanto, as pessoas sentem-se mais inseguras à noite e por isso fogem dos espaços públicos.

É evidente que existem conflitos que se acentuam à noite, mas são as especificidades deste espaço-tempo que de certo modo ampliam a realidade. Muitos destes conflitos resultam da cidade ser planeada para ser vivida de dia e não ter em conta que hoje temos cada vez mais pessoas a viver de noite, porque trabalham de noite, porque estudam de noite, porque se divertem de noite. Articular no espaço vidas cada vez mais dessincronizadas levanta questões que o planeamento não tem tido capacidade de responder.

No sistema dito normal de organização do tempo, a noite é por excelência o espaço da sociabilidade na esfera privada, familiar ou não, do tempo para si, cujo uso é cada vez mais definido de uma forma individual. À noite, menos pressionadas do que durante o dia, as pessoas têm mais disponibilidade para conviver, para sociabilizar. A noite representa o tempo de descanso, da recuperação de forças para no dia seguinte estar nas melhores condições para produzir economicamente. Quando as actividades desenvolvidas durante a noite não conduzem a esta situação podem ser mal vistas do ponto social.

É durante a noite que ocorrem as atitudes mais solidárias. Por disponibilidade de tempo dos que desenvolvem acções de solidariedade ou porque a noite amplia os problemas sociais, como a exclusão, a solidão e o abandono? As iniciativas de apoio aos sem-abrigo, como a distribuição de alimentos, de roupas e agasalhos ocorrem quase sempre de noite.

Com o desenvolvimento de novos ritmos, da dessincronização dos tempos, a noite está em perigo, pois corre o risco de se transformar apenas em mais um pedaço das 24h, perdendo o que tem de específico, esvaziando-se de substância (tempo de sociabilidade, tempo para si próprio, tempo de solidariedade) e do seu valor simbólico (tempo de liberdade, sonho, criatividade, possibilidade de reinventar o dia) (Heurgon 2005).

Heurgon (2005) diz que existem várias atitudes possíveis perante a possibilidade de destruição da noite: deixar andar e adaptar-se à mercantilização da noite; resistir e organizar a defesa da noite, mostrando a sua disponibilidade; regular e impor limites ao processo de globalização. Para Heurgon (2005) como a noite não é igual ao dia há que resistir e regular. Resistir através de um efeito pedagógico em que se dá a conhecer às pessoas as perdas e ameaças que representa o desaparecimento da noite como um espaço-tempo com características específicas. Perdas que tanto são para o ambiente, as atitudes humanas, como também em termos da capacidade produtiva. Quanto à regulação a grande questão que se coloca é saber até onde se pode e deve ir nas limitações, pois a tentação de controlo por questões de segurança é enorme.

Apesar de toda a carga negativa a noite tem vindo a ganhar novas representações, mais poéticas, e que se relacionam com aspectos como a liberdade e a criatividade. Inquéritos realizados em França (Espinasse, Buhagiar 2004) demonstram que a noite é definida pelos adultos jovens como um tempo escolhido, um tempo de liberdade, enquanto o dia está associado aos constrangimentos e às obrigações. Para os mais jovens, a noite está associada a festa, sono, sexo, divertimento, negro, morte, música, droga... Para os adultos a noite significa: calma, silêncio, quietude, segunda vida, sonho, divertimento, paixão, animação, liberdade, mulher, luz, tempo para si, repouso, diversão, mistério, lua, estrelas, insegurança, metamorfose. Quer para os jovens quer para os adultos a noite raramente evoca: trabalho, estudo e razão...

A noite já não corresponde a uma suspensão do tempo, a noite é um espaço-tempo com vida, mas percebido de formas muito diversas. Conhecer esta diversidade ajuda-nos a compreender melhor os modos como se organizam os territórios.

Bibliografia recomendada para leitura

Heurgon E (2005) “Préserver la nuit, pour réinventer le jour” in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p. 50-60.

Referências bibliográficas

APAV (2003) *Projecto Cíbele: estudo sobre prevenção de crime e vitimação urbana*. Lisboa: APAV.

Espinasse C; Buhagiar P (2004) *Les passagers de la nuit. Vie nocturne des jeunes*. Paris: Editions L'Harmattan. p. 40-52.

Esteves A (1999) *A criminalidade na cidade de Lisboa: uma geografia da insegurança*. Lisboa: Edições Colibri.

GEPMJ (1995) – *Inquérito de Vitimação 1994*. Relatório elaborado por Maria Rosa Crucho de Almeida e Ana Paula Alão. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça.



Paula Rego (1980) *Danças*, Tate Collection
(http://i175.photobucket.com/albums/w127/daniel_trienal/paula_rego.jpg)

II. COMPREENDER OS TERRITÓRIOS À NOITE

« Sur la carte diurne, c'est l'immensité du territoire qui domine [Canada]. Sur la carte nocturne, ce n'est plus qu'une mince bande lumineuse au sud du pays. La nuit a une fonction épuratrice, sélective et élective. La nuit montre là où se trouve l'homme. »

Luc Bureau (1997), *Géographie de la nuit*. Montréal: l'Hexagone.

1. NOVOS CONTEXTOS DE USO DO TEMPO E DO ESPAÇO

“The pace of life is the flow or movement of time that people experience. It is characterized by rhythms (what is the pattern of work time to down time? is there a regularity to social activities?), by sequences (is it work before play or the other way around?) and by synchronies (to what extent are people and their activities attuned to one another?). But first and foremost, the pace of life is a matter of tempo.”

Robert Levine *A Geography of Time*. (1997:3)

As mudanças na organização da sociedade conduzem a alterações no modo como empregamos o tempo: nos tipos de usos, nos ritmos, nas sequências e nas sincronias (Herve, 2001). Dormimos menos horas do que no passado. O tempo de trabalho depois de um período em que diminuiu, muda de características e pode mesmo estar a aumentar, apesar do crescimento do desemprego. Os tempos da sociabilidade vão sendo cada vez mais difíceis de sincronizar. Todos nos queixamos que não temos tempo para a família, para os amigos, para nós. As novas tecnologias de comunicação introduzem mudanças no modo como organizamos as sequências dos usos do tempo e podem subverter as fronteiras entre os tipos de uso, como acontece quando transportamos para o espaço da vida privada o trabalho, abolindo horários e a separação dos lugares sociais.

A organização do tempo de trabalho - aumento da intensidade e da polivalência dos trabalhadores (Alves 2005), crescimento do emprego a tempo parcial forçado, dos contratos por períodos de tempo indeterminado, da precariedade, dos períodos de desemprego e da desregulação dos horários - continua a marcar os ritmos e as sequências da vida do quotidiano, mesmo dos que não têm trabalho (EC 2003).

O trabalho foi, durante séculos, uma forma de socialização, onde se criavam laços de amizade, de família e de solidariedade que se prolongavam para fora do espaço e do tempo de trabalho. Hoje, com a individualização das práticas de trabalho tudo isto corre o risco de desaparecer (Herve 2001). As mudanças na organização do trabalho (mais intenso, mais polivalente, mais desregulado...) resultam da evolução da própria sociedade que se expressa em contextos de maior individualização dos modos de vida, do crescimento do

carácter efémero das referências e dos relacionamentos, da diminuição da ritualização da vida colectiva, da desorganização dos ritmos e tempos de vida pessoal e familiar (Ascher 1997). Como é que as novas lógicas de pertença que valorizam os grupos sociais formados em torno dos tempos livres e das práticas de lazer contribuem ou não para a valorização dos espaços públicos à noite, em detrimento das relações associadas à família e aos espaços privados?

Um dos factores que mais promoveu mudanças no uso do tempo e do espaço foi a integração das mulheres no mercado de trabalho. Em que medida a necessidade de conciliar tempos de trabalho doméstico e trabalho assalariado foi um factor-chave para o desenvolvimento de serviços com horários atípicos, nomeadamente, à noite e ao fim-de-semana? A continuação da não partilha das funções domésticas impõe ritmos e sequências nos usos do tempo que impedem as mulheres de terem tempo para si. De que modo esta situação contribui para o facto dos públicos da noite serem predominantemente masculinos criando formas de segregação sócio-territorial que geram insegurança e afastam outros potenciais utilizadores do território à noite?

As mudanças nos ritmos e nos usos do tempo alteraram as relações dos indivíduos com os territórios e criaram novas dinâmicas. A organização do espaço depende, cada vez menos, de conceitos tradicionais de distância, proximidade ou densidade, e está, cada vez mais, relacionada com conceitos espaço-temporais como velocidade, movimento, acessibilidade, duração, horários, ritmos, conectividade... que decorrem das novas formas de organização da sociedade, mais flexível, mais rápida e com maior mobilidade (Boulin 2002). Como é que as transformações nos tipos de emprego do tempo contribuem para mudar os usos dos espaços?

Os territórios políticos e administrativos herdados de uma concepção de tempo mais estável foram ultrapassados por novas relações territoriais que resultam de dinâmicas como a localização do emprego, dos locais de consumo e da residência, as novas formas de mobilidade e de consumo, as tecnologias de comunicação e o funcionamento em rede, que se organizam a escalas cada vez mais vastas (Ascher 1995; Boulin 2002; Castels 1996). Em vez de vivermos em territórios com limites bem definidos, vivemos em nublosas de geometria variável, com limites incertos e com ritmos e tempos de funcionamento cada vez mais dessincronizados. Cada bairro pode ter temporalidades diversas. Já não é apenas a questão das periferias dormitórias que só têm vida ao fim do dia e de manhãzinha, e do esvaziamento dos centros históricos das cidades à noite, mas outras áreas que ganham e perdem vida com temporalidades diversas. O desenvolvimento de actividades predominantemente nocturnas em determinadas áreas estará a contribuir para a fragmentação sócio-territorial? Ou pelo contrário a tendência é para os territórios à noite serem menos segregadores?

Os horários dessincronizados contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo com cada vez mais pessoas a utilizar os espaços públicos durante a noite. Os

ritmos mais acelerados estimulam a utilização dos meios de transportes individuais, aumentam a mobilidade e promovem as deambulações por razões diferentes das do passado e com lógicas de tempo muito diversificadas (Herve, 2001). Mas o desenvolvimento de uma sociedade 24 horas / 7 dias significa que as nossas cidades, os territórios mais próximos, têm de funcionar em contínuo?

À medida que se desenvolvem novos usos do tempo e do espaço mais dessincronizados e com maior destaque para os usos em tempos nocturnos os conflitos entre indivíduos, nos espaços públicos, podem acentuar-se. Nalguns bairros surgem conflitos entre habitantes ciosos da sua tranquilidade e os consumidores dos locais da noite, símbolos da emergência de um espaço público nocturno. Em que medida a imprensa exacerba as tensões entre a cidade que dorme, a cidade que trabalha e a cidade que se diverte? A conflitualidade nos espaços públicos à noite deve-se ao facto de haver mais pessoas ou é o resultado do esvaziamento e do aumento da segregação sócio-espacial?

As relações entre tempo e espaço estão diferentes do passado e resultam da destruição dos chamados tempos fortes, as temporalidades impostas que constituíam as ocasiões para os encontros sociais (Marconis 2005), gerando a dessincronização, mas também porque os ritmos de vida estão cada vez mais acelerados. Por exemplo, o horário comum de entrada e a saída da escola ou do trabalho eram momentos de socialização, os percursos feitos muitas vezes a pé estruturavam relações sociais, amistosas ou de conflito, que se mantinham para a vida. Estes momentos constituíam oportunidades para criar ou reforçar lugares sociais. Hoje, os ritmos da vida, mais do que expressão de liberdade, revelam novos constrangimentos, pois a individualização dos horários, a aceleração da velocidade dos tempos do quotidiano, conduzem a que seja cada vez mais difícil encontrar espaços e momentos de partilha (Herve 2001). A dessincronização e a aceleração que caracterizam os novos usos do tempo resultam de novos modos de vida e alteram a utilização dos espaços públicos e privados.

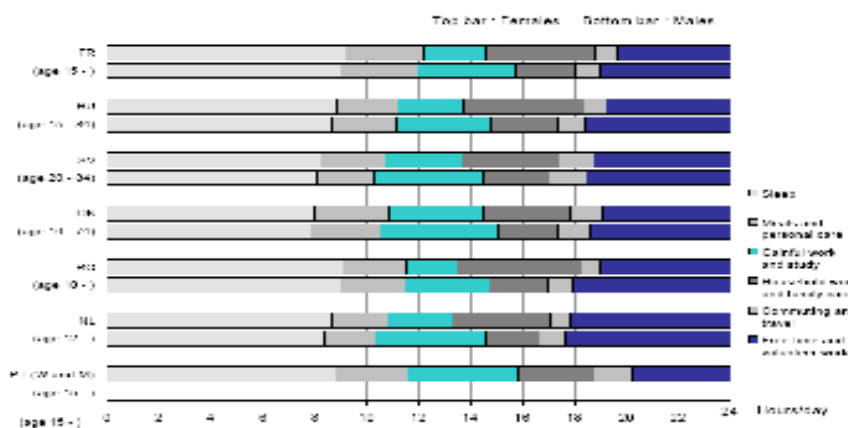
No espaço privado a variação da dimensão e do tempo passado em cada uma das diferentes divisões da habitação são indicadores destas mudanças. Primeiro, assistimos à redução da dimensão das salas de jantar e ao crescimento da dimensão das salas de estar (as famílias tinham diminuído de dimensão, não era preciso tanto espaço para as refeições; sentar na sala de estar para ver os programas na única televisão da família transformou-se num dos momentos mais importantes da vida do dia-a-dia); com a entrada das mulheres no mercado de trabalho são as cozinhas que crescem de dimensão e as salas de jantar podem deixar mesmo de ser utilizadas (por uma questão de poupar tempo e, sobretudo, trabalho o ideal é ter numa só divisão tudo o que necessitamos para preparar e tomar as refeições - as mulheres não *saem* da cozinha; era também necessário espaço para as novas máquinas que facilitavam o trabalho doméstico; com a impossibilidade de fazer compras todos os dias o frigorífico transforma-se num electrodoméstico indispensável na organização da vida familiar); mais recentemente as salas de estar deixam também de ser utilizadas diariamente... Hoje cada membro da família tem a sua televisão, o seu

computador, o seu telefone, o seu espaço privado onde os outros membros da família entram poucas vezes. O micro-ondas permite que cada um tome as refeições independentemente dos outros. Os espaços e os tempos da sociabilidade em família desaparecem e com eles a aprendizagem da vida em comum, com as suas estratégias e gestão de conflitos. A necessidade de negociação atenua-se e a aprendizagem das sociabilidades, sem o treino no meio protegido que é a família, passa para os espaços públicos, o que pode acentuar a conflitualidade.

As mudanças nos ritmos e nos usos do tempo alteram as relações sociais e a organização dos espaços privados, mas também as relações e a organização dos territórios (Herve 2001). Os horários dessincronizados contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo com cada vez mais pessoas a utilizar os espaços públicos durante a noite. Os ritmos mais acelerados estimulam a utilização dos meios de transportes individuais, aumentam a mobilidade e promovem as deambulações por razões diferentes das do passado e com lógicas de tempo muito diversificadas (Herve 2001). Mas o desenvolvimento de uma sociedade 24 horas / 7 dias não significa que as nossas cidades, os territórios mais próximos, tenham de funcionar em contínuo. Através da Internet, dos telemóveis e dos computadores portáteis podemos aceder a quase tudo, em qualquer lugar e a qualquer hora. Os fornecedores dos serviços podem localizar-se do outro lado do mundo.

Usos do tempo

Dos diferentes tipos de uso do tempo dormir é o que tem maior duração, logo seguido do tempo livre, mas é o tempo de trabalho que condiciona os ritmos e impõe as temporalidades (EC 2003).

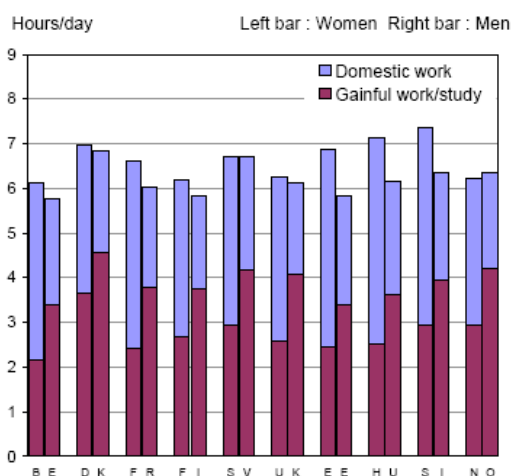


Uso do tempo em diversos países da Europa
Fonte: EC 2003

Os inquéritos sobre o uso do tempo na Europa mostram diferenças significativas entre países (EC 2003). O tempo dedicado ao trabalho é maior em países, como a Dinamarca e a Holanda, mas também em Portugal. Portugal é de todos os países aquele onde os indivíduos têm mais tempo ocupado em deslocações e menos tempo livre. A Roménia e a Hungria são os países onde o trabalho doméstico ocupa mais tempo. As pessoas que trabalham fora de casa têm, de um modo geral, menos tempo livre e dormem menos horas.

As diferenças entre os géneros continuam bem patentes nos usos do tempo e são relevantes em todos os países. As mulheres dedicam, em média, mais tempo do que os homens, ao trabalho doméstico e aos cuidados da família e dispõem de menos tempo livre, o que revela o desequilíbrio que continua a observar-se na repartição de tarefas (EC 2003). Agregando o tempo de trabalho remunerado e de trabalho doméstico as mulheres trabalham em média mais horas dos que os homens e dormem menos tempo.

Figure 3. Total working time for women and men



Survey period: A full year during 1998-2001.
Sources: National Time use studies, see Methodological Notes

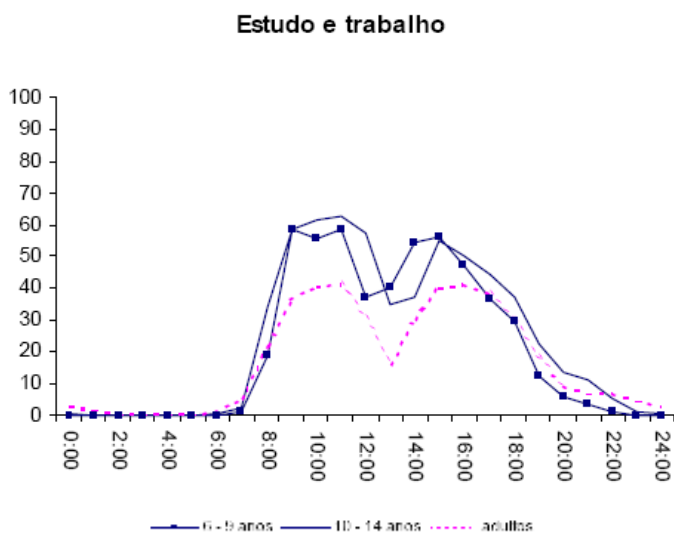
Fonte: EC 2003

As diferenças no uso do tempo entre géneros são ainda mais acentuadas quando no agregado doméstico existem crianças, pois cuidar das crianças continua a ser uma actividade predominantemente feminina (EC 2003).

Lopes e Coelho (2002) a partir dos dados do inquérito realizado em Portugal (1999) estudaram o uso do tempo das crianças e concluíram que existiam diferenças significativas na ocupação do tempo conforme a idade e o sexo. As crianças mais jovens dormiam mais, tinham mais tempo livre e estavam mais tempo acompanhadas por adultos. Qualquer que fossem as idades, as raparigas tinham sempre menos tempo livre do que os rapazes,

devido a passarem mais tempo a estudar e por contribuírem mais para as tarefas domésticas. A condição perante o trabalho dos pais não parecia influenciar a forma como as crianças ocupavam o tempo, mas a existência de outras crianças na família tinha reflexos no tempo despendido no trabalho doméstico. Nas famílias com várias crianças, sobretudo várias raparigas, o trabalho doméstico era mais repartido, e o tempo de lazer de cada criança crescia. Comparando os usos do tempo das crianças e dos adultos verificaram que as crianças reproduziam o comportamento dos adultos, diferenciando os papéis do homem e da mulher no modo como ocupavam o tempo.

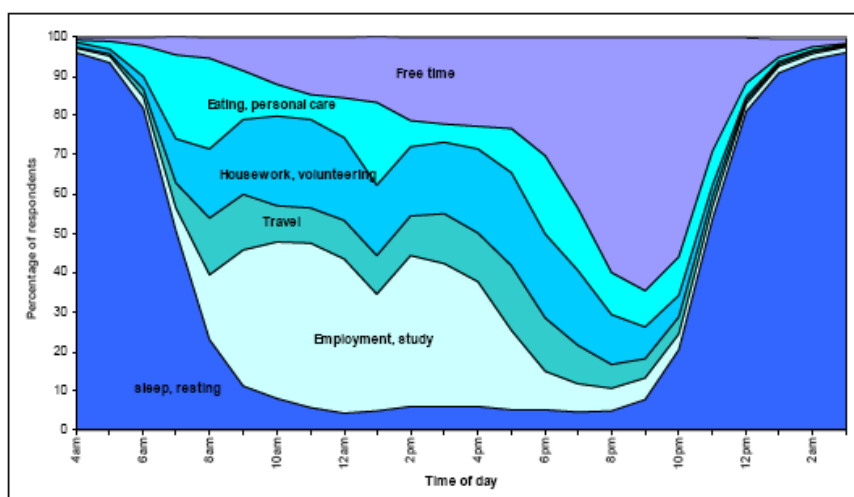
A partir deste inquérito verificamos também que os ritmos do trabalho e de estudo revelam diferenças por idades mas, também, dessincronizações nos tempos sociais, nomeadamente na “hora do almoço”, e quando entre as 19h e as 23h muitos adultos continuavam a trabalhar.



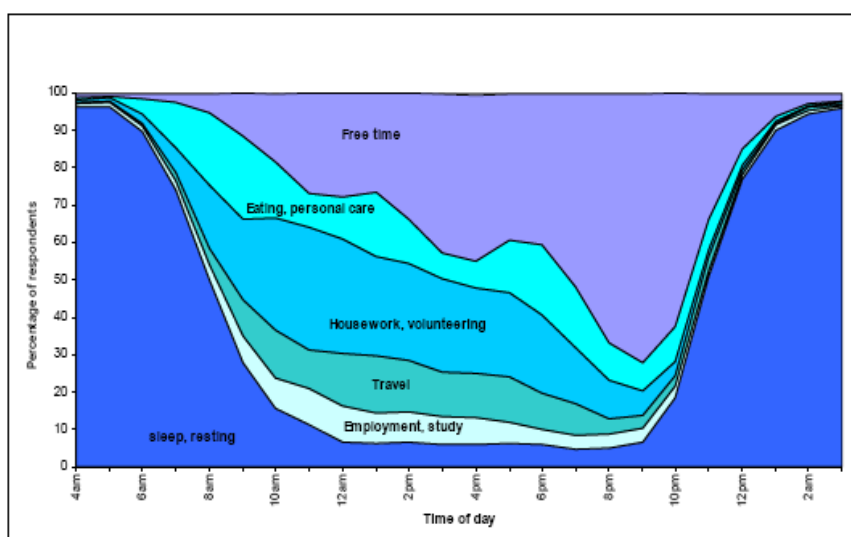
Fonte: www.ine.pt

O uso do tempo continua a ser, para a larga maioria da população, muito diferente nos dias de semanas e no fim-de-semana. A grande diferença está no tempo dedicado ao trabalho. Considerando a repartição das actividades (dormir, trabalhar e estudar, viagens, trabalho doméstico e voluntariado, comer e cuidados pessoais, e tempo livre) ao longo de 24 h verificava-se que, no Reino Unido¹³, em 2005, num dia de semana, 76% dos adultos estavam levantados às 8h. Às 9 h, 36% dos adultos estavam a trabalhar ou a estudar, valor que aumentava até um máximo de 43%, às 11h. Depois das 16 h o trabalho doméstico e o tempo livre eram as categorias com maior relevo. O pico mais importante do tempo livre ocorria por volta das 21h com um valor de 63%. À meia-noite, 80% dos adultos estavam a dormir. Em 2000, 83% dos indivíduos já dormiam a essa hora.

¹³ http://www.statistics.gov.uk/timeuse/summary_results/when_do_we_do.asp (2-12-2008).



Média dia de semana – mais de 16 anos 2005¹³



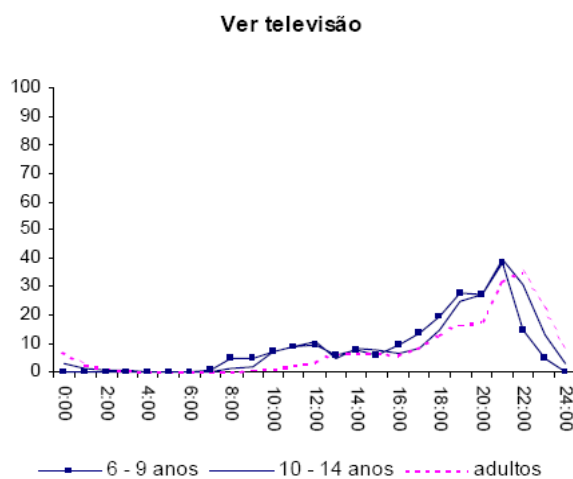
Média dia do fim-de-semana, mais de 16 anos 2005¹³

No fim-de-semana as pessoas trabalhavam menos fora de casa, estavam mais tempo dedicadas ao trabalho doméstico e ao tempo livre e deitavam-se mais tarde. Em 2000, à meia-noite, 73% dos adultos estavam na cama, quando em 2005, eram 70%.

No fim-de-semana e nos dias de semana, entre 2000 e 2005, aumentou quer o número de pessoas acordadas durante a noite, quer o das que dormem durante o dia. O que pode ser um indício da tendência para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo.

Os inquéritos sobre o uso do tempo, nos diferentes países da Europa, revelam que o período das 18 h às 24 h é o momento com o maior número de pessoas a usufruir o tempo livre e a principal actividade desenvolvida no tempo livre é ver televisão (EC 2003). No inquérito realizado em Portugal verificava-se que ao longo de todo o dia havia indivíduos a

ver televisão, a expressão era muito reduzida apenas entre as 2 e as 7 da manhã e os picos de maior uso eram entre as 19 e as 23h (<http://www.ine.pt>). Nas políticas de tempo um dos assuntos discutidos tem sido, precisamente, como tornar mais útil o tempo passado em frente da televisão.



Fonte: www.ine.pt

Em 1998, em França estavam institucionalizadas as 35h de trabalho semanal e os inquéritos realizados sobre o modo como estava a ser utilizado o tempo livre demonstrou que não havia mudanças significativas (Herve 2001). Os acréscimos de tempo livre redistribuíam-se em actividades no seio do espaço privado como o bricolage, a jardinagem ou trabalho de apoio à família. O ritmo do dia-a-dia continuava a ser ditado pelo tempo de trabalho.

Num trabalho realizado em Portugal, durante os anos 90, verificou-se que a utilização do espaço público à noite, nas cidades médias, dependia sobretudo da qualidade da habitação, pois à medida que a qualidade do espaço privado aumentava diminuía a procura dos espaços públicos (Alves, Costa, Pires 1998).

Tempo de trabalho, ritmos de vida, novas lógicas de pertença

Os ritmos da vida pessoal organizam-se em estreita dependência do tempo de trabalho que influencia a sequência e a cadência dos outros usos do tempo, mesmo no caso dos indivíduos que não têm trabalho remunerado fora de casa (Herve 2001). Os horários de

permanência das crianças na escola dependem dos horários do trabalho dos pais¹⁴. Os ritmos dos territórios estão relacionados, directamente, com os tempos do trabalho e são visíveis nos fluxos de pessoas, nos transportes, no processo de encher e esvaziar dos edifícios, na ocupação dos espaços públicos (Marconis 2005).

O tempo dedicado ao trabalho pode estar a diminuir, mas a generalização das tecnologias de informação e comunicação levam a que a fronteira entre tempo de trabalho e tempo fora do trabalho seja cada vez mais fluida e ténue (Herve 2001). Os telefones móveis e os computadores portáteis permitem transportar para o espaço da vida privada o trabalho, abolindo horários e a separação dos lugares sociais. Prolongar no domicílio a jornada de trabalho pela noite torna-se “normal”.

A redução do tempo dedicado ao trabalho, nas sociedades mais desenvolvidas, parecia ser uma tendência consolidada mas, os acontecimentos dos últimos anos, com o crescimento da instabilidade dos mercados de emprego, fizeram com que a questão deixasse de ser uma reivindicação das lutas sindicais.

Uma das mudanças na organização do trabalho, decorrente das flutuações da procura, é a contabilização do número de horas que deixa de ser semanal para poder passar a ser anual. Assim, nos períodos com maior pressão de trabalho as pessoas têm jornadas mais longas, mas nos períodos em que a procura é baixa podem ser dispensadas, com ou sem perda de regalias sociais. Ao mesmo tempo, cresce o emprego a tempo parcial forçado, os contratos por períodos de tempo indeterminado, a precariedade, o desemprego e a desregulação dos horários. Todos estes processos contribuem para a dessincronização dos tempos sociais e o desenvolvimento de estilos de vida com usos do tempo à noite cada vez mais diversificados.

Os horários de trabalho tendem a tornar-se atípicos. A crescente diversificação dos horários torna os fluxos mais fluidos, mas contribui para a dessincronização dos modos de vida individuais e familiares. O número de pessoas a trabalhar em horários nocturnos e ao fim de semana tende a crescer, pois o aumento da complexidade dos horários da procura leva a diversificar os tempos de oferta de serviços, o que a par com a expansão da precariedade das relações de trabalho contribuem para a “aceitação” de modalidades de horários cada vez mais diversificadas.

O trabalho industrial há muito que deixou de ser o emprego dominante. Com a expansão dos serviços assistimos à transformação do próprio trabalho. A terciarização do emprego tem como consequência o aumento da intensidade do trabalho e da polivalência dos trabalhadores (Alves 2005). Mesmo que o tempo de trabalho possa diminuir, cresce a intensidade e a exigência em termos de qualificação. E, trabalho cada vez mais intenso,

¹⁴ No encontro das Confederações dos Pais, em Março de 2009, em Portugal, uma das reivindicações foi que as escolas passassem a estar abertas 12 horas por dia por causa dos horários de trabalho dos pais.

traz novas necessidades em termos de ocupação dos tempos livres, criando mercado para novos tipos de actividades de lazer. Como o tempo livre é mais relevante à noite, estas actividades de lazer tendem a ser nocturnas, gerando mercado para o surgimento de novos serviços.

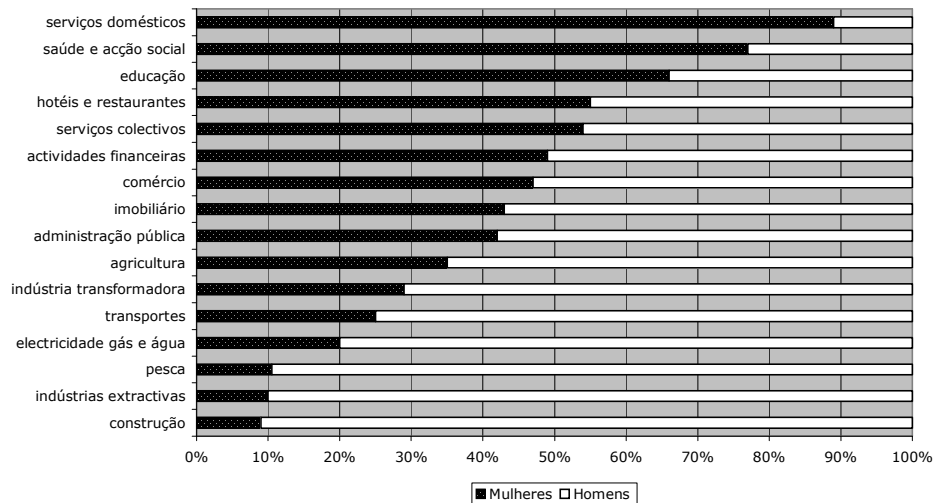
O trabalho foi, durante séculos, uma forma de socialização, onde se criavam laços de amizade, de família e de solidariedade que se prolongavam para fora do espaço e do tempo de trabalho. Hoje, com a individualização das práticas de trabalho tudo isto corre o risco de desaparecer (Herve 2001). As mudanças na organização do trabalho (mais intenso, mais polivalente, mais desregulado...) resultam da evolução da própria sociedade que se expressa em contextos de maior individualização dos modos de vida, do crescimento do carácter efémero das referências e dos relacionamentos, da diminuição da ritualização da vida colectiva, da desorganização dos ritmos e tempos de vida pessoal e familiar (Ascher 1997). Surgem novas lógicas de pertença que valorizam os grupos sociais formados em torno dos tempos livres e das práticas associadas ao lazer desenvolvidas, sobretudo, à noite em espaços públicos, em detrimento das associadas à família e aos espaços privados.

As diferenças sociais são cada vez mais ditadas pelos tipos de consumo, nomeadamente de lazer, e pelas práticas culturais e dependem cada vez menos do tipo de trabalho (Piçon e Piçon-Charlot 2000). Os ritmos de vida continuam, no entanto, a ser marcados pelos tempos de trabalho (Herve 2001) e os estilos de vida pela capacidade financeira. A importância do tempo fora do trabalho pode não parar de crescer e pode ser um dos elementos fundamentais na estruturação social, mas a existência de formas remuneradas de trabalho vai ser um aspecto determinante, agora que acabou o crédito fácil, para a larga maioria da população ter acesso ao consumo e para ditar os estilos de vida. O que contribui para que os novos contextos de uso do tempo se traduzam no prolongamento das actividades económicas e sociais para horários ditos não convencionais como à noite ou aos fins-de-semana. A aceitação social destes é facilitada pela dupla pertença às esferas do consumo e da produção. Para muitas pessoas estes novos contextos de uso do tempo alargam as perspectivas de ter um trabalho remunerado. Como consumidores, estes horários são o ideal, é a possibilidade de ter acesso a tudo a qualquer hora.

O trabalho das mulheres e os tempos dos serviços

A presença das mulheres no mercado de trabalho tem crescido continuamente desde a II Grande Guerra Mundial. Em 2000, as mulheres representavam a maior parte da força de trabalho na EU-15 em ramos de actividade como os serviços domésticos (88%), a saúde e acção social (78%), a educação (65%), a hotelaria e restauração (56%). Apesar de serem em média mais instruídas do que os homens, recebem salários mais baixos e são mais afectadas pelo desemprego e pela precariedade (Alves 2005).

Participação das mulheres e dos homens na força de trabalho, por ramos de actividades, UE-15 2000



Fonte: Eurostat 2001

O crescimento da presença da mulher no mercado de trabalho teve consequências directas sobre os modos de oferta de determinados serviços, nomeadamente ao nível da organização dos horários (Alves 2005). Foi necessário, por exemplo, implementar horários mais flexíveis e muitas actividades passaram a prolongar-se pela noite. Actividades que continuam a ser tradicionalmente atribuídas às mulheres, como a aquisição de alimentos, a confecção de refeições ou o acompanhamento das crianças e dos idosos tiveram que se organizar com novas lógicas de horário. A compra de alimentos e de outros bens passou a decorrer, cada vez mais, nas grandes superfícies comerciais que ficam abertas até às 23 ou 24h, 7 dias por semana. As refeições podem ser tomadas fora de casa em unidades que funcionam com horários muito diversificados e que, frequentemente, diferenciam os preços cobrados, aumentando os valores para as refeições tomadas à noite. As creches, as escolas e os centros de dia para idosos prolongam o período de funcionamento para acompanharem as necessidades dos horários de trabalho, o que implica sempre um pagamento mais elevado.

As lógicas de procura que privilegiavam a proximidade entre locais de prestação dos serviços e locais de residência, com as mulheres a trabalhar fora de casa, alteram-se e complexificam-se (Alves 2005). Agora, pode-se comprar os alimentos, o vestuário ou qualquer outro bem ou serviço junto ao local de trabalho, junto à escola dos filhos ou em qualquer outro lugar onde se pode chegar com os novos meios de mobilidade que flexibilizam os ritmos. Os horários de prestação do serviço, o tipo de serviços oferecidos diferenciados por marcas e a facilidade de estacionamento, podem ser muito mais relevantes para a decisão sobre o local onde consumir do que tradicional distância física.

A necessidade de conciliar tempos de trabalho e de vida familiar sempre foi mais sentida pelas mulheres do que pelos homens (André 1993). Os constrangimentos de tempo que se expressam nos ritmos de vida mais acelerados e na menor parcela de tempo livre das mulheres contribuíram para o surgimento de movimentos sociais que conduziram à definição de políticas dos tempos urbanos (Bonfiglioli 1997). Em Portugal, em 1999, às 24h, 90% dos homens já estavam a dormir, contra apenas 75% das mulheres (Lopes e Coelho 2002). Conciliar tempos e funções obrigava as mulheres a permanecerem acordadas até mais tarde e a terem menos tempo para si.

Usos do espaço numa sociedade em contínuo

As mudanças nos ritmos e nos usos do tempo alteraram as relações dos indivíduos com os territórios e criaram novas dinâmicas. A organização do espaço depende, cada vez menos, de conceitos tradicionais de distância, proximidade ou densidade, e está, cada vez mais, relacionada com conceitos espaço-temporais como velocidade, movimento, acessibilidade, duração, horários, ritmos, conectividade... que decorrem das novas formas de organização da sociedade, mais flexível, mais rápida e com maior mobilidade (Boulin 2002).

Os territórios políticos e administrativos herdados de uma concepção de tempo mais estável foram ultrapassados por novas relações territoriais que resultam de dinâmicas como a localização do emprego, dos locais de consumo e da residência, as novas formas de mobilidade e de consumo, as tecnologias de comunicação e o funcionamento em rede, que se organizam a escalas cada vez mais vastas (Ascher 1995; Boulin 2002). Em vez de vivermos em territórios com limites bem definidos, vivemos em nubladas de geometria variável, com limites incertos e com ritmos e tempos de funcionamento cada vez mais dessincronizados. Cada bairro pode ter temporalidades diversas. Já não é apenas a questão das periferias dormitórios que só têm vida ao fim do dia e de manhãzinha, e do esvaziamento dos centros históricos das cidades à noite, mas outras áreas que ganham e perdem vida com temporalidades diversas. Por exemplo, o comércio mais sofisticado do Bairro Alto, em Lisboa, só abre a partir da parte da tarde, de modo a acompanhar o ritmo de afluxo dos potenciais consumidores que procuram esta área fundamentalmente à noite.

Os indivíduos desenvolvem relações de pertença a múltiplos lugares como o local de residência, de trabalho, de lazer, de férias, das compras, de nascimento, dos filhos, dos pais. O espaço de pertença deixa de ser o espaço contínuo dos modelos geográficos clássicos e transforma-se numa topologia complexa de espaços descontínuos, disjuntivos, de conexões que se traduzem em combinações sócio-temporais inéditas (Dupuy 1995; Boulin 2002). Nos espaços do centro das cidades onde se concentram as actividades de lazer nocturnas, por exemplo, cruzam-se pessoas provenientes dos mais diversos lugares.

Estes indivíduos podem pertencer, em termos de residência ou de trabalho, às periferias urbanas ou a áreas rurais mas, em termos de lazer, recreio e cultura, pertencem ao centro da cidade. A noite dos centros das cidades é uma espécie de mosaico onde se justapõem várias tribos, seitas e castas, com os seus espaços específicos, que até podem misturar-se nalguns espaços públicos, mas com uma segregação muito acentuada nos espaços privados (Piçon e Piçon-Charlot 2000).

As novas formas de mobilidade (Dupuy 1995) e as tecnologias de comunicação permitem utilizar serviços provenientes de áreas cada vez mais amplas e não apenas os que se encontram em localizações mais próximas. Os processos de mobilidade complexificam-se. Desenvolvem-se novas noções de acessibilidade dependentes da capacidade financeira, do capital social e relacional. O aumento da diversidade de escolha é uma das características das grandes aglomerações, o que leva as empresas a escolhê-las para se localizarem. Mas a possibilidade de aceder a um serviço através de suportes como a Internet pode alterar radicalmente os padrões de consumo em termos de localizações e, sobretudo, em termos de tempos de utilização. Com a Internet podemos consumir a qualquer hora serviços cujo local de produção pode estar localizado muito próximo ou a milhares de quilómetros de distância. O tempo de consumo torna-se contínuo e depende cada vez mais de imperativos individuais.

A grande aglomeração urbana transforma-se num grande mercado de trabalho, mas este pode estar organizado a uma escala ainda mais vasta, o que incentiva a flexibilização dos horários e novas formas de organização do trabalho, mais precário, mais desregulado, mais dessincronizado. Os critérios de localização do emprego tornam-se mais sensíveis aos custos financeiros do que às distâncias trabalho/habituação (Ascher 1995) e podem gerar novas dinâmicas nas necessidades de serviços, estimulando o trabalho em horários atípicos, como à noite e ao fim de semana, devido aos novos contextos de tempo da procura.

A valorização social das actividades de lazer, sejam culturais, desportivas ou recreativas, e o facto de ser à noite que os indivíduos têm maior disponibilidade de tempo livre, contribuem para o aumento dos consumos em horários nocturnos. Os horários dessincronizados contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo com cada vez mais pessoas nos espaços públicos durante as 24h.

A diversificação das temporalidades urbanas e a dessincronização dos ritmos de vida colocam um problema de fundo sobre a maneira de viver em conjunto que se traduz na redução dos rituais e no aumento dos eventos com reflexos na organização dos espaços de vida (Herpin e Verger 2008). Os grandes ritmos comuns ligados às celebrações religiosas, às manifestações desportivas ou políticas, as refeições em comum, os horários dos programas de televisão, ou outros, fundamentaram durante muito tempo os rituais da vida colectiva, promoveram os espaços de coabitação, desenvolveram a hospitalidade dos espaços públicos. Das refeições diárias em família passámos para o almoço semanal ao

domingo e deste para os encontros apenas nos grandes momentos. Primeiro, justificava-se com aumento das distâncias casa-emprego/estudo que limitava a mobilidade. Hoje, com os meios de transporte individuais, a maior dificuldade está na sincronização dos tempos. Estudos realizados, na Bélgica, mostraram que cada vez menos activos podiam prever com precisão a que horas iriam finalizar a jornada de trabalho (Ascher 1997). O crescimento da imprevisibilidade torna mais difícil a programação da vida em comum o que se reflecte negativamente na vida social.

Conflitos e tensões

À medida que se desenvolvem novos usos do tempo e do espaço mais dessincronizados e com maior destaque para os usos em tempos nocturnos os conflitos entre indivíduos, nos espaços públicos, podem acentuar-se. A imprensa exacerba as tensões entre a cidade que dorme, a cidade que trabalha e a cidade que se diverte (Gwiazdzinski 2003). Nalguns bairros surgem conflitos entre habitantes ciosos da sua tranquilidade e os consumidores dos locais da noite, símbolos da emergência de um espaço público nocturno.

Nos conflitos, em 2007, na periferia de Paris e noutras cidades francesas, assim como nos recentes acontecimentos em Atenas os incêndios de veículos aconteciam preponderantemente entre as 22h e a 1 da manhã, precisamente quando todo o enquadramento social desaparecia. E, ao mesmo tempo, quando o *espectáculo* do fogo era mais visível e surtia mais efeito do ponto de vista mediático.

A noite está no centro de processos de confitualidade quando movimentos de cidadãos se insurgem contra a poluição luminosa que nos priva do espectáculo gratuito das estrelas, mas também contra o tráfego nocturno nos aeroportos. Este tende, contudo, a crescer para aproveitar as taxas de utilização mais reduzidas durante a noite. Em França, debate-se o trabalho nocturno das mulheres e, na Suíça, no inquérito para ingresso numa escola de enfermagem pergunta-se às candidatas se o marido autoriza o trabalho nocturno.

Conflitos sociais centrados nos horários nocturnos promovem greves para preservar a majoração dos horários nocturnos. Por questões de segurança, operadores de transportes suprimem determinadas carreiras ou paragens. Face às pressões as autoridades procuram regulamentar o horário de funcionamento das actividades nocturnas e introduzem as limitações à circulação nocturna de ciclomotores em áreas residenciais. Nalgumas cidades dos EUA estabelece-se o recolher obrigatório para os adolescentes, mas também em algumas cidades francesas e nalguns *landers* alemães (Gwiazdzinski 2003).

Implanta-se nos espaços públicos uma panóplia de tecnologias de video-vigilância, radares e câmaras de infra-vermelhos com objectivos de garantir segurança a quem tem de viver a

noite. Por questões de segurança as autoridades procuram controlar, criando regras para a realização de festas e outros eventos culturais nos espaços públicos.

Ser cidadão é também praticar a cidade à noite (Piçon e Piçon-Charlot 2000:15). Mas esta prática varia em função das idades, do género e dos meios sociais. O acesso aos territórios e às actividades da noite depende da disponibilidade dos meios financeiros, dos recursos culturais e relacionais. A noite é segmentada à imagem da sociedade.

Bibliografia recomendada para leitura

- Ascher F (1997) "Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme" *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, p. 113-122.
- Herve E (2001) *Le temps des villes*. (<http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>)
- Marconis R (2005) "Nouveaux rythmes urbains: La ville à 1000 temps?" http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=632

Referências bibliográficas

- Alves T (2005) *Geografia dos Serviços: reestruturação produtiva e inovação social*. Lisboa: CEG.
- Alves T; Costa E; Pires I (1998) "O quotidiano nas cidades médias - os casos de Aveiro e Viseu" *1º Congresso da Sociologia Económica Portuguesa*
- André I (1993) *O falso neutro em Geografia*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- Ascher F (1995) *Métapolis ou l'avenir des villes*, Paris: Odile Jacob.
- Bonfiglioli S (1997) "Les politiques des temps urbains en Italie" in *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, pp. 22-29
- Boulin J-Y (2002) *La ville à mille temps*. Paris: Editions de l'Aube.
- Castels M (1996) *The Information Age: Economy, Society and Culture*. Cambridge: Blackwell.
- Dupuy G (1995) *Les territoires de l'automobile*. Paris: Anthropos.
- EC (2003) *Time use at different stages of life Results from 13 European countries*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities
- Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24*. Paris: Editions de l'Aube.
- Herpin N ; Verger D (2008) *Consommation et modes de vie en France*. Paris: La Découverte.

Levine R (1997) *A Geography of Time: on Tempo, Culture, and the Pace of Life*. New York: Basic Books.

Lopes J T (1998) *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto (BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - teixeira-joao-lopes-cidade-cultura.html).

Lopes M G C; Coelho E (2002) *Diferenças e Semelhanças entre o Uso do Tempo das Crianças e dos Adultos em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Piçon M; Piçon-Charlot M (2000) "Les nuits de Paris" *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 87, p. 15-24.

Sítios na Internet

<http://www.ine.pt>

http://www.statistics.gov.uk/timeuse/summary_results/when_do_we_do.asp

2. NOVAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS E COLECTIVAS

As mudanças sociais e culturais das últimas décadas reforçaram a importância do espaço-tempo noite em todas as esferas da sociedade. Entre os factores de mudança podemos salientar: a liberalização de costumes e práticas sociais - em consequência não só da redução da influência da religião, como também do crescimento dos níveis de instrução da população; as mudanças demográficas como o crescimento do número de pessoas sozinhas, sem constrangimentos de horários familiares, ou o facto de as pessoas casarem cada vez mais tarde, permanecerem mais tempo em casa dos pais, livres dos encargos associados à vida familiar; os modos de vida urbanos – que reduzem a separação entre dia e noite, entre as estações do ano, e promovem ritmos de vida muito mais diversificados; a revalorização das práticas relacionadas com o tempo livre que, socialmente, deixaram de ser vistas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais-valia na formação dos indivíduos.

Espinasse e Buhagiar (2004) num estudo sobre as práticas e as representações da noite por parte de jovens franceses, entre os 19 e os 29 anos, concluíram que, para estes jovens, a noite representa dois universos opostos: por um lado o repouso, o sono e a calma, por outro, a festa, a magia e a transgressão. Para a quase totalidade dos inquiridos a noite é definida como um tempo escolhido, um tempo de liberdade, enquanto o dia está associado aos constrangimentos e às obrigações. Trabalhar de noite surge frequentemente como uma escolha, um sinal de modernidade urbana e de um certo estilo de vida.

As novas práticas pessoais e colectivas, decorrentes das mudanças sociais, levam a uma profunda mudança da configuração temporal dos espaços. A organização temporal que imana da economia, mesmo com a redução dos tempos de trabalho, continua a ser determinante. As regularidades do passado transformaram-se em ritmos, durações e horários não só diversificados, como em contínua mudança. A separação entre tempo de trabalho e de não trabalho não é estável. As alterações decorrentes de novos modos de trabalho, como por exemplo o teletrabalho e o crescimento do trabalho feminino remunerado levam a mudanças nos limites temporais, espaciais e também de género, entre trabalho doméstico e trabalho remunerado (Ascher 1997).

Uma nova organização temporal surge com o desenvolvimento dos lazeres o que vem impor novas lógicas e novos constrangimentos em termos de usos do espaço (Ascher 1997). Estes podem ter uma configuração largamente internacional, nomeadamente com os grandes eventos mediáticos desportivos, como os campeonatos do mundo de futebol ou os jogos olímpicos, mas também com as férias ou os fins-de-semana passados no estrangeiro (Ascher 1997). O comportamento espacial está muito dependente da capacidade económica, mas estas práticas de lazer adaptam-se e tiram partido dos novos ritmos e dos novos rituais sociais. Uma política de livre acesso às novas tecnologias de informação e comunicação em escolas, bibliotecas e jardins públicos, pode alterar radicalmente a interferência da economia na acessibilidade e promover novas práticas sociais e culturais.

O desenvolvimento de modos de vida cada vez mais urbanos reduzem a separação entre dia e noite, entre as estações do ano, e promovem o funcionamento da economia e da sociedade 24h / 7 dias (Gwiazdzinski 2007). No passado, o mundo urbano distinguia-se do rural pelo desaparecimento dos ciclos de carácter natural e pela implementação de ambientes artificiais, que recriavam a noite ou o dia, o verão ou o inverno. Mas o mundo rural transformou-se cada vez mais pela adopção de estilos de vida que pouco ou nada se distinguem do das áreas urbanas. Hoje, nas áreas rurais a maior parte da população trabalha nos serviços e os ritmos de vida, os seus percursos, o uso que fazem do espaço são cada vez mais ditados pelos horários de trabalho e pelos tipos de consumo iguais aos dos espaços urbanos. À noite o tempo livre é passado em frentes dos televisores, tal como nas grandes cidades.

O homem tem de ser necessariamente um animal diurno?

De acordo com o cronobiologista Benard Millet (2005) há um relógio biológico que regula a nossa organização temporal com base na sucessão dos dias e das noites e das estações, permitindo fazer face ao esforço físico e intelectual da nossa actividade. Segundo este cientista, a nossa organização temporal é determinada geneticamente, a sucessão dia-noite não faz mais do que ajustar os nossos ritmos internos à duração da rotação da Terra. O facto de o Homem viver em sociedade significa mudanças na gestão do tempo muito fortes, que nem sempre têm em conta a biologia dos indivíduos. Os ritmos circadianos são completamente alterados pelos novos ritmos de vida. A cronobiologia revela a capacidade de adaptação do corpo humano, mas alerta para os limites dos organismos. Está demonstrado que muitos dos acidentes que ocorrem devido à redução da vigilância estão ligados a horários atípicos e irregulares.

A privação de sono produz modificações patológicas e psicológicas, que podem fragilizar as pessoas (Millet 2005) e induzir comportamentos semelhantes ao consumo excessivo de

álcool ou de drogas. Desde que o descanso seja assegurado o organismo humano tem capacidade de se adaptar, não interessa se é de dia ou de noite. O fundamental é garantir a produção da melatonina, a hormona da boa-disposição. Esta processa-se durante o sono, de dia ou de noite. O que é importante é que o período de descanso decorra calmamente sem perturbações e com ritmos que não vão mudando rapidamente. Se por qualquer razão o indivíduo acordar, basta estar sujeito a uma luz artificial semelhante à solar para o ciclo hormonal ser interrompido e haver mudanças de humor.

As experiências sobre a privação de sono alertam para os comportamentos perigosos, tanto na condução de veículos e de máquinas, como na prática de actos médicos, que levam as instituições a instalarem cabines insonorizadas, com radiações ultra-violetas, que recriam as condições da noite, para que os indivíduos possam descansar e repor os seus ciclos hormonais.

A larga maioria da população continua a utilizar a noite para descansar. Mas o número de pessoas, cujo período de descanso não é a noite, tende a crescer, ao mesmo tempo que aumenta o número de indivíduos que desenvolvem as suas actividades económicas e sociais durante a noite. Na Europa Ocidental, um em cada três trabalhadores trabalhava em horários atípicos (Gwiazdzinski 2007). O desafio do planeamento territorial é encontrar os melhores modos de conciliar ritmos de vida cada vez mais dessincronizados.

Idades e usos do tempo

O aumento da esperança de vida tornou obsoleta a tradicional associação entre idades e principais usos do tempo: infância – tempo de formação; idade adulta – tempo de trabalho; velhice – tempo de repouso. Hoje, os tempos de transição infância - idade adulta e idade adulta - velhice são muito mais relevantes do que no passado, porque se prolongam mais no tempo e porque se traduzem em novas práticas sociais com particular relevo para o espaço-tempo noite. Espinasse e Buhagiar (2004) constataram que a noite exerce uma grande atracção sobre os jovens, por vezes mesmo muito jovens, mas é um espaço-tempo também muito importante para os celibatários, os reformados jovens e os turistas.

Se a infância/juventude continua marcada pelo tempo da escola, o tempo da aprendizagem já não se confina apenas a este período da vida. Vivemos numa sociedade que consagra cada vez mais a formação ao longo da vida, contínua e permanente. O tempo de trabalho, começa cada vez mais tarde, porque a formação inicial se prolonga à medida que são solicitados níveis de instrução mais elevados. A passagem para a idade adulta estende-se no tempo e a idade de ingresso no primeiro emprego torna-se muito diversificada. Os jovens, cada vez mais jovens, e os adultos jovens (que se prolongam até

idades cada vez mais avançadas) são os principais consumidores das actividades económicas nocturnas.

O crescimento do número de pessoas sozinhas, sem constrangimentos de horários familiares, ou o facto de as pessoas assumirem compromissos familiares cada vez mais tarde, permanecerem mais tempo em casa dos pais, livres dos encargos, estimulam a procura de actividades de serviços utilizadas, sobretudo, à noite. Os adultos jovens com emprego e sem constrangimentos familiares, quer em termos de tempo, quer em termos económicos, são os principais consumidores das actividades de lazer e recreio associadas à noite (Espinasse e Buhagiar 2004).

A vida profissional perde a uniformidade com o desemprego, a precariedade e as mudanças nos saberes que obrigam a novos ciclos de formação e aprendizagem. A formação e qualificação profissional e escolar ao longo da vida promovem o desenvolvimento de actividades em horários cada vez menos convencionais, em particular à noite. Os períodos de desemprego e a precariedade das relações de trabalho contribuem para a mobilidade espacial e social em busca de novas saídas profissionais e incentivam a aceitação de horários atípicos de trabalho como à noite e aos fim-de-semana.

A passagem para a reforma faz-se de uma forma cada vez menos uniforme, com diferenças na idade, no tempo de actividade e nos modos de cessação que podem ser graduais ou repentinos. O número de pessoas activas entre os 55 e os 70 anos tende a aumentar na maior parte dos países europeus, pois os sistemas dificultam cada vez mais a passagem para a reforma devido aos custos de manutenção da segurança social. As transformações em termos de usos do tempo e do espaço são muitas e variadas. A entrada na reforma em idades menos avançadas cria um mercado para serviços como as viagens, o lazer, as práticas desportivas e culturais. Sem a imposição dos ritmos de trabalho, os reformados mais jovens adquirem novos hábitos de uso do tempo que os tornam consumidores de serviços à noite pois podem deitar-se mais tarde (Espinasse e Buhagiar 2004). Em contrapartida, o prolongamento da actividade profissional até idades mais avançadas tem como consequência a perda deste estímulo ao mercado económico e o crescimento da procura de serviços de cariz social, como os serviços de saúde e de apoio à terceira idade.

A noite é um espaço-tempo muito relevante para os idosos. À medida que envelhecemos dormimos cada vez menos horas e como hoje vivemos até muito mais tarde, a noite dos idosos requer um tratamento especial. Não apenas por uma questão de segurança, mas através da prestação de serviços de apoio. Durante a noite os idosos são grandes consumidores de programas de rádio e de televisão, mas é raro haver programas específicos dirigidos para este grupo etário. A noite acentua a solidão e agrava os problemas de saúde, por isso há toda uma gama de serviços de proximidade que podem ser desenvolvidos. O envelhecimento da população obriga a que os cuidados de saúde e os serviços de apoio sejam cada vez mais prolongados no tempo, pela maior longevidade das pessoas, mas também pelo facto de o número de idosos a viverem sozinhos ser cada vez

maior. O desenvolvimento de redes de serviços sociais de proximidade, para actuarem predominantemente de noite, é uma medida fundamental para a promoção da qualidade de vida. Para Espinasse e Buhagiar (2004) os idosos eram os principais excluídos da noite.

As crianças são outro dos grupos excluídos da noite, mas os dados sobre o uso do tempo demonstram que, hoje, as crianças têm a maior parcela do tempo livre concentrada à noite e permanecem acordadas até tarde, mas a ver televisão (Lopes e Coelho 2002). Nos anos 50 e 60, quando a televisão não imperava na ocupação dos tempos livres, era frequente, nas noites mais amenas, as pessoas encontrarem-se nos espaços públicos depois do jantar. As crianças brincavam, os adultos conversavam ou participavam nos jogos e brincadeiras. O convívio intergeracional era estimulador das relações pessoais e um meio de desenvolver competências sociais. O planeamento do território pode promover estas práticas através da criação e manutenção de espaços públicos, particularmente os de proximidade que estimulem uma ocupação do tempo livre mais participada colectivamente.

Em Paris, desde 1995, às quintas-feiras à noite ocorre um evento chamado a *balada dos patinadores* a que, com o tempo, se juntaram também ciclistas (<http://www.parisrandovelo.com/>). Dezenas e mesmo centenas de indivíduos, de todas as idades, com patins ou de bicicletas descobrem a cidade nocturna. Esta iniciativa no início era vista com desconfiança pelas forças de segurança e pelo poder político, neste momento faz parte do *marketing* territorial, é publicitado nos pacotes turísticos e promoveu o desenvolvimento de uma rede de ciclovias que cobre toda a região de Paris e é utilizada a qualquer hora.



Paris (2008)

Comportamentos cada vez mais individualizados

As mudanças nos modos de vida que geram comportamentos cada vez mais individualizados estão, segundo Herve (2001), associadas: ao desaparecimento da sociedade industrial taylorista com os seus ritmos massificados e estandardizados; ao

declínio da importância dos modos de produção sobre o comportamento; à importância do tempo fora do trabalho; ao recuo da pertença a religiões, sindicatos ou grupos políticos; ao deslocamento dos centros de interesse políticos; a uma melhor qualificação profissional; à desstandardização do consumo; a uma maior diversidade das ofertas culturais; ao crescimento da permissividade de valores (em relação à família, à sexualidade, à religião). O ideal de vida para ser feliz no começo do século XXI era viver longe do centro da cidade e ter um automóvel.

Este movimento traduziu-se na procura crescente de casas individuais, promoveu a dispersão da habitação e contribuiu ainda mais para a diversificação dos comportamentos individuais e a dessincronização dos tempos sociais. Num inquérito realizado no Canadá este estilo de vida aparecia associado à necessidade de trabalhar mais tempo para dispor de meios financeiros para fazer face ao crescimento dos encargos: habitação individual era mais cara; necessidade de ter um veículo para cada membro da família (Gwiazdzinski 2007). Os horários de trabalho tornavam-se mais longos, avançando pela noite, e o tempo de trabalho no domicílio também aumentava, o que gerava novos usos do tempo e do espaço, confundindo os lugares sociais.

Os comportamentos mais individualizados parecem, contudo, abrir perspectivas ao aumento da procura para actividades que promovem a socialização, como os bares e a restauração (encontros ao fim do dia de trabalho para conversar e tomar uma bebida ou uma refeição; sair à noite para encontrar os amigos), a valorização cultural, como os espectáculos ou as exposições de arte ou cultura (as sessões mais concorridas dos cinemas são à noite; os horários dos espectáculos de música ou de teatro raramente são diurnos) e a prática desportiva (cada vez menos em actividades de grupo; aumento das sessões personalizadas ou pelo menos individualizadas porque os horários são muito mais facilmente articuláveis com as limitações impostas pelos tempos de trabalho; mesmo as crianças praticam desporto sobretudo ao fim do dia, início da noite) (Alves 2005).

Para Herve (2001) este movimento em busca de liberdade – autonomia devia alimentar-se do respeito por si e pelos outros, não poderia nunca ser sinónimo de solidão ou de egoísmo. Os indicadores sociais em França pareciam ser positivos pois mostravam que: a vida associativa, cooperativa e mutualista continuam activas; a economia social, a economia solidária e a procura de serviços públicos conservam a vitalidade; as pessoas continuam a mobilizar-se em função de novas solidariedades. Um novo modelo de sociedade sem espaço para a vida colectiva parecia estar fora de causa. A vida colectiva estaria a mudar de sentido, a adquirir valores diferentes do passado. À crescente individualização da esfera privada, e dos seus espaços, estará a corresponder a crescente procura da esfera pública e dos seus espaços para criar laços, relações e pertenças? Se assim for a noite parece ser o espaço-tempo por excelência destas novas práticas sociais.

Novos valores e níveis de instrução mais elevados

A redução da importância da religião teve como consequência a liberalização de costumes e práticas sociais, permitindo a afirmação de valores que facilitaram o trabalho ao domingo e nos dias “santos”.

O trabalho nocturno deixou de ter uma carga pejorativa e passou a ser socialmente aceite, nomeadamente o trabalho das mulheres. Quando em França as mulheres puderam passar a trabalhar à noite, a discussão era se tal devia ser entendido como um sinal de liberdade, ou mais um constrangimento (Gwiazdzinski 2003). De qualquer forma, a lei francesa consignou que uma mulher pode recusar o trabalho de noite se tiver a seu cargo a educação de crianças. Facto que não pode ser invocado por um homem.

Os níveis de instrução mais elevados contribuem, por um lado, para uma mudança nos tipos de trabalho e, por outro, para mudanças nos valores e comportamentos. O crescimento de qualificação do emprego corresponde à predominância das actividades nos serviços e favorece a diversidade de horários, o avanço do trabalho em horas menos convencionais e a aceitação de ritmos de vida mais dessincronizados. O que pode ser um estímulo ao consumo de novos serviços que compensem a falta de tempo para a execução de tarefas na esfera doméstica, como acontece com a externalização de funções como a preparação de refeições, a limpeza ou o tratamento da roupa (Alves 2005). Se nuns casos podem traduzir-se na contratação de serviços domésticos que serão prestados no domicílio, noutros estimulam consumos fora do agregado doméstico em horários cada vez mais irregulares, promovendo o surgimento de novas actividades e empresas (Alves, 2005).

A população presente na noite em França, quer a que trabalha, quer a que consome, continuava a ser, predominantemente, masculina e jovem (Espinasse e Buhagiar 2004). Os níveis de instrução mais elevados podem levar a uma melhor partilha das funções domésticas, o que pode contribuir para uma maior disponibilidade de tempo livre que pode ser utilizado em actividades de lazer e recreio ou simplesmente em tempo para si, contribuindo para que o espaço-tempo noite seja cada vez menos a expressão de usos de tempos segregadores em termos de género.

Valorização das práticas culturais e desportivas relacionadas com o tempo livre

O aumento da intensidade do trabalho, decorrente do desenvolvimento de uma sociedade de serviços, e os níveis de instrução mais elevados, que contribuem para novos valores e melhores remunerações, promovem a valorização das práticas culturais e desportivas relacionadas com o tempo livre que, socialmente, deixaram de ser vistas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais-valia na formação dos indivíduos.

Como a maior disponibilidade de tempo livre ocorre, precisamente, à noite esta mudança vai afectar o uso dos territórios durante esse período.

As actividades que articulam a economia do espectáculo e o enriquecimento cultural, como o teatro, o cinema, a ópera, a música e toda uma variedade de outros espectáculos ocorrem, sobretudo, à noite, provocando dinâmicas nos territórios relacionados quer com os fluxos dos espectadores, como também com o trabalho que induzem. A localização destes equipamentos é determinante para a dinâmica dos territórios à noite. Duas tendências contraditórias persistem: por um lado, a concentração dos equipamentos mais antigos, ligados a formas mais elitistas de espectáculos, ficam no centro das cidades e para funcionarem com níveis aceitáveis de afluência de público têm de atrair os residentes das periferias; por outro lado, o desenvolvimento dos espaços, onde se associam cinema, restauração e comércio localizados nas periferias. Em qualquer das situações a acessibilidade está dependente da capacidade de mobilidade privada.

A abertura nocturna de museus, centros de exposição ou galerias de arte ocorre, em geral, pontualmente, num dia específico da semana ou por ocasião de um dado evento. Em Lisboa, por exemplo, a abertura do Museu do Oriente até às 22 h de sexta-feira teve como reflexo que outros espaços, como o Centro Cultural de Belém, passassem a ter também um dia de abertura até mais tarde, por sinal o mesmo dia da semana. Em Nova York e em Paris os vários espaços culturais concertaram entre si quais os dias de abertura nocturna de modo a que não se sobreponham. Assim, a conciliação de horários possibilita a abertura destas actividades culturais a um público muito mais vasto.

Por fim, as actividades ligadas às práticas desportivas que, para poderem ter horários compatíveis com os outros usos do tempo, nomeadamente com as horas de trabalho e de escola, têm de ser realizadas em horários muito tardios. Os pavilhões gimnodesportivos, as piscinas, os complexos de campos de jogos têm os seus picos de utilização após as 18h e prolongam as actividades pela noite dentro.

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação reduz as distâncias e muda as noções de lugar, de tempo e de horário. Sem sair de casa temos à nossa disposição um sem fim de serviços, de bens, de informações que modificam as nossas práticas e comportamentos. Através das novas tecnologias de informação e comunicação podemos dar ordens de compra e venda, aceder a serviços, alterar radicalmente a nossa vida doméstica, organizar as nossas deslocações, modificar as nossas práticas culturais e os nossos comportamentos sociais e pessoais, a qualquer hora, de dia, mas sobretudo de noite.

As novas tecnologias de informação e comunicação criam continuidades entre tempo de trabalho e tempo livre, entre espaço privado e espaço público. As fronteiras são cada vez mais fluidas e as consequências são evidentes em termos de confusão do uso do tempo e mesmo do espaço. As novas tecnologias de comunicação que permitem obter tudo e a toda a hora, segundo imperativos individuais, podem criar tensões porque a vida social raramente está modelada segundo essa lógica.

Table 5.22 Time spent on main activities by whether a computer user, 2000 and 2005

Great Britain				
Main activity	2000		2005	
	Non-computer user	Computer user	Non-computer user	Computer user
Average minutes per person per day				
Sleep	519	526	482	486
Resting	23	15	48	30
Sleep and resting	542	542	540	516
Eating & drinking	89	79	83	76
Personal care i.e. wash/dress	48	42	45	41
Paid work	139	107	167	167
Study	14	38	12	23
Housework excluding childcare	179	131	147	114
Childcare (of household members)	20	18	23	24
Voluntary work & meetings	17	17	17	15
Social life (but not resting)	64	66	85	62
Entertainment & culture	8	7	5	4
Sport & outdoor activities	18	18	9	11
Hobbies & games	11	15	19	13
Reading	28	28	25	21
TV & Video/DVDs, radio, music	157	157	160	135
Travel	83	74	87	88
Computing	0	96	0	120
Other specified/ not specified	22	14	16	10
	1440	1440	1440	1440
	88%	12%	84%	16%
<i>Total number of persons in sample</i>				
- weighted	15459	2095	4127	814
- unweighted	15371	2110	4206	508

Fonte: http://www.statistics.gov.uk/timeuse/summary_results/when_do_we_do.asp

O uso do tempo dos utilizadores de computadores no Reino Unido é significativamente diferente do dos outros indivíduos. Os 120 minutos diários dedicados aos computadores significam menos tempo nos trabalhos domésticos, na vida social e no tempo livre. E significa menos tempo passado nos espaços públicos.

Bibliografia recomendada para leitura

Espinasse C ; Buhagiar P (2004) *Les passagers de la nuit. Vie nocturne des jeunes*. Paris: Editions L'Harmattan. p. 40-52.

Gwiazdzinski L (2007) *Nuits d'Europe, pour des villes accessibles et hospitalières*. Belfort: Chantiers, p. 27-38.

Herve E (2001) *Le temps des villes*.
(<http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>)

Referências bibliográficas

Ascher F (1997) “Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme” *Les Annales de La Recherche Urbaine* nº 77, p.113-122.

Alves T (2005) *Geografia dos Serviços: reestruturação produtiva e inovação social*. Lisboa: CEG.

Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24*. Paris: Editions de l'Aube.

Lopes M G C; Coelho E (2002) *Diferenças e Semelhanças entre o Uso do Tempo das Crianças e dos Adultos em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).

Lopes J T (1998) *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto (BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - teixeira-joao-lobes-cidade-cultura.html).

Millet B (2005) “L’homme animal diurne?” in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (2005) *La nuit en question(s)* Paris: Editions de l'Aube.

3. SERVIÇOS E ECONOMIA DA NOITE

Na sociedade mundializada, organizada por cidades-globais através de meios tecnológicos (internet, comunicações instantâneas ...), as empresas, grandes ou pequenas, passaram a poder operar continuamente. Com a vulgarização dos telemóveis passou-se a exigir aos trabalhadores uma disponibilidade a qualquer hora do dia ou da noite, o que significou a morte da jornada de trabalho diurno e a erradicação da distância (Cairncross 1997). A competição exacerbada e a ausência de constrangimentos legais contribuíram para a expansão geográfica e temporal da jornada de trabalho contínua. O trabalho nocturno deixa quase sempre de ser remunerado de forma diferente, conduzindo mesmo a greves ao trabalho nocturno, como aconteceu com os enfermeiros em França (Gwiazdzinski 2005).

As profissões mais solicitadas para o trabalho nocturno não são necessariamente as que emergem da moderna economia mundo, mas uma imensa panóplia de profissões desqualificadas, com carácter de emprego precário que se organiza ao nível local (Presser 2003). Nos Estados Unidos da América os que trabalham de noite são os mais desfavorecidos, os que recebem salários mais baixos, pertencem a minorias, são mais jovens e têm menos vantagens sociais (Presser 2003). Em Portugal, dos trabalhadores da higiene urbana, aos trabalhadores dos serviços de segurança, aos médicos e outros profissionais de saúde, a situação é semelhante. Os recentes conflitos na área da saúde devido ao recrutamento de médicos, como trabalhadores eventuais apenas para serviços de urgência e, em particular, para os bancos de noite, revelam precisamente esta tendência. São os profissionais mais jovens, sem regalias sociais, a quem são pagos salários abaixo da média. As ligações de solidariedade entre os trabalhadores da noite são, todavia, mais fortes e há quem aprecie o trabalho nocturno pela tranquilidade, pela autonomia e pela menor relevância das hierarquias (Gwiazdzinski 2005).

A urbanização e a concentração da população são os factores determinantes do crescimento da oferta e procura de serviços 24h/24h (Espinasse, Gwiazdzinski, Heurgon 2005). O número de pessoas que exerce uma parte significativa da sua actividade à noite foi crescendo em actividades como a segurança, as limpezas, os transportes e a distribuição, o saneamento básico, a preparação de alimentos, serviços culturais e recreativos, os serviços de saúde ou a produção e distribuição de energia. São serviços que

podem destinar-se, por um lado, a satisfazer necessidades básicas, por outro, são o suporte e a garantia do normal funcionamento da sociedade quando as outras actividades entram em funcionamento. Veja-se, por exemplo, o caos na cidade de Nápoles com a recente greve na recolha de lixo que fez cair um governo, obrigou a eleições antecipadas e à colocação do exército na rua com o objectivo de garantir a segurança.

Inúmeras actividades sempre foram desempenhadas 24h/24h e outras sempre o foram, predominantemente, durante a noite. Contudo, o modo como hoje vivemos o nosso dia-a-dia revela a imposição de um modelo de vida com novos ritmos na organização do tempo que as inovações técnicas permitem concretizar.

Ao nível da produção vivemos numa sociedade organizada à escala global através de meios tecnológicos que permitem às grandes empresas e às PME operar continuamente, tirando partido das diferenças horárias e das diferenças de salários, e exigindo aos trabalhadores locais uma disponibilidade a toda a hora, através das comunicações móveis. Estas mudanças, nos países mais desenvolvidos, atenuaram a separação entre tempo de trabalho que deixa de ser, predominantemente, diurno e tempo de descanso que já não é, necessariamente, nocturno.

Aproveitando as diferenças horárias, o facto das chamadas telefónicas serem mais baratas durante a noite e os custos da força de trabalho mais reduzidos, milhões de pessoas trabalham na Índia e noutros locais por esse mundo fora para satisfazer as necessidades de consumo dos outros países (Aneesh 2001), executando as mais diversas tarefas como fazer reservas em companhias aéreas, expedir catálogos, prestar informações sobre problemas técnicos, dactilografar relatórios que lhes são ditados por gravações chegadas do outro lado do mundo.... Em África centenas de pessoas olham continuamente as imagens das câmaras de videovigilância, garantindo a segurança dos grandes condomínios privados do outro lado do Atlântico (Aneesh 2001). As migrações tornam-se virtuais, sem saírem do seu país milhões de trabalhadores tratam informação para as empresas europeias e americanas. A competição exacerbada e a ausência de constrangimentos legais contribuíram para a expansão geográfica e temporal da jornada de trabalho contínua (Aneesh 2001).

Ao nível do consumo a possibilidade de aceder a determinados serviços em horários atípicos depende: i) da automação, ou seja, da capacidade técnica de desenvolver processos automáticos de prestação do serviço mediante a utilização de software específico e potentes sistemas informáticos e de comunicação que laboram continuamente; ii) da deslocalização, como acontece quando a disponibilidade dos serviços depende do trabalho desenvolvido por indivíduos que podem estar a milhares de quilómetros de distância, intermediados por sistemas de comunicação, resolvem os problemas ou prestam as informações; iii) da produção que implica um face a face (Alves 2007a). Do ponto de vista económico a diversidade de modos de prestação tem impactos

positivos na dinâmica de consumo que pode ser tão intensa de noite como de dia, criando a sociedade em contínuo organizada à escala mundial.

Do ponto de vista da dinâmica da vida das cidades à noite as actividades podem ser tipificadas em quatro grandes grupos: i) as actividades diurnas que estendem os seus horários de funcionamento pela noite; ii) as actividades que, pela natureza do serviço que prestam, estão associados ao controlo, prevenção ou segurança de riscos pelo que têm de funcionar 24h/ 7dias; iii) os serviços relacionados com os tempos livres; iv) os serviços que decorrem do facto de haver cada vez mais pessoas que trabalham durante a noite (Alves 2007a).

Actividades cujos horários se prolongam pela noite¹⁵

Parte da economia que se desenvolve à noite resulta do prolongamento de actividades que em nada diferem das que são desenvolvidas durante o dia. Não são actividades específicas pelo facto de funcionarem à noite. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a diversidade de horários da população empregada tornou-se imperioso estender o período de funcionamento de muitas actividades económicas e sociais para aumentar a capacidade de captar clientes ou de fornecer serviços a utentes com ritmos de vida cada vez mais diversificados.

As unidades industriais que laboravam continuamente nas grandes cidades da Europa Ocidental são, agora, em menor número. Nuns casos encerraram, noutros deslocalizaram-se para países da Europa de Leste, do Extremo Oriente ou para a América Latina. A majoração do trabalho nocturno conquistada com as lutas sindicais dos anos 60 foi determinante para a procura de novas localizações com custos salariais mais reduzidos. No sector dos lanifícios, na Covilhã, os trabalhadores em unidades com laboração contínua chegaram a ser centenas. Actualmente, apenas uma unidade resiste e consegue fazer face à reestruturação mundial do sector. Nas épocas com maior volume de encomendas continua a organizar turnos que trabalham durante mais horas, nomeadamente à noite.

No comércio retalhista e em muitos serviços de âmbito pessoal, pelo contrário, o trabalho nocturno banalizou-se. Para além do objectivo de servir um número mais vasto de pessoas que, sem este prolongar dos horários, não poderiam aceder aos bens e serviços, o consumo nocturno pode implicar o pagamento de preços mais elevados, aumentando o volume de negócios das empresas. É o que se passa, por exemplo, com o serviço de Táxis, que a partir de determinada hora aumenta de preço. Os serviços de pequenas reparações

¹⁵ Neste ponto e nos seguintes seguiremos de perto o texto publicado em Alves (2007a).

domésticas podem ser consumidos a qualquer hora, mas as taxas de utilização depois das 22 horas são mais elevadas. Quando se recorre a serviços médicos durante a noite, em clínicas privadas, o custo pode passar para o dobro. Comprar medicamentos depois das 22 horas implica o pagamento de uma taxa de serviço nocturno.

Não foram apenas as actividades dirigidas ao consumo das pessoas que procuram organizar-se para responder às novas necessidades, também nos serviços de apoio à produção se assistiram a mudanças significativas. Embora este seja um dos sectores com maior automação da prestação dos serviços, alguns domínios não podem ter o consumo diferido no tempo e no espaço, como acontece com os serviços relacionados, por exemplo, com a higiene e limpeza, a reposição de *stocks* e as respectivas operações de cargas e descargas, a manutenção e reparação que se desenvolvem, sobretudo, de noite. Estes serviços, em geral, têm de se desenrolar durante a noite para não colidirem com o normal funcionamento das actividades ou para não contribuírem para o já muito congestionado tráfego das grandes cidades. Em Lisboa, o Metropolitano encerra ao público entre a 1h e as 6.30h para poder assegurar os serviços de manutenção e as reparações. Nos serviços dependentes de sistemas informáticos é durante a noite que se processam as actividades relacionadas com as rotinas de segurança, o armazenamento ou as mudanças de *software* ou de *hardware*. As profissões altamente qualificadas ligadas a estes sectores têm frequentemente horários nocturnos. As operações de montagem de campanhas de *marketing*, quer no exterior, quer no interior das unidades, são também quase sempre efectuadas durante a noite. Neste caso, para além da necessidade de desfasamento temporal, aposta-se na surpresa dos consumidores ao verem, de manhã, mudanças que ocorreram durante a noite. O efeito é como que ampliado pela natureza mítica que continua a ser atribuída à noite, um espaço-tempo de mudança, onde acontecem coisas “mágicas”.

A diversidade de horários de funcionamento e o surgimento de horários nocturnos está a afectar também serviços como a educação, o ensino e a formação profissional. A mudança de paradigma em que as aprendizagens não se limitam apenas ao início da vida, mas que devem ser retomadas ao longo de toda a vida, leva ao surgimento de serviços que funcionam, predominantemente, de noite. O declínio da população em idade escolar e o risco das escolas ficarem sem alunos levaram, em Portugal, muitas unidades do 3º ciclo do Ensino Básico, do Secundário e mesmo do Superior a oferecer horários pós-laborais, procurando captar novos alunos entre as pessoas que só podem estudar se o fizerem à noite. O Programa Novas Oportunidades é outro exemplo destes processos.

Embora a globalização da economia surja associada às sociedades em contínuo e ao crescimento dos níveis de qualificação, as profissões mais solicitadas para o trabalho nocturno são profissões desqualificadas, com um cariz mais local. Nos EUA, os salários astronómicos pagos às elites da economia mundial podem, contudo, estar a favorecer a procura de serviços específicos oferecidos por jovens empreendedores, muitos deles saídos da imigração, e por trabalhadores que se voluntariam para trabalhar à noite,

apostando em nichos de mercado, como a preparação e entrega de refeições, o fornecimento de bens alimentares, bebidas e tabaco, o acompanhamento de crianças e idosos, mas também de animais domésticos, o transporte personalizado de pessoas e bens, funções que nas grandes cidades mundiais operam 24h/24h (Presser 2003).

A dinâmica económica do espaço-tempo noite resulta também de actividades que, no passado, associávamos apenas ao dia mas que, ao serem desenvolvidas à noite, podem assumir características particulares. A noite não tem que ser uma mera extensão do dia. O mesmo tipo de actividades económicas pode assumir contornos bastante diversos conforme se destina a ser consumida durante o dia ou durante a noite. A área da restauração é um bom exemplo. Quando os picos de utilização são à noite, as unidades têm quase sempre estratégias de organização da prestação do serviço que procuram valorizar lógicas de usufruto do tempo e do espaço que propiciam o convívio e estimulam o inter-relacionamento. As funções semelhantes, mas predominantemente diurnas, estão quase sempre associadas aos imperativos da rapidez e da urgência. Pode-se almoçar num restaurante *fast-food*, mas se se vai jantar procura-se um ambiente agradável para se poder estar como, por exemplo, uma esplanada à beira-rio ou um restaurante com uma vista agradável. A disponibilidade de tempo contribui para procurar um espaço onde seja agradável permanecer.

Serviços que pela sua natureza têm de funcionar 24 horas por dia

Serviços como os hospitais e as farmácias, as centrais de emergências e os bombeiros, as esquadras de polícia, as actividades relacionadas com o controlo de tráfego ou com a vídeo-vigilância, nas ruas das grandes cidades, nas auto-estradas ou no espaço aéreo, mas também a protecção civil e os serviços meteorológicos, sempre funcionaram 24 sobre 24 horas. Pela sua natureza de controlo, segurança ou prevenção de riscos, estes serviços têm de estar disponíveis a qualquer hora para fazer face a qualquer emergência que possa pôr em causa a vida de pessoas ou o património. Os riscos que estes serviços pretendem prevenir podem, nalguns casos, serem ampliados pelo facto de ocorrerem durante a noite. Em relação aos problemas de saúde, por exemplo, existem estudos de cronobiologia que revelam maior incidência de determinados problemas durante a noite, o que se relaciona com os ciclos circadianos do organismo humano (Espinasse, Gwiazdzinski, Heurgon 2005). As estatísticas demonstram que os acidentes de tráfego, com consequências mais dramáticas, ocorrem, predominantemente, durante a noite (Espinasse, Gwiazdzinski, Heurgon 2005). O que é discutido é se o facto de ocorrerem, precisamente, durante a noite não amplia as suas consequências. Como é que o cansaço e a redução da vigilância, associados aos ciclos cronobiológicos, podem ser ampliados pelos medos e ansiedades

que, culturalmente, estão associados à noite e contribuem para a ocorrência de acidentes com consequências que noutras condições talvez pudessem ser evitadas?

Nos casos da produção e distribuição de energia, gás e água, a jornada contínua resulta do facto de serem actividades básicas ao funcionamento da vida económica e social com consumos repartidos ao longo de todo o dia e, nalguns casos, com picos de utilização que podem ocorrer, precisamente, no período da noite. No caso da água e do gás os produtos podem ser armazenados e a distribuição pode ser diferida da captação e tratamento, no caso da água, e da produção, no caso do gás. Mas com a energia eléctrica a produção, a distribuição e o consumo têm de ser simultâneos, o que gera situações de gestão muito complexas, requerendo sistemas a laborar continuamente.

Os serviços relacionados com as comunicações e os relacionados com o saneamento básico apresentam características semelhantes, pois a gestão das infra-estruturas tem de ser contínua para prevenir acidentes e evitar a rotura no fornecimento dos serviços. O controlo dos procedimentos nocturnos através de sistemas automáticos leva a que o volume de recursos humanos envolvidos nestes serviços seja, relativamente, diminuto.

A higiene urbana, nomeadamente os serviços de recolha de resíduos sólidos urbanos, funciona, sobretudo, em horários nocturnos para evitar congestionar ainda mais as áreas centrais das cidades. Problemas relacionados com o ruído e com os custos do trabalho nocturno estão, todavia, em Portugal, a diversificar os horários da recolha, nomeadamente nos lixos seleccionados colocados nos eco-pontos.

Serviços relacionados com os tempos livres

As mudanças sociais e culturais das últimas décadas reforçaram a importância do espaço-tempo noite na esfera da economia ligada às actividades com carácter lúdico e, em particular, cultural.

A valorização das práticas relacionadas com o tempo livre que, socialmente, deixaram de ser vistas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais valia na formação dos indivíduos, é determinante para o crescimento deste segmento da economia. Num inquérito sobre o uso do tempo 80% dos franceses declararam sair à noite para se divertir, contra os 60% de há 30 anos. Esta proporção vai aumentando com a dimensão dos aglomerados e o nível de instrução, mas decai com a idade (Espinasse, Gwiazdzinski, Heurgon 2005). Em França, o mercado dos lazeres nocturnos continua a crescer (Gwiazdzinski 2005).

A noite continua intimamente ligada ao tempo livre e, assim, as actividades que animam os territórios à noite são, sobretudo, as que imanam de consumos que “(...) integram o sentir e os desejos humanos na esfera mercantil (...)” (Bonomi 2000:123). Ao mesmo tempo, a noite continua, culturalmente, associada a valores de transgressão e marginalidade que são recuperados e mercantizados pelas actividades. O sucesso de muitas das actividades da economia da noite passa, frequentemente, pela manutenção de um certo carácter *underground*, a que se junta algo de *avantgard* (Bonomi 2000). Porque apesar da carga negativa que continua a inquietar-nos, a noite tem vindo a ganhar novas dimensões e valores.

Os serviços relacionados com os tempos livres que animam a noite podem ser divididos em quatro grandes grupos que se distinguem, sobretudo, pelo tipo de consumidores a que se destinam. Em primeiro lugar, há que destacar as actividades que fazem a ligação entre economia do divertimento e o sector agro-alimentar, onde dominam os restaurantes, os bares e as discotecas. Em segundo lugar, as actividades que articulam a economia do espectáculo e o enriquecimento cultural como o teatro, o cinema, a ópera, a música e toda uma variedade de outros espectáculos culturais. Em terceiro lugar, as actividades de índole cultural como a abertura nocturna de museus e centros de exposição, mas que podem estar também ligadas a esferas muito específicas da economia, como as galerias de arte. Por fim, as actividades ligadas às práticas desportivas que, para poderem ter horários compatíveis com os usos do tempo, nomeadamente com as horas de trabalho e de escola, têm de ser realizadas em horários muito tardios.

As actividades que fazem a ligação entre economia do divertimento e o sector agro-alimentar, onde dominam os restaurantes, os bares e as discotecas, criam dinâmicas que tanto podem estar dispersas como muito concentradas no espaço e variam muito no tempo. Nos trabalhos com origem no Reino Unido a economia da noite é, sobretudo, este conjunto de actividades. A atenção dedicada a este domínio decorre dos problemas sociais que lhes estão associados, nomeadamente o alcoolismo e a delinquência juvenil (Hobbs 2003). Trabalhos sobre Leeds, Liverpool, Manchester e Newcastle demonstram que o desmantelamento do estado social no período de Margaret Thatcher conduziu ao crescimento do desemprego, à redução das expectativas de futuro dos mais jovens e à desestruturação dos espaços dos centros das cidades que, vazios, sofreram uma degradação muito acelerada (O’Conner 1997). As políticas de requalificação urbana dos anos 90 basearam-se em investimento na economia do divertimento e no sector agro-alimentar para vivificar estes centros históricos, mas os resultados não foram muito animadores (O’Conner 1997). O agravamento dos conflitos sociais nos espaços públicos obrigou, por um lado, a produzir regulamentos e programas sociais para controlar a questão do consumo de álcool e, por outro, levou à instalação de uma panóplia de câmaras e sistemas de vídeo-vigilância para em nome da segurança controlar os movimentos das pessoas (Office of the Deputy Prime Minister 2005). A política de algumas cidades foi procurar diferenciar-se pelo ambiente de segurança e calma que conseguiam oferecer (Greater London Authority 2005).



www.bournemouth.gov.uk/visitors/nighteconomy.asp

Bournemouth A safer nightlife - and a far more enjoyable place to be

Bournemouth is a town at the forefront of a battle to provide a safe and enjoyable nightlife. The town has been through the toughest of times and has emerged as a safer and more enjoyable place to be at night. The town has a long history of providing a safe and enjoyable nightlife and has been at the forefront of many projects that are making Bournemouth a safer and more enjoyable place to be at night.

Some of these 30 projects are:

- Club closures:** The town has seen the closure of several clubs, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.
- Safe routes:** The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.
- Maritime Village project:** The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Great bookings and referrals: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Routes: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Alcohol-free transport methods: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Door staff registered on: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Party events: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Free chocolate: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Alcohol-free routes: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Safe routes: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Maritime Village project: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Safe routes: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

Maritime Village project: The town has implemented a number of safe routes, which has helped to reduce the number of late-night venues and has made it easier for people to find a safe and enjoyable place to go at night.

A ligação entre economia do divertimento e o sector agro-alimentar produz um tipo de espaço urbano que Bonomi (2000) chama o distrito do prazer. O distrito do prazer é para este autor a forma de urbanismo que integra o sentir e os desejos humanos na esfera mercantil. Surge, em geral, em espaços com características históricas, com valor do ponto de vista cultural ou paisagístico. Podem ser bairros antigos nos centros das cidades, mas também locais mais periféricos. Desenvolve uma hibridação profunda com o que existe, coexistem residentes e pessoas de passagem. A ligação entre economia do divertimento e sector agro-alimentar produz novos estilos de vida e mitos que lhe dão sentido (Bonomi 2000).

A acção das políticas territoriais pode influenciar a evolução destes espaços através de um sistema de acções integradas ao nível local mas a pressão duma economia organizada à escala mundial, tende a produzir paisagens urbanas que tendem a assemelhar-se e que têm quase sempre mais vida à noite. Para além das marcas que operam à escala global e que aparecem em todo o lado, existem estilos de ambiente que na noite podem ser criados por modas, ligados à música, mas também a produtos, como é frequente acontecer com as bebidas alcoólicas, e que são iguais em todos os locais onde surgem.

A tendência para a criação de guetos ligados a estas actividades tem, em geral, impactos mal resolvidos em termos de articulação das diferentes vivências. Dois modelos têm sido

seguidos. Ou há uma separação clara e criam-se espaços tipo “Docas” de Lisboa que quase só têm vida à noite, ou procura-se estimular a mistura, como acontece em áreas como o Bairro Alto. Os conflitos, neste caso, entre residentes e boémios só tiveram visibilidade política quando chegaram os novos habitantes dos condomínios privados que, aparentemente, estiveram por trás da imposição do encerramento das unidades comerciais às 2h da manhã.

As actividades que articulam a economia do espectáculo e o enriquecimento cultural como o teatro, o cinema, a ópera, a música e toda uma variedade de outros espectáculos culturais criam dinâmicas muito concentradas no espaço e que variam muito no tempo. Por um lado, nem todas as noites há espectáculos, nem em Nova York ou Paris há exhibições de ópera ou de música clássica todos os dias, durante todo o ano. Por outro lado, a procura flutua conforme o dia da semana, o momento do mês ou a época do ano. A criação de hábitos de consumo deste tipo de espectáculos pode demorar gerações a construir, mas é muito facilmente destruído. O êxito destas actividades depende da capacidade de fixar públicos e em muitos casos isso depende da ritualização. Compra-se a assinatura da ópera, vai-se ao cinema à sexta-feira ou ao sábado, assiste-se todos os anos ao festival x, y ou z. O impacto em termos territoriais é, sobretudo, à noite e em espaços muito limitados.

As actividades de índole cultural, como a abertura nocturna de museus e centros de exposição, podem estar também ligadas a esferas muito específicas da economia, como as exposições em galerias de arte. Um trabalho realizado em França junto das galerias de arte revelou que a abertura à noite traduzia-se num êxito comercial (Queige 2005). A explicação encontrada foi que as vendas neste sector estão muito dependentes de decisões repentinas, baseadas muitas vezes em aspectos subjectivos e muito pouco racionais. E o espaço-tempo noite parece ser muito mais propício a este tipo de comportamentos.

O número de pessoas envolvidas em actividades ligadas às práticas desportivas não pára de crescer. Este movimento afecta pessoas de todas as idades e decorre de uma mudança de valores e práticas que associam desporto e vida saudável. A oferta destas actividades processa-se basicamente de duas formas ou através de empresas privadas e semi-públicas, ou através de clubes e associações desportivas. Os padrões de localização ou de repartição do emprego, mais nas empresas privadas, ou seguem o padrão de localização da habitação. Os horários com maior procura são, em geral, após as 18h, mas podem prolongar-se até bem tarde, para poderem ter horários compatíveis com os usos do tempo, nomeadamente com as horas de trabalho e de escola.

A relevância das actividades de animação nocturna, particularmente as de cariz cultural, traduzem-se no papel-chave que desempenham quer nas acções de *marketing* territorial para atrair investimentos e dinamizar a economia urbana, quer na competição entre cidades onde surgem como elementos diferenciadores da qualidade de vida.

Serviços induzidos pelas dinâmicas do trabalho nocturno

A expansão do trabalho nocturno arrasta novas necessidades em termos de serviços. Os mais óbvios são os que promovem a mobilidade, mas podem também ser serviços tão diversificados como os que se relacionam com o acompanhamento de crianças ou idosos, ou os que fazem a fiscalização das actividades económicas.

Em relação à mobilidade verifica-se que durante a noite os serviços de transportes são reduzidos, alguns são mais caros, como os táxis, e o tempo de espera é mais longo (Marzloff 2004). As centralidades da cidade nocturna são diferentes das de dia e quando as carreiras de transportes públicos fazem exactamente os mesmos percursos, como acontece em Lisboa com a Rede da Madrugada, as consequências são a redução drástica das acessibilidades e o incentivo ao desenvolvimento de mobilidades privadas.

A noite como um espaço-tempo para as actividades de turismo¹⁶

Para alguns autores, o futuro do turismo urbano está na noite (Queige 2005). A oferta turística começa por ser sobretudo diurna, mas com o passar do tempo há uma tendência para a diversificação, surgindo a oferta de lazeres nocturnos: a música, a dança, um turismo ligado à festa; depois surgiram programas nocturnos ligados a estadias curtas, como no turismo de negócios, com idas a espectáculos, mas também a restaurantes e bares; que agora tende a expandir-se: com a abertura cada vez mais frequente dos espaços culturais à noite, com a oferta de visitas alternativas à cidade e com os espectáculos de luz e som que criam universos mágicos (Queige 2005).

Isto não significa, contudo, que a noite como espaço-tempo de turismo esteja confinada às cidades. As actividades turísticas de observação do céu, por exemplo, só podem ser realizadas em sítios sem poluição luminosa ou seja, em áreas não urbanas. Os Festivais de Música Rock /Pop /Mundo ocorrem, frequentemente, em áreas de baixa densidade populacional, fora dos grandes centros urbanos. Os objectivos são, por um lado, reduzir os impactos negativos em termos sonoros, pois os espectáculos prolongam-se pela noite dentro, mas também porque só assim se consegue reunir condições para concentrar as multidões que arrastam.

¹⁶ Alves 2008 e Alves e Ferreira 2009

O mercado turístico ligado quer aos festivais de música ligeira, quer aos festivais de música clássica, como Bayreuth ou Salzburg, ou a espectáculos isolados, movimentam milhões de pessoas em todo o mundo que vão consumir eventos, essencialmente, nocturnos. Os festivais de verão em Portugal envolvem milhares de pessoas que se deslocam exclusivamente para isso. Os preços praticados são os mais baixos da Europa e permitem ver artistas de plano internacional o que começa a atrair pessoas de outros países. O Festival de Paredes de Coura, em 2008, contou com um público em que mais de 20% eram estrangeiros.

Os festivais ou eventos de arte relacionados com a luz são outro exemplo. Como só podem ser apreciados de noite as actividades desenvolvidas geram fluxos essencialmente nocturnos. A Fête des Lumières em Lyon, em 2007, atraiu 3 milhões de visitantes. As Nuit Blanch que se realizam, todos os anos, no primeiro fim-de-semana de Outubro em cidades como Paris, Bruxelas, Montreal ou S. Petersburgo atraem milhões de pessoas.

Outra vertente do turismo nocturno são os programas ligados a estadias curtas, como no turismo de negócios, com idas a espectáculos mas, também, o conhecer a vida nocturna da cidade, nomeadamente os bairros com mais actividades e onde se concentra e combina restauração e economia do divertimento. Em Lisboa, por exemplo, quando se organiza um grande congresso científico entre as actividades de carácter lúdico é habitual ocorrer um jantar num qualquer lugar agradável da cidade e terminar a noite ou à beira Tejo, ou no Bairro Alto, ou em qualquer outro sítio com vida nocturna animada.

O efeito económico de todos estes processos para as cidades é importante, pois estes utilizadores da noite, particularmente os jovens, são grandes consumidores. Dados para França revelam que o consumo nocturno aumenta em 25% os gastos dos turistas (Queige 2005).

Em determinados contextos as características da vida à noite de um dado lugar, que tanto pode ser o tipo de animação ou as condições climáticas, podem transformar-se em factores de atracção de turistas. Determinados locais são escolhidos para locais de férias na medida em que conseguem vender a imagem de que têm noites muito animadas. Ibiza, Bali ou Cancun são destinos de milhares de pessoas que procuram a animação nocturna. Em Portugal, durante o Verão as revistas cor-de-rosa enchem-se de reportagens sobre a animação da noite no Algarve. Cria-se o mito de que a qualidade de vida das pessoas e o bem-estar, em geral, dependem da quantidade de horas passadas a comer, a beber ou a dançar no período de férias.

As férias são, em certa medida, para muitas pessoas, os momentos da decompressão, das coisas diferentes. Livres dos constrangimentos de tempo do dia-a-dia, a primeira coisa a subverter são os horários. A noite surge como o espaço-tempo de eleição, pela sensação de liberdade, mas também de transgressão.

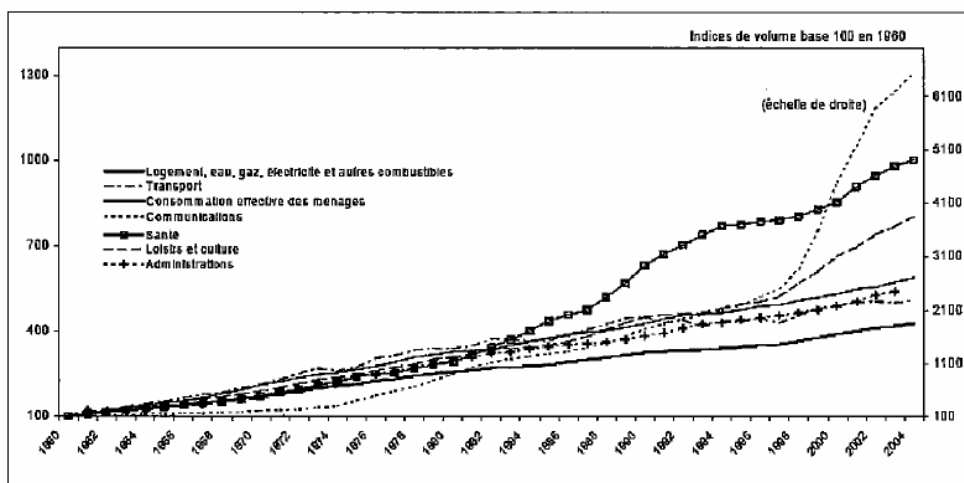
Economia da cultura

A importância da Cultura para o desenvolvimento económico é reconhecida pela relevância das actividades culturais enquanto actividades geradoras de riqueza material, pela criação de emprego e pelo potencial de inovação e competitividade. Um estudo encomendado pela Comissão Europeia sobre a Economia da Cultura revelou que na União Europeia, em 2003, este conjunto de actividades movimentou 654 mil milhões de Euros, que representaram 2,6% no PIB europeu, cresceu 12%, valor muito acima da taxa média de crescimento das outras actividades, e empregava cerca de 6 milhões de pessoas, ou seja 3,1% do emprego da Europa dos 25 (KEA 2006).

De acordo com este estudo a Cultura com 2,6% do PIB europeu, está à frente do sector da química, borracha e plásticos (2,3%), do sector imobiliário (2,1%), do sector de transformação de produtos alimentares e tabaco (1,9%) e da indústria têxtil (0,5%). Os trabalhadores do sector cultural e criativo têm níveis mais elevados de formação universitária (47%, enquanto a média é de 26% no total do emprego); 46% dos postos de trabalho eram ocupados por mulheres; a população activa é relativamente jovem e trabalha, frequentemente, por conta própria. Entre 2002 e 2004, o número total de postos de trabalho na Europa dos 25 baixou mas, no mesmo período, o emprego cultural aumentou, revelando a importância do sector como motor económico e de criação de emprego a nível europeu (KEA 2006).

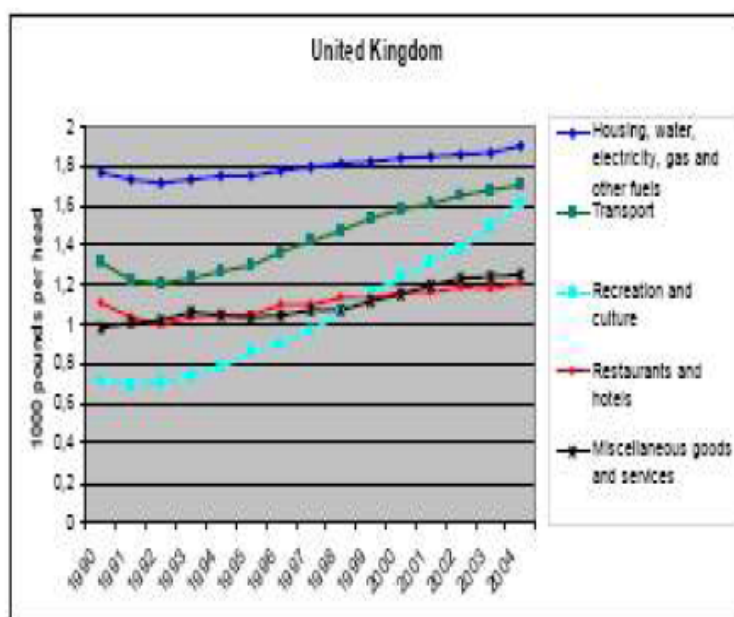
Em Portugal, o sector cultural e criativo representava, em 2003, 1,4% do PIB nacional e 2,3% do emprego total (KEA 2006).

Figure 2. Evolution of French household's consumption 1960-2004



Source : Comptabilité nationale

Figure 1. Household expenditure in 1990-2004 in the UK, five largest categories



Source: 30th CEIES Seminar 2006 Report

Analisando a evolução das despesas dos agregados domésticos verifica-se quer no Reino Unido, quer em França, dinâmicas muito expressivas dos gastos relacionados com a cultura e o lazer. Em 2004, no Reino Unido o valor dos gastos *per capita* eram quase idênticos aos gastos com transportes. Em França só os gastos com a saúde e as comunicações cresceram acima da cultura e recreio, tendo como ponto de partida o valor de cada domínio em 1960.

Entre as actividades identificadas como fazendo parte do sector cultural e criativo encontramos um conjunto relacionado com diferentes tipos de artes como a música, o teatro, a dança, o cinema e o audiovisual que têm muita relevância na noite.

Bibliografia recomendada para leitura

Alves T (2007a) "A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas social." *Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia*. Lisboa: CEG, pp. 489-500.

Alves T (2008) "Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território." *Turismo, inovação e desenvolvimento: Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território*. Lisboa: CEG, pp. 175-186.

Gwiazdzinski L (2005) *La nuit, dernière frontière de la ville*. Paris : Ed. l'Aube, pp. 101-120.

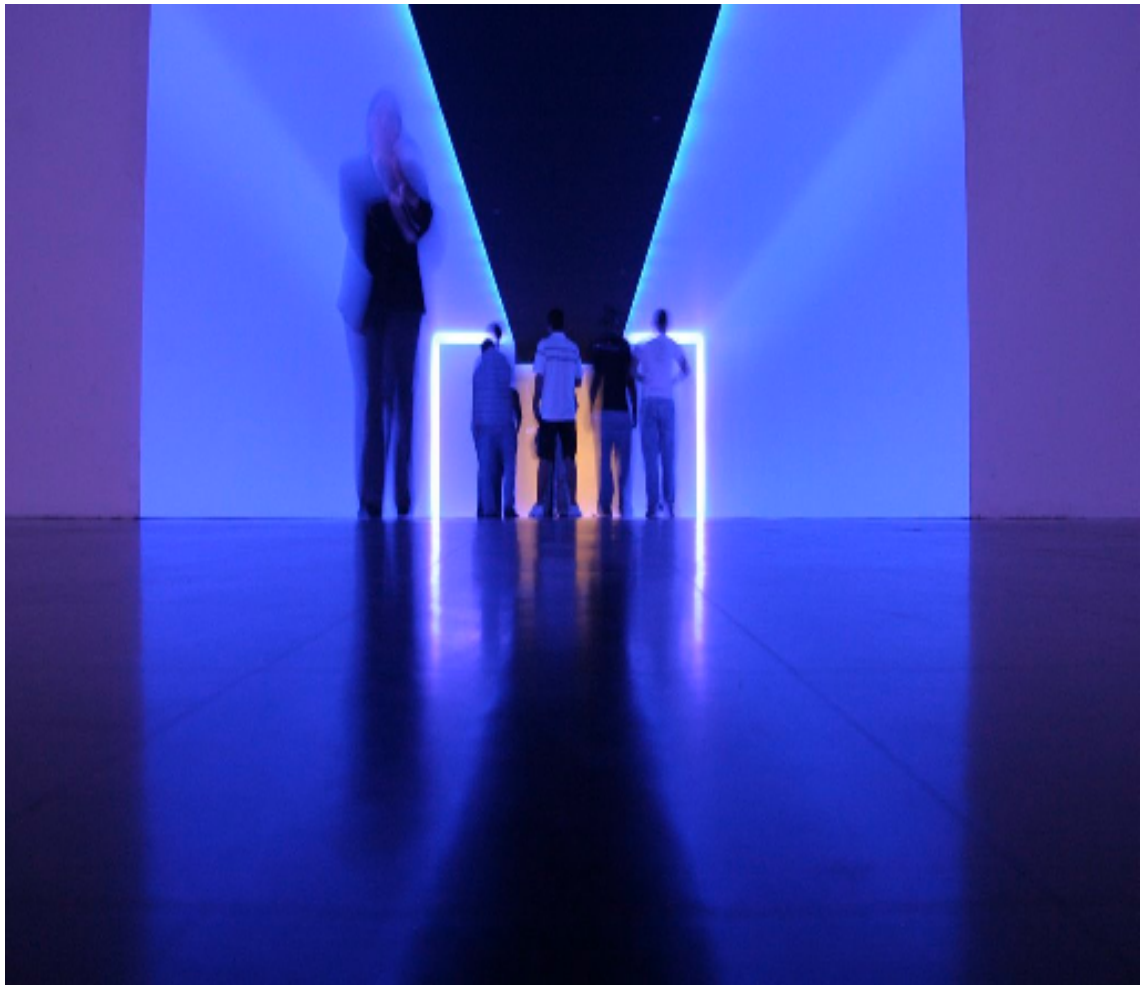
Hobs D (2003) *The night-time economie*. Alcohol Concern Research Forum Papers.

Referências bibliográficas

- Alves T; Ferreira C C (2009) “O lado lunar da animação turística: uma estratégia de planeamento e desenvolvimento turístico e territorial” in Peres A N Lopes M S *Animação Turística*. Chaves: APAP, pp. 96-106.
- Aneesh A (2001) “Rethinking migration” in AA. Vv. *The International Migration of the Highly Skilled*. University of California.
- Bonomi A. (2000) *Il distretto del piacere*. Bollati Boringhieri. Milan.
- Cairncross F (1997) *The Death of Distance*. Mass, Havard University Press.
- Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube.
- KEA (2006) *Study on the economy of culture in Europe*. European Commission (DG for Education and Culture).
- Marzloff B. (2004) *Mobilités. Trajectoires fluides*. Paris: CERTU.
- O'Connor J (1997) “Donner de l'espace public à la nuit. Les cas des centres urbains en Grande-Bretanha” *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, pp. 40-46.
- Office of the Deputy Prime Minister (2005) *Cleaner, Safer, Greener: Managing the night-time economy*. RU.
- Presser H (2003) *Working in a 24/7 economy. Challenges for american families*. Russel Sage Foundation.
- Queige L (2005) “Les rapports entre la nuit et l'attractivité touristique des villes” in *Espinasse et al, La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.

Sítios na Internet

- <http://www.ias.org.uk/resources/nighttime/index.html> (Guide to Resources on the Night-time Economy; RU).
- Greater London Authority (2005) *London's night time economy*. London: City Hall (www.london.gov.uk).



James Turrell (1998) *Field Trip*

(http://lh3.ggpht.com/_As5gqWsMiU8/Ra8R9FNnFml/AAAAAAAABaM/YCU5A8P3awU/10-1_FEA_MFAH_fieldtrip_BATT.jpg)

III. REPENSAR OS TERRITÓRIOS À NOITE

“(…) ser cidadão é também poder viver o espaço à noite (…)”

Piçon e Piçon-Charlot (2000)

1. NOITE E POLÍTICAS PÚBLICAS

«Souhaitons-nous conserver nos rythmes traditionnels ou basculer dans une société en continu, une ville à la carte 24/24, 7/7 jours, synonyme de confort pour les uns et d'enfer pour les autres? En occultant ces questions ou en renvoyant ces arbitrages à la sphère privée, nous laissons l'économie dicter seule ses lois et prenons le risque de voir un ensemble de décisions isolées générer de nouveaux conflits et de nouvelles inégalités. Ensemble, faisons de la nuit le nouveau territoire des politiques urbaines.»

Luc Gwiazdzinski¹⁷

Os territórios à noite raramente são tema para os políticos, os técnicos de planeamento das autarquias ou para a investigação científica (Gwiazdzinski 2005). No PNPOT, recentemente aprovado em Portugal, não há qualquer referência específica a políticas de ordenamento do território à noite ou à necessidade de promover a qualidade do céu. Nos documentos de política urbana podem surgir referências à promoção da vida nocturna em determinados pontos da cidade, aos problemas da segurança ou do barulho, a planos de iluminação pública, mas uma reflexão profunda sobre a prospectiva e o ordenamento do território à noite estão quase sempre ausentes. “Il est temps d’anticiper le développement prévisible des activités nocturnes pour réfléchir à un aménagement global de la ville 24/24. Chercheurs, pouvoirs publics et citoyens doivent investir cet espace-temps afin d’anticiper les conflits entre individus, groupes ou quartiers et imaginer ensemble les contours d’une nouvelle urbanité.» (Gwiazdzinski 1998:368).

No passado, eram apenas as unidades industriais que tinham horários nocturnos; hoje, quase todas as actividades têm horários de trabalho de noite. As rádios, as televisões, os transportes, os serviços, o comércio, os distribuidores automáticos e as lojas de conveniência implantam-se por todo o lado, funcionam 24h sobre 24h, permitindo o

¹⁷ Gwiazdzinski L (1998) «La ville la nuit : un milieu à conquérir» in Reymond H Cauvin C *L'espace géographique des villes*, Paris: Anthropos, p.347-369.

consumo permanente. Um lugar é eleito como local de férias ou dos momentos de lazer, em função da animação da noite (Queige 2005; Alves, 2008; Alves e Ferreira, 2009).

A noite já não é só o espaço-tempo de vida de grupos sociais marginais, os noctívagos. E os políticos já se aperceberam disso. A importância política da noite reflecte-se nas apostas estratégicas da sua vivificação. Podem ser iniciativas de animação, como as festas das cidades, ou programas de regeneração urbana baseados no estímulo das actividades económicas, essencialmente nocturnas, como acontece frequentemente no centro das principais cidades europeias (O'Conner 1997; Pain 2008).

Em Lisboa quando se pensou num espaço como a EXPO98/Parque das Nações planeou-se de raiz um território para ser vivido quer durante o dia, quer durante a noite. O Pavilhão Atlântico, a FIL, o Teatro Camões, o centro comercial, a Praça Sony, o Casino de Lisboa, são equipamentos e serviços com picos máximos de utilização à noite. Ao mesmo tempo, a qualidade da iluminação dos espaços públicos torna o espaço convivial e estimula a deambulação nocturna, contribuindo para a dinamização do consumo nos bares e restaurantes. Até a estação do Oriente é muito mais bonita à noite... Mas, nos últimos tempos, a ausência de estratégias concertadas por parte das empresas e a redução da capacidade de consumo, está a afectar o espaço. A baixa densidade da ocupação que resulta da fraca atracção de utentes durante a maior parte da semana, cria sentimentos de insegurança e contribui para uma imagem que está a tornar-se mais negativa.

De acordo com Gwiazdzinski (2003) estamos a assistir ao surgimento de novas configurações de cidade “em contínuo” (arquipélago, global, festivas...), habitada por múltiplas tribos (cidadãos, trabalhadores, excluídos...), entre as quais surgem tensões, por vezes conflitos territorializados. Para Gwiazdzinski (2005) em termos de evolução do espaço-tempo associado à noite urbana existem 4 cenários possíveis: i. banalização - as actividades de dia não diferem das da noite, e esta deixa de ter qualquer especificidade; ii. autonomização (separação ao nível político) - umas áreas da cidade são para ser vividas de dia e outras de noite; iii. explosão - conflito permanente entre as actividades e as pessoas que habitam o dia e a noite; iv. harmonização - conciliação entre as actividades e as pessoas que habitam o dia e a noite, numa perspectiva de complementaridade. Neste último cenário a noite surge como um sistema de espaço-tempo completo e equilibrado, assegurando todas as funções urbanas, onde as pessoas podem estar continuamente no espaço e o direito à cidade é uma realidade. A noite afirma-se como espaço de projectos, lugar de invenção duma nova urbanidade e estimuladora da investigação. Para Gwiazdzinski (2005) este é o único cenário capaz de restituir o direito à cidade nocturna, de reconstruir um sistema de funções urbanas completo e de desenvolver a noite de uma forma sustentável e durável. Os elementos que constituem as bases do planeamento urbano deveriam incluir um “esquema de ordenamento da cidade à noite”. Este esquema deveria ser constituído por cartas que mostrassem as actividades económicas e sociais que funcionam durante a noite, por planos de luz (iluminação funcional, simbólica e cinética) e por planos de animação cultural e artística da noite.

As políticas urbanas deveriam incorporar a noção de gestão do tempo a que seriam associados horários de funcionamento diversificados para que o sentimento de insegurança diminuísse, para que as paisagens nocturnas se transformassem e as actividades económicas e sociais se desenvolvessem (Bonfiglioli 1997; DATAR 2002). Com sistemas de transportes que funcionassem ao longo de toda a noite, a mobilidade poderia basear-se em transportes colectivos e contrariar a crescente utilização de meios de transportes individuais. A opção entre transporte colectivo ou privado é quase sempre uma questão de gestão de tempo.

Já nos anos 60 Jane Jacobs (1961) alertou para a morte das cidades se as pessoas não vivessem os espaços públicos. Com horários mais diversificados e melhores sistemas de mobilidade as ruas tenderiam a ter mais pessoas, durante mais tempo. Mais confiantes, as pessoas estariam mais disponíveis. Como à noite as pessoas estão menos apressadas, têm mais tempo, este seria por excelência o momento mais propício ao convívio e aos encontros, ao conhecimento do outro tão necessário para um desenvolvimento social menos tenso e mais equilibrado.

Outro dos domínios centrais das políticas com incidência territorial e com ênfase no espaço-tempo noite é a questão da iluminação pública. Apesar de nenhum estudo empírico demonstrar que existe uma relação forte entre segurança e iluminação a maior parte das decisões sobre a colocação de luz no espaço público tem por base este pressuposto. As políticas de iluminação pública começam por se centrar na questão do dar visibilidade aos objectos mas, rapidamente, evoluíram para o dar sentido, dar valores, nomeadamente estéticos, aos territórios. Hoje, as políticas de iluminação pública têm de incorporar a noção de eficiência energética. Num momento em que a resolução dos problemas associados às alterações climáticas estão claramente dependentes das soluções a implementar em áreas como a produção de energia e as emissões de gases com efeitos de estufa, a gestão dos sistemas da iluminação pública assumem um papel fundamental. O consumo de energia pelos Municípios, em Portugal, representa cerca de 14% do total (www.dgge.pt). Uma parte significativa é iluminação pública. As acções de racionalização neste domínio podem ter um impacto muito relevante na diminuição da necessidade de produção de energia e na redução das emissões poluentes.

As políticas relacionadas com a segurança à noite, começaram por ser uma preocupação que afectava apenas alguns países e, dentro destes, apenas algumas cidades, mas nos últimos anos globalizou-se “the moral and material geographies of fear are simultaneously about the ordinary geographies of everyday life and about the extraordinary geopolitics of the twenty-first century” (Pain e Smith, 2008). A questão fundamental é perceber os processos que se encontram por detrás da globalização dos medos, nomeadamente como estes são utilizados ao nível local, para controlar, criar medidas de excepção, e investir em medidas de policiamento, nomeadamente de empresas privadas, e em equipamentos de video-vigilância.

As políticas culturais também podem intervir a vários níveis nos territórios à noite. A animação dos espaços públicos pode decorrer de decisões relacionadas quer com a promoção da diversidade de horários dos equipamentos culturais, quer com o desenvolvimento de programas e eventos que ocorram predominantemente à noite.

A muito curto prazo outras temáticas deverão ser tidas em conta, como é o caso das mudanças nas políticas urbanas e no desenho do espaço público decorrentes do crescimento do número de veículos movidos a electricidade. O facto destes veículos necessitarem de pontos de acesso a energia para carregar as baterias, vai obrigar a que o espaço público tenha de ser repensado, de forma a possibilitar a sua instalação e utilização com segurança. O planeamento da cidade à noite terá de ser tido em conta pois será neste espaço-tempo que decorrerá, na maior parte das situações, o período de carregamento.

O espaço público está em crise?¹⁸

As políticas territoriais com implicações sobre a noite são, sobretudo, políticas que contribuem para a animação dos espaços públicos, pela presença de pessoas, pelo conforto que se cria, pelas actividades que se podem desenvolver. O espaço público é por definição o espaço partilhado, utilizado pelo conjunto dos cidadãos, acessível a todos, cuja apropriação não pode ser exercida por ninguém em particular (Ghorra-Gobin 2000).

São espaços de encontro com magnitudes muito variáveis e com níveis de qualidade muito diversificados. Tipologicamente podem variar desde os pequenos recantos dos núcleos históricos aos grandes parques urbanos, das ruas às praças que servem de espaços de descompressão para a malha urbana. Como elementos do desenho urbano, os espaços públicos são elementos decisivos para dar coerência à estrutura urbana e, conseqüentemente, são um instrumento territorial para a construção da competitividade das cidades. Como espaços de mediação têm a capacidade de produzir relações sociais e através delas de potenciar a coesão social da cidade (Ghorra-Gobin 2000). O espaço público é o espaço da interacção social livre, pois é aí que se expressa a vida e a animação urbana, é onde celebramos a alegria, fazemos o luto, manifestamos o nosso sentir colectivo.

Em Portugal, os espaços públicos urbanos não perderam valor como representação simbólica da cidade (Gonçalves, 2004), mas os padrões da sua utilização estão em profunda mutação. Enquanto, por um lado, verificamos um certo esvaziamento dos espaços públicos tradicionais, por outro lado, estes continuam a ser um dos elementos chave na percepção da qualidade de vida urbana como espaços que permitem que a cidade respire. Mas são cada vez menos os espaços de encontro e de vivências colectivas que podem ajudar a minimizar a vida impessoal da cidade massificada.

¹⁸ Alves 2005.

A noite acentua ainda mais estas tendências porque a esfera da sociabilidade que estava associada aos espaços públicos está a transferir-se para outros domínios - privados ou semi-privados – e para outros planos - desterritorializados e não identitários. Estas mudanças são consequência de processos mais vastos de reestruturação económica e social e que se traduziram em alterações profundas na forma de fruição quotidiana de todo o tipo de espaços urbanos. Entre estes processos salientamos: o predomínio de valores associados à sociedade de consumo, como o individualismo e a perda da noção de bem colectivo, cuja propriedade é de todos; o acentuar da fragmentação social, com o desemprego, os sem-abrigo, as toxicodependências e a criminalidade; o aumento da precariedade e da fragilidade das relações sociais com tendência para acentuar o isolamento individual, as famílias monoparentais ou os agregados domésticos mononucleares; a desmaterialização dos contactos sociais; a utilização das novas tecnologias de comunicação e de informação permitiu criar espaços públicos de discussão fora do contexto territorial, com o conseqüente esvaziamento dos espaços públicos urbanos que, deste modo, vêm desaparecer uma das suas funções principais - a de lugar onde ocorre a comunicação.

Hoje as pessoas são cada vez mais indivíduos com uma natureza plural: pertencem a vários lugares, vivem em diferentes planos reais e virtuais e movem-se constantemente de um espaço para outro, quer comunicando à distância, quer deslocando-se fisicamente de um lugar para outro. Estes constantes e múltiplos fluxos conduzem a processos que se traduzem: em novas formas de organização do território – as áreas urbanas e as áreas rurais evoluem condicionadas pelo automóvel que consome cada vez mais espaço para circular e para estacionar; as ruas comerciais e os espaços públicos para circulação pedonal ocupam uma parcela reduzida das áreas construídas; os locais de residência e os locais de trabalho estão cada vez mais distantes, implicando migrações pendulares diárias em que se percorrem cada vez mais quilómetros, mas cuja duração em termos de tempo não é necessariamente superior à do passado; numa tendência para a privatização dos espaços de socialização e do espaço público – centros comerciais, em vez de ruas comerciais, condomínios privados em vez de bairros e quarteirões.

O ambiente urbano, em geral, e os espaços públicos, em particular, continuam, todavia, a ser percebidos como instrumentos eficazes de construção da sustentabilidade da qualidade de vida no espaço urbano (Gonçalves, 2004) e daí continuarem a ter um lugar de destaque no discurso político. Nas campanhas eleitorais para as autarquias locais, em Portugal, a construção de espaços verdes continua a ser uma das promessas mais frequentes. A gestão das cidades, nos últimos anos, tem privilegiado os investimentos em grandes projectos consumidores de território e recursos, ao mesmo tempo que se desvaloriza os espaços públicos de proximidade, de pequena escala ou de vizinhança, que

no passado tendiam a ser os pontos de encontro dos vizinhos¹⁹. Esquecidos, com problemas de manutenção, estes espaços degradam-se cada vez mais e os utilizadores afastam-se.

O que é que torna um espaço público num lugar de sucesso?

Se queremos uma cidade viva precisamos de ter espaços públicos de sucesso. O Project for Public Space (www.pps.org) é um fórum de discussão que procurou, através da avaliação de mais de 1000 situações em todo o mundo, identificar as características necessárias para o sucesso dos espaços públicos. Para avaliar se um espaço público era de boa ou má qualidade os investigadores do PPS utilizaram vários tipos de indicadores: a partir de aspectos qualitativos ou intuitivos “julgaram” o lugar; a partir de aspectos quantitativos mediram estatisticamente as características do lugar.

Com base nos dados recolhidos identificaram-se quatro domínios que eram comuns aos espaços públicos com sucesso: acessibilidade e ligações fáceis à envolvente; actividades para ocupar as pessoas, podiam ser de lazer e recreio, gratuitas ou comerciais; boa imagem e confortáveis; sociabilidade, eram espaços onde se podiam encontrar sempre outras pessoas. À noite estas características ainda são mais relevantes.

Porque fracassam tantos espaços públicos?

Muito espaços públicos são desenhados para serem observados e não para serem utilizados, pelo que tendem a ficar vazios. Quando um espaço público fica vazio, vandalizado, ou é utilizado apenas por grupos específicos, estamos perante sinais de que algo está mal no seu *design* ou na sua gestão.

Na gestão dos espaços públicos as estruturas são reconhecidamente menos eficazes quando submetidas a hierarquias rígidas. Para a qualidade dos espaços públicos é fundamental adoptar sistemas simples, transferir responsabilidades, estabelecer parcerias, fomentar o trabalho em rede e criar condições para a multiplicação de associações de utilizadores. É importante constatar que, quando os cidadãos têm responsabilidades mais alargadas na gestão dos espaços públicos, isto não só influencia os poderes públicos, como também gera uma das formas de aprendizagem social mais eficaz (www.pps.org).

O poder político, de um modo geral, “afastou-se” da gestão dos pequenos espaços de proximidade das áreas residenciais e concentrou-se na construção e manutenção de

¹⁹ O campeão olímpico Nelson Évora foi “descoberto” porque havia o hábito das pessoas se encontrarem à noite na rua. Enquanto os adultos conversavam, as crianças brincavam e as capacidades físicas de Nelson chamaram a atenção daquele que se tornou o seu treinador.

grandes parques, corredores verdes ou na recuperação de áreas ribeirinhas, projectos altamente consumidores de recursos. Nas áreas residenciais mais antigas os espaços públicos, ruas/passeios, pequenos jardins, degradam-se e tornam-se repulsivos.

Em muitos casos os espaços públicos falham pois o seu desenho não promove a sociabilidade (www.pps.org). Na maior parte das situações o desenho dos espaços é altamente segregador: não facilita o acesso da população com mais dificuldades na mobilidade, mas que dispõe de mais tempo para usufruir os espaços públicos, como são os idosos e as crianças; os equipamentos instalados nem sempre são seguros, como acontece frequentemente com os parques infantis, pouco adequados às brincadeiras das crianças; os espaços para permanência não são confortáveis, por não terem sombras ou por serem, noutros casos, excessivamente sombrios ou isolados, afastando os utentes. Noutras situações, o facto dos espaços públicos estarem sujeitos a pressões, como o ruído intenso proveniente, por exemplo, de tráfego ou o risco de serem invadidos por automóveis, afastam os potenciais utilizadores. À noite associam-se ainda os aspectos relacionados com a deficiente iluminação pública, o que não tem a ver com a quantidade de luz nos espaços públicos, mas com a sua qualidade.

O fracasso de um espaço público pode medir-se pelo afastamento dos utilizadores, quando um jardim ou um parque ficam vazios, quando as pessoas deixam de circular por uma rua ou por um bairro, algo está mal e deve ser corrigido.

Os espaços públicos tendem a fracassar quando não conseguem estimular o desenvolvimento do sentido de comunidade e de pertença a quem os utiliza. O mundo virtual pode contribuir para alterar os nossos conceitos de espaço de pertença e de comunidade, que se tornam difíceis de sustentar no actual contexto de multipertença a diversos espaços materiais e virtuais. Por outro lado, os pilares tradicionais da comunidade — homogeneidade social e necessidade de cooperar — tendem a ser erodidos pelas actuais relações sociais e podem estar mesmo a desaparecer. Nos dias de hoje, qualquer bairro de uma cidade tem residentes com diferentes interesses, meios e estilos de vida, que se movem com facilidade de um local para outro, têm identidades híbridas, e, em geral, sentem pouca necessidade de cooperar com os seus vizinhos. As condições que têm estado na origem do conceito de comunidade existem apenas, hoje em dia, em situações excepcionais, geralmente em casos de isolamento e/ou de privação, que facilitam a criação de relações de entajuda. O sentido de comunidade baseia-se, no momento actual, mais na partilha de interesses e não tanto na partilha de um espaço físico. A partilha de interesses estimula, contudo, o contacto pessoal e este gera a necessidade de criar espaços aprazíveis, com os quais as pessoas se possam identificar. O lugar é um local com valor e sentido, onde se reúnem pessoas que partilham os mesmos interesses.

Como podemos levar as pessoas a participar na valorização dos espaços públicos?

Em muitas das nossas cidades, o desenho urbano inclui espaços públicos de qualidade que tendem a esvaziar-se face à concorrência de novas formas de lazer (a televisão, os computadores, ...) e à utilização dos transportes nas deslocações que no passado eram realizadas a pé.

O sucesso das acções de valorização dos espaços públicos depende da capacidade dos actores que as promovem, em geral o poder político, em mobilizar o sentido de comunidade e traduz-se no investimento em espaços hospitaleiros, com os quais as pessoas se possam identificar. A questão central é a necessidade de trazer as pessoas de novo para a rua, de modo a acabar com a segregação na utilização do espaço público.

Uma das abordagens possíveis é a criação de eventos ou de acções de animação sócio-cultural que levem as pessoas a redescobrir a rua. O desenvolvimento de um espaço público de proximidade confortável e hospitaleiro pode ser um meio de atrair as pessoas ao convívio com os vizinhos, permitindo descobrir o outro e, como tal, compreender como somos nós próprios. Para haver tempo disponível para partilhar o espaço público à noite é necessário investir nas políticas de tempo que permitem a gestão dos tempos do quotidiano e uma melhor partilha das funções.

Políticas relacionadas com o tempo

“A Confederação das Associações de Pais reivindica a abertura das escolas 12 horas por dia de modo a conciliar horários e vida profissional dos pais.”

www.publico.pt 15-3-2009

As políticas de tempo podem interferir com os usos do espaço à noite de diferentes formas: i. pela definição de horários das actividades económicas e dos serviços sociais que se prolongam pela noite; ii. pela alteração dos usos do tempo, por exemplo, poupar tempo nos processos de mobilidade ou aceder mais facilmente a bens e serviços, permitem aumentar o tempo livre; como o tempo livre tem maior expressão nos horários nocturnos, dispor de mais tempo livre pode traduzir-se em novas práticas que se relacionem directamente com usos dos territórios à noite; iii. ao intervir nos usos do tempo das mulheres, as políticas de tempo urbano podem contribuir para que as práticas sociais no espaço-tempo noite sejam menos segregadoras em termos de género (Alves 2009).

A Itália foi o primeiro país, e durante muito tempo o único, a colocar o problema da regulação dos tempos sociais ao nível local (Bonfiglioli 1997; DATAR 2002). Hoje, em países como a França, a Alemanha, a Suécia, a Finlândia, os Países Baixos e a Espanha as políticas urbanas de tempo podem ser estabelecidas ao nível local e influenciam a acção dos poderes públicos na planificação dos territórios (DATAR 2002). Estas políticas podem intervir em todos os domínios que contribuam para a qualidade de vida através de uma melhoria da conciliação entre tempo de trabalho e tempo fora do trabalho: da diferenciação dos horários de serviços de modo a que não seja necessário faltar ao trabalho para tratar de determinados assuntos, passando pela possibilidade de utilizar as novas tecnologias de comunicação para aceder a serviços ou o prolongamento de horários das escolas e creches, até à criação de transportes públicos em horários nocturnos.

As primeiras iniciativas sobre a gestão do tempo surgiram, na segunda metade dos anos 70, em Itália, devido à acção de grupos de mulheres que procuravam organizar nos seus bairros formas de melhor gerir tempos de trabalho e de vida familiar (Godard 1997). O objectivo era sentar a uma mesma mesa os actores locais (município, empresas, sindicatos, associações de utilizadores, etc.) a fim de melhorar a coordenação de horários de abertura e encerramento de serviços públicos, os horários de trabalho e das escolas. Em cidades como Modena, Bergamo, Nápoles ou Pessaro foram estabelecidos pactos de mobilidade de modo a dessincronizar os horários das actividades profissionais e tornar os fluxos de automóveis mais fluidos (Bonfiglioli 1997). Pretendia-se com isto facilitar a vida dos habitantes e reduzir os custos económicos (em tempo, em combustíveis, em poluição, etc.) da congestão urbana. A legislação, só nos anos 90, veio introduzir nas competências das autarquias a possibilidade de definir horários de funcionamento ao nível local. A questão da dessincronização/ sincronização das actividades e dos comportamentos espaciais necessita de coordenações fortes entre os actores envolvidos, o que torna pertinente uma negociação com base em economias temporais específicas de cada local e torna inadequada a regulação por tempos nacionais ou internacionais.

Em França, durante os governos socialistas as políticas urbanas ligadas ao tempo tiveram muita relevância (DATAR 2001). O grupo de prospectiva “Temps et Territoire” da DATAR produziu alguns relatórios sobre o tema e ajudou a consolidar iniciativas locais de gestão do tempo como a Agence des Temps em Poitiers, a Maison du Temps et de la Mobilité em Belfort ou o Espace Public em St Denis. Algumas das actividades desenvolvidas foram apoiadas pelo programa europeu EQUAL, particularmente, quando as iniciativas se relacionavam com a questão da conciliação da vida familiar e profissional. Estas iniciativas mantêm-se activas, alargaram-se a alguns novos territórios, mas a dinâmica está enfraquecida devido a uma reorientação das políticas públicas para outros domínios como os problemas das mobilidades e da segregação sócio-espacial.

Em Portugal, a gestão do tempo surge nas posturas municipais que estabelecem os horários de abertura e encerramentos das actividades económicas, que limitam a circulação de veículos em determinadas horas, devido ao ruído ou aos problemas de

congestionamento de tráfego, afectando a dinâmica dos territórios. Há muito que se discute a hipótese de serem as autarquias a definir horários de serviços públicos, como as escolas ou os centros de saúde. Tanto mais que os horários de funcionamento de determinados serviços são fonte de conflitos entre autarquias locais e administração central, como acontece frequentemente quando esta determina o encerramento à noite de uma unidade de saúde ou de uma escola.

Há vários anos surgiram os Bancos de Tempo, uma rede de infra-estruturas de apoio social baseada na gestão do tempo para troca de serviços (<http://www.graal.org.pt>). O desenvolvimento em Portugal é uma iniciativa do Graal - uma associação internacional de mulheres, mas em vários casos em articulação com autarquias locais, noutros com instituições ligadas à igreja católica. Na génese são iniciativas muito semelhantes às que nos anos 70 se desenvolveram em Itália e que estão na origem das políticas de tempo que hoje existem na Europa. Existem, em Portugal, dezasseis agências espalhadas pelo continente e ilhas com “clientes” entre os 12 e os 92 anos, 70% são mulheres. As actividades desenvolvidas são muito heterogéneas: acompanhamento de crianças; actividades recreativas; ajuda doméstica; tomar conta de animais e plantas; bricolage e pequenas reparações; fazer companhia; cozinhar; fazer arranjos de costura; ensinar e estudar; ajudar nas burocracia. O maior problema decorre do facto de estar a ser mais fácil mobilizar as pessoas que têm algo para dar do que as pessoas que necessitam de receber, havendo situações em que os bancos acabam mesmo por paralizar por falta de quem use os serviços.

O desenvolvimento da prestação de serviços *on-line* é um dos processos com mais impactos na questão da gestão do tempo e com reflexos evidentes nas dinâmicas territoriais. Depois da instalação das infra-estruturas e dos sistemas informáticos, o problema centrou-se no desenvolvimento de conteúdos destinados a resolver problemas do dia a dia, como adquirir bens ou serviços, resolver problemas burocráticos, consultar informações, fazer pagamentos, consultar ou dar ordens a instituições, aceder a espectáculos e as actividades de lazer... As consequências traduzem-se em melhorias pela diminuição das necessidades de mobilidade e por uma gestão do tempo mais personalizada. O facto destes serviços serem acessíveis 24 horas por dia permite decidir sobre o momento em que queremos/podemos aceder sem as limitações dos horários tradicionais.

Políticas relacionadas com a iluminação²⁰

“Il y a une dizaine d’année, on se satisfaisait tout à fait de 25 à 30 LUX au m², aujourd’hui nous en sommes à 50 pour certaines avenues sous prétexte que plus on se verra mieux se sera. Personnellement je trouve que c’est encore plus difficile à vivre mais c’est vraiment un débat de société.”

Yan Kersalé (2003: 112)

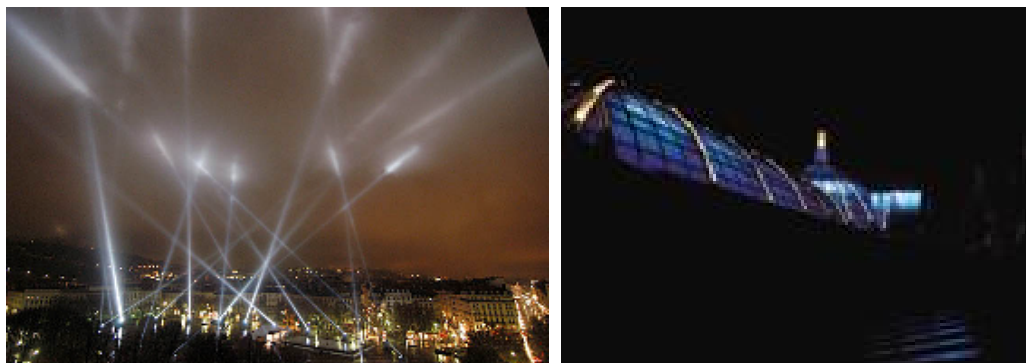
Até aos anos 60, em França, o desenvolvimento da iluminação pública fez-se sem planificação, não respondia a qualquer estratégia definida previamente (Narboni 2003a; CERTU 1998). O objectivo era iluminar os espaços públicos, ruas, avenidas ou praças, e o património construído de modo a que as pessoas pudessem ver e ser vistas, revelando os objectos, as formas ou os percursos, criando um sentimento de segurança e de conforto, permitindo uma apropriação nocturna da cidade. As intervenções limitavam-se à escolha das luminárias e do tipo de lâmpadas (Narboni 2003a; CERTU 1998). Como a oferta era pouco variada a iluminação tendia a uniformizar a paisagem nocturna, não respeitava a diversidade dos sítios, nem o espírito dos lugares.

Para Roger Narboni (2003b) as primeiras abordagens que podem ser consideradas formas de planeamento da iluminação pública surgiram com o plano director de ordenamento e urbanismo da Ile-de-France (1964-65). Este plano interveio a uma escala regional e decidiu o surgimento de 5 cidades-novas em torno de Paris. Nos estudos prévios que planearam esta mudança da estrutura urbana ficou definido que havia necessidade de hierarquizar, diferenciar, estabelecer tipologias de iluminação em função das características do uso das vias de comunicação. Estabelece-se, assim, pela primeira vez uma diferenciação no tipo de iluminação conforme as vias se destinavam a peões ou a automóveis. A luz passava a ser um instrumento que poderia ser utilizado no planeamento territorial.

No início dos anos 80, em França, uma reestruturação do poder político descentralizou para as autarquias locais poderes que permitiam aos presidentes das *maires* intervirem na gestão da iluminação, dando-lhes, assim, capacidade de decidir sobre as novas instalações de luz (Narboni 2003a). Estas mudanças foram determinantes em termos da evolução dos conceitos relacionados com a iluminação pública. Já não bastava escolher luminárias e lâmpadas, o urbanismo passou a contar com um novo instrumento: a luz artificial. A iluminação deixa de ser considerada como um equipamento que se escolhe por catálogo e

²⁰ Neste ponto seguimos muito de perto o texto de T. Alves (2004) “Geo Grafias da Luz” in *Luzboa - a arte da Luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[.

passa a ser tratada como um elemento do projecto urbano, contribuindo, de uma forma decisiva, para o ordenamento dos territórios, para o desenho de espaços urbanos, gerador de qualidade de vida para as populações que aí habitam.



Concerto para o Papa de Jean Michel Jarre, Lyon (1986)

Yann Kersalé no Grand Palais, Paris (1987)

Esta fase vai ser marcada decisivamente por intervenções inovadoras que dão à noite uma nova dimensão. A noite transforma-se na paleta onde se criam paisagens nunca vistas, autênticas obras de arte. De entre estas intervenções Narboni (2003a) salienta: o plano de luz para o parque de La Villette (de Georges Berne, 1982) que introduziu o conceito da pluridisciplinariedade no planeamento da utilização da luz e que criou um espaço que revolucionou a percepção ao criar duas paisagens a diurna e a nocturna; a renovação da iluminação da Torre Eiffel (de Pierre Bideau, 1986) que aplicou o conceito desenvolvido por Yann Kersalé da luz que sai de dentro da construção, de modo a revelar a estrutura, criando uma perspectiva completamente diferente do objecto; o Concerto para o Papa de Jean Michel Jarre em Lyon (1986) que criou uma paisagem nocturna que apelava a todos os sentidos e que abrangia toda a cidade; e a obra de Yann Kersalé no Grand Palais (1987) onde as luzes vibravam e palpitavam ao ritmo do relógio do Observatório Astronómico, revelando um potencial simbólico que nunca tinha sido experimentado. No fim dos anos 80 têm início os primeiros Esquemas de Ordenamento da Luz, em cidades francesas e do Reino Unido (Major 2003). Em 1992 surge o primeiro plano para a iluminação fora da Europa, em Singapura, mas concebido por uma equipa coordenada por especialistas franceses (Narboni 2003a).

A problemática da iluminação começa a abordar questões que vão muito para além do dar visibilidade aos objectos (Major 2003; Narboni 2003a; Masbounji 2003). A luz urbana deixa de se limitar aos domínios do património construído e passa a abarcar novos espaços, nomeadamente as grandes paisagens, como aconteceu com o projecto do Ruhrgebiet, na Alemanha (Alves 2004). Surge uma reflexão prospectiva sobre o papel que a luz deve ter na imagem, na paisagem e na ambiência nocturna das cidades. A luz pode dar sentido a um lugar, dar-lhe um novo valor de uso. As mudanças de filosofia na iluminação acompanharam as mudanças do discurso urbano. Para Laurant Fachard (2003) estas

mudanças resultaram do facto de se ter passado a considerar a arquitectura e os espaços públicos como veiculadores de sentido, de valores, nomeadamente estéticos. Assistiu-se, assim, a uma reorientação das intervenções de luz no sentido de as colocar ao serviço das pessoas, revelando presenças, magnificando espaços, formas e materiais, mas permitindo uma apreensão multivariada dos lugares e dos eventos que aí se desenrolam (Masboungi 2003). A luz passa a desempenhar novos papéis pois pode contribuir, de uma forma decisiva, para a criação de laços de identidade entre as pessoas e os lugares onde habitam. Para Laurent Fachard a iluminação deveria deixar de ser pública para se tornar cidadã, porque a iluminação é, sem dúvida, uma das grandes conquistas sociais do século XX.

Em simultâneo com este processo de afirmação da iluminação, assistimos a uma tomada de consciência ecológica sobre o desperdício de energia que ocorre na larga maioria das iniciativas relacionadas com a luz - devido à poluição luminosa os EUA enviam para o céu 110 milhões de dólares por ano (Fachard 2003); a mancha luminosa emitida por Lisboa é superior à de Madrid, devido ao ineficiente uso da luz. Esta tendência, ao chamar a atenção para o desperdício de energia, veio reorientar o planeamento da luz no sentido da redescoberta da noite e da obscuridade. Isto não significa um retrocesso da importância da iluminação, mas pelo contrário o reafirmar do poder simbólico que pode estar subjacente a intervenções de luz. Toma-se consciência que a luz só é espectacular se emanar da escuridão, para tal torna-se necessário revalorizar o contraste entre luz e sombra. Dominar a luz abre a possibilidade à descoberta de novas paisagens sonoras, olfactivas, mas, também, visuais, nomeadamente as decorrentes da luz artificial, ou as que resultam da luz natural do céu nocturno (lunar e estrelas), dos vulcões e das trovoadas. Os principais planos de ordenamento da luz tornam-se em planos de obscuridade (Narboni 2003a).

Nos últimos anos, o tema "luz" passou a ser preocupação no planeamento urbano como forma de criar uma imagem de marca da cidade. Paris foi a primeira a ter esta associação - *Paris Cidade Luz*. Tal ficou a dever-se ao facto de ter sido na Exposição Mundial de Paris de 1900 que, pela primeira vez, a luz surgiu associada ao lazer, à criação de prazer e de bem-estar (Narboni 2003a), à possibilidade de uma apropriação nocturna da cidade por todas as pessoas. A imagem mais difundida de Nova York é a do *skyline* formado pela silhueta dos arranha-céus iluminados por milhões de pontinhos luz que são as janelas. Tóquio afirma-se pela exuberância da imagem dos anúncios luminosos que animam as principais avenidas. No *marketing* das cidades uma boa imagem nocturna é um trunfo que ajuda a consolidar a diferenciação.

Alguns municípios, em Portugal, procuraram desenvolver planos-luz para o seu território ou, pelo menos, para as principais concentrações urbanas. Estes planos estabelecem, em linhas gerais, a diferenciação e a hierarquia das intensidades luminosas em termos funcionais e da importância dos símbolos a iluminar. A tendência é, todavia, para a uniformização das soluções, esquecendo a valorização das especificidades e das dinâmicas de cada lugar. Na iluminação dos monumentos é bem patente este processo, a utilização de lâmpadas semelhantes fazem com que todos os castelos, todas as catedrais, todos os

edifícios relevantes sejam profusamente iluminados, com luzes mais ou menos amarelas, mas sempre com uma intensidade exagerada que esmaga as formas e não revela a diversidade dos materiais. Os melhores exemplos de aplicação de planos-luz são os centros históricos de Évora e de Bragança (Alves 2009).



Évora (2006)

Plano-luz

O plano-luz é um projecto de iluminação que visa ir muito para além do dar visibilidade aos objectos e às pessoas. No plano-luz a luz deve contribuir para ajudar a identificar lugares essenciais, como nós, portas, rotundas, pontos de referência, locais onde é necessário tomar decisões de orientação ou que ajudam a criar um referencial que permite compreender o território (Narboni 2003a). A luz pode dar coerência territorial a um espaço fragmentado pelo crescimento urbano desordenado. Através de uma mudança de cor ou de um elemento de arte de luz podemos compreender que mudamos de concelho, de freguesia ou de localidade. A iluminação pode contribuir para diminuir barreiras topográficas, como as margens de um rio, uma colina, uma via de comunicação, facilitando a leitura do território. A utilização de diferentes tipos de iluminação para prefigurar diferentes tipos de usos do espaço (residencial, comercial, lazer, transportes, etc.) ajuda a identificar a estrutura urbana e aumenta a rapidez e a capacidade de dominar ou conhecer um dado território. O conhecimento do território é um factor estratégico

na resolução dos problemas de insegurança. Mais do que a quantidade de luz que se coloca no espaço público é a qualidade dessa luz, através da capacidade de nos transmitir informações, que permite alcançar objectivos como a segurança e o conforto que, por sua vez, são elementos estratégicos da vivificação dos espaços públicos (Masboungi 2003).

Políticas relacionadas com a eficiência energética

A eficiência energética depende da utilização racional de energia. “A utilização racional de energia visa proporcionar o mesmo nível de produção de bens, serviços e de conforto através de tecnologias que reduzem os consumos face a soluções convencionais.” (BCSD: 10). A utilização racional da energia é um processo que pode contribuir para reduções substanciais na necessidade de produção de energia e, conseqüentemente, das emissões de poluentes, em particular, dos gases com efeito de estufa.

A Política Energética para a Europa definiu como metas para 2020: 20% de poupança do consumo de energia primária; 20% de energia renovável na UE em 2020; 20% de redução das emissões GEE em 2020 (relativamente a 1990). As metas podem não ser alcançadas dada a crise que se está a instalar na economia.

No Brasil, em 2000, foi lançado o *ReLuz* (Programa Nacional de Iluminação Pública Eficiente) com o objectivo de melhorar a qualidade de vida da população, a segurança pública e o turismo, promover a educação ambiental, gerar empregos e incentivar a gestão mais eficaz dos recursos públicos em função do uso racional e eficiente da energia eléctrica (Electrobrás 2003). As metas físicas eram: investir para tornar eficientes, através da aquisição de lâmpadas e material necessário à adaptação tecnológica, 9,5 milhões de pontos de iluminação e instalar mais 3 milhões de novos pontos. Este programa é visto como um instrumento muito importante para a contenção da violência urbana e para reduzir as necessidades de produção de energia, de modo combater as alterações climáticas.

A Política Energética para Portugal estabeleceu como principais metas: a electricidade de base renovável deve passar para 45% do consumo de energia eléctrica até 2010; eficiência energética através da redução de 10% do consumo energético até 2015. Para alcançar estes objectivos foi estabelecido, em 2008, o Programa Nacional de Acção para a Eficiência Energética (PNAEE 2008-2015) orientado para a gestão da procura energética (PNAEE Resolução do Conselho de Ministros nº 80/2008, DR nº 97 de 20 de Maio de 2008). Pela primeira vez, temos uma iniciativa que aborda a questão da energia do ponto de vista do consumo e não apenas do ponto de vista da produção (Alves 2009). Esta mudança é fundamental, por um lado, porque revela a tomada de consciência de que as mudanças climáticas decorrentes do domínio da energia e da emissão de gases poluentes só têm solução com a participação de todos – produtores e consumidores. Por outro lado, põe

pela primeira vez a tónica na gestão do consumo energético como um meio estratégico para construir um futuro sustentável.

O PNAEE 2008-2015 tem 12 Programas com incidência ao nível da tecnologia e inovação (transportes; residencial e serviços; indústria; Estado) e ao nível dos comportamentos sociais, fiscalidade, incentivos e financiamentos (Resolução do Conselho de Ministros nº 80/2008, DR nº 97 de 20 de Maio de 2008). No programa Estado encontramos entre os objectivos alguns aspectos relacionados com a Iluminação pública como: instalação de reguladores de fluxo como garante da melhoria da eficiência energética na iluminação pública; substituição dos globos por equipamentos com melhor capacidade de reflexão e necessidade de lâmpadas de melhor potência; cumprimento dos requisitos mínimos de eficiência energética para novas instalações; *phase-out* de lâmpadas de vapor de mercúrio na iluminação pública; sistemas de controlo de tráfego e peões com base em iluminação eficiente (LED e fotovoltaico).

Em termos de iluminação pública (IP) o PNAEE estabeleceu como metas: a criação de um regulamento para iluminação pública; instalações de equipamento de modo a cumprir os requisitos de eficiência energética; redução 2%/ano em IP (30GWh/ano); substituição de 300 mil lâmpadas de mercúrio; assim como o respeito pelas recomendações aplicáveis relativas aos índices lumínicos (PNAEE Resolução do Conselho de Ministros nº 80/2008, DR nº 97 de 20 de Maio de 2008). A aplicação no território das iniciativas ao nível da IP vai depender dos Programas Municipais de Eficiência Energética na Iluminação Pública, agrupando intervenções em 10 municípios, envolvendo no mínimo 2.000 pontos luz cada. Preve-se que, até 2015, a medida esteja implementada na globalidade dos municípios em que haja viabilidade técnico-económica para tal.

A aposta na redução do consumo de energia pelos Municípios, em Portugal, é fundamental pois esta representa cerca de 14% do total (www.dgge.pt), sendo a IP a parte mais relevante (Alves, 2009). De concelho para concelho os valores dos gastos em IP por habitante são muito diferentes. Lisboa e Porto, por exemplo, têm uma avença com a EDP que faz o valor das despesas com IP por habitante ser muito reduzido (menos de 1 € por ano). Em Almada estes valores, em 2007, ficaram próximos dos 10€ por habitante, mas a receita da concessão de espaços do domínio público, onde se devem incluir as licenças para a EDP passar a rede de fornecimento aos privados, era superior, cobrindo o valor das despesas em IP em mais de 600 mil euros. Nos concelhos mais rurais o balanço não é tão favorável, pois as receitas são sempre inferiores às despesas (Alves, 2009). O facto da factura energética em IP não ser muito relevante, muitas vezes é inferior a 1% das despesas dos municípios, leva a que estes aceitem e aprovelem projectos de iluminação pública com total despreito pelas recomendações relativas aos índices lumínicos.

Em Almada, por exemplo, o projecto CostaPolis implantou em menos de 2,5 km de frente de praia mais de 110 candeeiros com 2, 3 ou 4 focos para iluminar o passeio marítimo. Os candeeiros ficam toda a noite acessos, quando não há qualquer tipo

de actividade. No Parque Urbano, que no Inverno encerra entre as 19 e as 8 horas, a IP funciona continuamente com a mesma intensidade. A instalação de um regulador de fluxo permitiria uma poupança significativa, diminuindo a intensidade luminosa no período de encerramento ou de menor intensidade de público .

Uma vez que a componente financeira não parece ser um estímulo muito relevante, para implementar acções de racionalização na IP, a aposta deve ser na sensibilização dos ganhos sociais com a redução das necessidades de produção de energia, pela vertente da diminuição das emissões poluentes e dos impactos em termos de alterações climáticas.

Um conjunto de Municípios (Abrantes; Alter do Chão; Arronches; Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Constância, Crato, Elvas, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Portalegre, Sousel) e a EDP criaram AREANATEjo (Agência Regional de Energia e Ambiente do Norte Alentejano e Tejo <http://www.areanatejo.pt/index.asp>) que tem por objectivos: promover e desenvolver actividades que contribuam para uma maior eficiência energética e uma maior utilização dos recursos endógenos; desenvolver projectos e métodos com vista à utilização racional da energia e dos recursos; disseminar as melhores técnicas e procedimentos com vista à promoção de um desenvolvimento local sustentável. As áreas de actuação são: energia, ambiente, mobilidade e sensibilização. O Plano de Actividades da AREANATEjo visa implementar a Política Energética definida para o Norte Alentejo que se baseia em 3 eixos: i. eficiência energética através da promoção da redução do consumo energético, ii. energias renováveis através do aumento da utilização dos recursos endógenos e redução da intensidade energética; iii. alterações climáticas através da redução das emissões de CO₂ e da neutralização do carbono. Para já vão ser desenvolvidos programas na área da i. energia (eficiência energética com iniciativas como a substituição das lâmpadas dos semáforos por LEDs e a melhoria da eficiência energética da iluminação pública; energias renováveis) ii. ambiente (promoção de boas práticas energético-ambientais, promoção do desenvolvimento sustentável local).



Estrutura de custos típico durante a vida útil de um sistema de iluminação (BCSD 2005)

De acordo com BCSD (2005) na estrutura de custos durante a vida útil de um sistema de iluminação o maior peso corresponde ao consumo de energia (69%) e o

investimento inicial representa apenas 7%. Esta é uma das razões porque nas políticas de eficiência energética se recomenda a substituição de equipamentos ineficientes, pois a poupança em energia consumida rapidamente cobre o investimento inicial.

Poluição luminosa

“As gerações futuras têm o direito a uma Terra sem poluição e destruição, inclusive o direito a um céu limpo.”

UNESCO²¹

A poluição luminosa é um problema de falta de eficiência energética, pois resulta de um uso não racional da energia. A poluição luminosa é o efeito adverso causado ao meio ambiente pela luz artificial excessiva ou mal direccionada. A luz mal dirigida ou excessiva causa problemas económicos, sociais e ambientais.

A larga maioria dos sistemas actuais de iluminação ambiental gera desperdícios significativos de recursos naturais, através do consumo excessivo de combustíveis fósseis e de energia. De acordo com algumas estimativas, cerca de 50% a 60% da energia eléctrica gerada é desperdiçada para o céu sob a forma de poluição luminosa (Fachard 2003). Nos EUA 50% da energia da iluminação pública é enviada para o céu sob a forma de poluição luminosa (Harrigton 2006). O redimensionamento das luminárias, da potência das lâmpadas e uma correcta orientação do feixe de luz permitiria uma economia imediata, além de consideráveis benefícios ambientais (Lopes 2002; Harrigton 2006).

A entrada de luz artificial pelas janelas das casas pode gerar problemas como fadiga, insónia e *stress* para as pessoas que lá habitam. A luz das lâmpadas de sódio não é adequada para iluminar espaços onde as pessoas permaneçam por muito tempo pois como não permite o reconhecimento das cores, perturba e cansa com a uniformidade que cria (Harrigton 2006).

As consequências ambientais da poluição luminosa são de diversas ordens: agressão dos ecossistemas nocturnos; provoca desequilíbrio em várias espécies - altera o período de fotossíntese das plantas, altera os ciclos do plâncton marinho, diminui o número de insectos, com impactos sobre os níveis de polinização das plantas, facilita a aparição de

²¹ Carta da UNESCO onde se inscreveu o céu como candidato à nomeação como Património da Humanidade (<http://www.astrosurf.com/>).

pragas devido ao desaparecimento doutros insectos; desnorteia as populações migratórias, como as aves e as tartarugas marinhas; promove o desperdício de recursos naturais; aumenta a emissão de CO2 pela produção da energia desnecessária; gera resíduos sólidos altamente tóxicos (Narboni 2003 b).

O critério quanto mais luz, melhor, está errado (Kersalé 2003; Fachard, 2003; Masboungi 2003). O excesso de luz não contribui para aumentar a visibilidade, não traz segurança ou bem-estar, pois ofusca e diminui a capacidade da visão. Segundo um estudo do Department of Justice dos EUA sobre Street Lighting and Crime, em 1977, citado por Harrigton (2006) não existe evidência estatística significativa entre a iluminação pública e os níveis de criminalidade, mas era evidente que a uniformidade da iluminação diminuía o medo do crime.

A luz em excesso não contribui para a iluminação útil, uma vez que a única luz que é necessária é apenas aquela que é dirigida para o solo (Lopes 2002; Harrigton 2006). Os sistemas de iluminação pública são, em geral, um desperdício de recursos e, apesar de ficar muito barato encontrar soluções técnicas que permitam racionalizar o consumo de energia, pouco se tem feito nesse sentido. A não observância de preceitos muito simples, como o uso de fontes de luz direccionadas, que canalizem toda a sua luz para baixo da horizontal, gera desperdícios que poderiam ser evitados. A colocação de iluminação nos espaços públicos deveria passar por um processo de racionalização que permitiria evitar riscos ambientais, economizar energia e recursos naturais, obter uma melhor qualidade de vida e assegurar às gerações futuras o direito a contemplar a beleza do céu e das paisagens nocturnas.

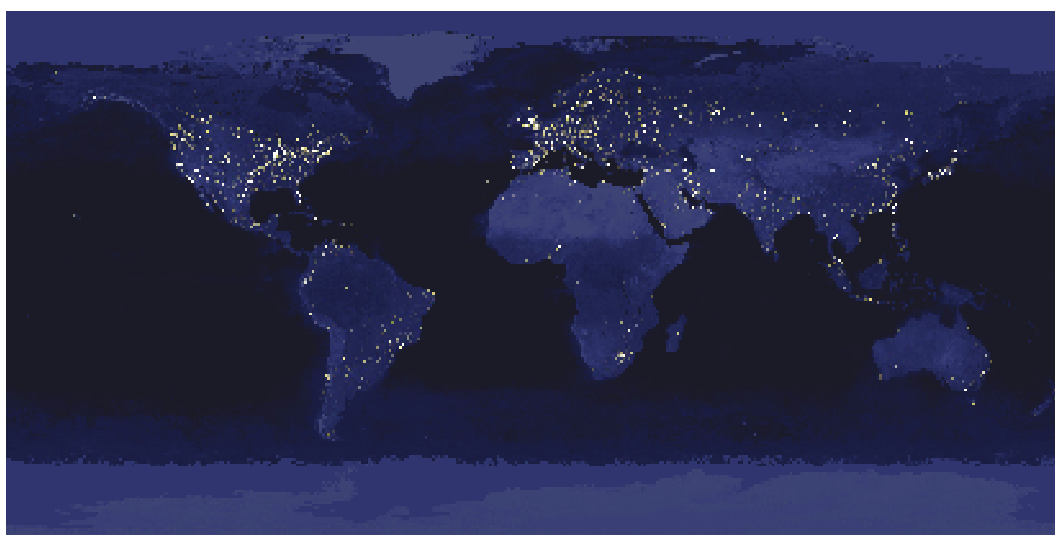


Imagem da terra vista do céu à noite – o que vemos é poluição luminosa

A Lei do Céu das Canárias

A qualidade do céu das Canárias para a observação astronómica é considerada excepcional e está protegida por lei. O Governo de Espanha por proposta do parlamento do Arquipélago aprovou, em 1988, a *Ley sobre Protección de la Calidad Astronómica de los Observatorios del IAC* (<http://www.iac.es/proyect/otpc/pag1.htm>). A lei abarca quatro aspectos fundamentais: i. a contaminação lumínica - a lei regula a iluminação exterior na Ilha de Palma e em parte da Ilha de Tenerife; ii. a contaminação rádio-eléctrica - a lei estabelece os níveis de radiação electromagnética para que não interfira nos equipamentos e nas medidas dos observatórios; iii. a contaminação atmosférica - a lei controla as actividades que podem degradar a atmosfera em torno dos observatórios; iv. as rotas aéreas - a lei regula o tráfego aéreo sobre os observatórios.

O IAC dispõe de uma *Oficina Técnica para la Protección de la Calidad del Cielo* que orienta os cidadãos sobre como cumprir a lei e controla a sua aplicação. As consequências não são apenas ao nível de qualidade do céu mas, também, ganhos significativos do ponto de vista económico. Por um lado, pela redução do desperdício de recursos naturais mas, também, pelo mercado criado com as actividades de observação do céu, nomeadamente o desenvolvimento de um centro de investigação científico à escala europeia.

Políticas culturais

No âmbito das políticas culturais o espaço-tempo noite devia ter um tratamento específico pois muitas das actividades promovidas por estas têm expressão significativa neste espaço-tempo. As políticas culturais podem intervir a vários níveis, mas destacaremos duas vertentes: os horários dos equipamentos culturais e a promoção de actividades de animação em espaços públicos à noite (Alves, 2009).

Quanto aos horários verificamos que o facto dos horários dos museus, galerias, centros de exposições coincidirem com os momentos em que a maior parte das pessoas estão trabalhar traduz-se no afastamento de públicos. A criação de sistemas como o prolongamento da abertura até mais tarde um dia por semana ou por ocasião de determinados eventos tem se traduzido em ganhos significativos de público, com os consequentes efeitos sociais.

No Porto, Serralves em Festa, 40 horas non-stop, teve o seu momento mais alto, em 2007, com as 15 mil pessoas que por lá passaram durante a noite. Na noite de inauguração do Museu Berardo, em 2007, entre as 23 e as 9 horas da manhã,

passaram pelo Centro Cultural de Belém 10 mil pessoas. A retrospectiva sobre a obra de Amadeu de Sousa Cardoso, na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2006-2007, teve mais de 100 mil visitantes, muitos dos quais nos últimos 3 dias em que a exposição esteve aberta continuamente.

A Fundação Calouste Gulbenkian abria as exposições temporárias à noite nos dias de espectáculo no Grande Auditório, mas recentemente deixou de o fazer.

O CCB e o Museu do Oriente encerram às 22 h às 6ª feiras.

As actividades de animação em espaços públicos à noite são factores decisivos na vida de muitas cidades e outras aglomerações à noite (Alves e Ferreira, 2009). Em Portugal quase todos os municípios se preocupam em organizar pelo menos num período do ano as festas locais. No início eram apenas espectáculos de música ligeira, mas com o tempo, alguns concelhos passaram a associar mostras de produtos regionais, actividades de índole cultural, actividades lúdicas e desportivas. O momento alto é quase sempre à noite, pois é nesse espaço de tempo que as pessoas têm tempo livre e disponibilidade para participar (Alves, 2009).

Na organização de eventos desportivos para além das tradicionais S. Silvestre, corridas sempre à noite, mesmo que não seja no último dia do ano, assistimos à organização de corridas nocturnas em sítios como Lisboa, Oeiras e Peniche. O objectivo é tirar partido da disponibilidade de tempo dos que participam e dos que assistem, da menor pressão do tráfego na organização do circuito, mas também do cariz excepcional que é participar numa prova desportivo à noite.

Bibliografia recomendada para leitura

Alves T (2004) “Geo grafias da luz” in *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extramuros.

Bonfiglioli S (1997) “Les politiques des temps urbains en Italie” in *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, pp. 22-29.

Narbone R (2003a), “Brève histoire de l’urbanisme lumière” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris : Éditions de la Villette, pp. 17-23.

Referências bibliográficas

Alves T (2004) “Ruhrgebiet” in *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extramuros.

- Alves T (2005) “Os espaços públicos e a arte da luz na construção da sustentabilidade das cidades” *Jornadas de Cooperação Transfronteiriça*. Guarda: CEI.
- Alves T (2009) *Conhecer, Compreender e Repensar os Territórios à Noite*. Lisboa: CEG (no prelo).
- Alves T; Ferreira C C (2009) “O lado lunar da animação turística: uma estratégia de planeamento e desenvolvimento turístico e territorial” in Peres A N Lopes M S *Animação Turística*. Chaves: APAP, pp. 96-106.
- BCSD Portugal (2005) *Manual de boas práticas de eficiência energética*. Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável.
- Cabral J (2002) “Para uma política de cidades: os imperativos, as novas políticas urbanas, as questões críticas» *Sociedade e Território*. nº. 33: 24-35.
- CERTU (1998), *Le paysage lumière, pour une politique qualitative de l'éclairage urbain*. Lyon: CERTU.
- DATAR (2001) *Temps et Territoires*. Paris: DATAR.
- DATAR (2002) *Territoires 2020*. Nº 6/2, Paris: DATAR.
- Electrobrás (2003) *Programa Nacional de Iluminação Pública – ReLuz*. Rio de Janeiro.
- Fachard L (2003) “Scénographie au service de la ville” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette, pp. 54-62.
- Ghorra-Gobin C (2000) *Les Espaces de la Mediation: Reinventer les Espaces Publiques Come Symbole de la Mediation*. Unesco.
- Godard F (1997) “A propos des nouvelles temporalités urbaines” *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, p. 7-14.
- Gonçalves, Jorge (2004), *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- Gravelaine F (2003) “Éclairer l'urbain et le suburbain” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Gwiazdzinski L (1998) «La ville la nuit : un milieu à conquérir» in Reymond H Cauvin C *L'espace géographique des villes*, Paris: Anthropos, p.347-369.
- Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24 heures*. Paris: Editions de l'Aube.
- Gwiazdzinski L (2005) *La nuit, dernière frontière de la ville*. Paris: Editions de l'Aube.
- Harrington P (2006) *Design of an energy-efficient outdoor nighttime urban lighting system*. Master of Science in Environmental Techonoly, New York Intitute of Technology, Old Westbury, NY.
- Jacobs J (1961) *The death in the live of great american citties*. New York: Peguin Books.

- Kersalé Y (2003) "Art-ménagement du territoire" in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Lopes S (2002) *Eficiência energética em sistemas de iluminação pública*. Tese de mestrado em Energia do Instituto de Electrónica e Energia da Universidade de S. Paulo.
- Major M (2003) "N'avoir peur ni du noir ni de la lumière" in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Masboungi A (2003) "La lumière et ses ombres" in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Narboni R (2003b) *La lumière et la paysage*. Paris: Le Moniteur.
- O'Connor J (1997) "Donner de l'espace public à la nuit. Les cas des centres urbains en Grande-Bretanha" *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, pp. 40-46.
- Pain R; Smiths S (ed) (2008) *Fear: Critical Geopolitics and Everyday Life*. London: Ashgate.

Sítios na Internet

- <http://www.ageneal.pt/> (Agência de Energia de Almada)
- <http://www.areac.pt/> (Agência de Energia Região Centro)
- <http://www.areal-energia.pt/> (Agência de Energia da Região Algarve)
- <http://www.astrosurf.com/anpcn/association/>
- <http://www.cascaisenergia.org/Default.aspx> (Agência de Energia de Cascais)
- <http://www.darksky.org>
- <http://www.eletobras.com>
- http://www.graal.org.pt/projectos/BdT/bancodetempo_agencias.htm
- <http://www.iac.es/proyect/optc/pag1.htm>
- <http://www.leguieduciel.net/ressources/lcm.htm>
- <http://www.lisboaenova.org/> (Agência de Energia de Lisboa)

2. INICIATIVAS E BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO À NOITE

“Like education, art is a means for growth, a route to self-knowledge; but education does may not make good people, only more able ones. Art is a human activity, and like all human activities, it is inseparable from ethics.”

François Matarasso (2000)

Sigfried Giedon²² em *Space, Time and Architecture* reflectiu sobre o espaço-tempo na arte, na arquitectura e no planeamento urbano e defendeu que as influências sociais, económicas e funcionais desempenhavam um papel fundamental em todas as actividades humanas, das ciências às artes, mas que existiam outros factores que deviam ser tidos em conta – os nossos sentimentos e as nossas emoções, porque sem eles a vida perderia equilíbrio. Para Sigfried Giedon a visão meramente funcionalista estava a conduzir o mundo por caminhos muito perigosos. Através da análise do trabalho de artistas plásticos e de arquitectos como Walter Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier e Alvar Aalto procurou mostrar como a ligação entre arte e arquitectura e a incorporação de sentimentos e emoções se traduziram em obras que contribuíram para que a vida tivesse muito mais qualidade.

Os exemplos de iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite, que vamos apresentar neste ponto, centram-se precisamente num domínio cujo sucesso depende da ligação entre arte e técnica e que, quando aplicados nos espaços públicos, devem ter em conta as emoções e sentimentos que vão provocar (fascínio, pertença, repulsa...) ou controlar (fobias, medo e insegurança). Planos-luz, iluminação artística, eventos de arte da luz em espaços públicos, animação dos territórios à noite, requalificação urbana com base em investimentos em arte da luz são alguns dos exemplos de sucesso que contribuem para que possa haver vida com qualidade nos espaços públicos à noite e os territórios se tornem espaços de cidadania.

²² Publicado pela primeira vez em alemão (1941) foi traduzido para inglês (1949) e sucessivamente publicado e actualizado em 1954, 1962, 1967 e 1969.

A luz artificial pode ser um instrumento de transformação dos territórios, contribuindo para a revitalização dos espaços públicos: intervindo na requalificação; criando ambientes adequados à funcionalidade; regenerando e invertendo situações negativas; promovendo planos de iluminação para valorizar espaços em dificuldade; criando sentimentos de pertença, de conhecimento dos lugares, dando novos sentidos para a apropriação dos territórios; valorizando o património construído ou o património natural, criando novas percepções e construindo novas paisagens. As criações no domínio da arte da luz podem desempenhar um papel estratégico através de objectos de arte qualificadores dos espaços públicos ou promover territórios através de eventos de luz - *marketing* territorial – criando registos artísticos específicos, associando a arte e a cultura.

O trabalho com a luz tem a dupla qualidade do imediatismo e do custo, pois um efeito, uma dada imagem, pode ser obtida mais rapidamente e com menor custo do que uma intervenção sobre o material (Masbounji 2003). Uma arquitectura medíocre pode ser transformada através da luz, viabilizando um projecto inadequado. A luz facilmente pode ser utilizada para criar ambientes virtuais, e o espaço encenado, pode tomar o lugar do real, com o risco de destruir o espaço vivido. O objectivo é investir em acontecimentos/eventos e em sistemas de iluminação permanentes ou efémeros que levem as pessoas a redescobrir os espaços públicos, conferindo-lhes a qualidade de vida necessária para a sustentabilidade das cidades.



Nova Iorque (2006)

Nova Iorque: a noite como imagem de marca

Para Gandelsonas (2003) a noite nas cidades americanas é muito diferente da das cidades europeias porque no essencial a iluminação pública depende da iniciativa privada. A iluminação é assegurada, de um modo geral, pelos anúncios e pelas actividades económicas, o que conduz a grandes disparidades entre as áreas comerciais muito iluminadas e áreas residenciais na mais completa penumbra. Linnaea Tillet²³ mostrou como o país mais rico do mundo é um dos mais pobres em termos de concepção de iluminação devido à ausência do papel de comando dos poderes públicos. Nos EUA as iniciativas de planeamento por parte dos poderes públicos são raras. No caso da iluminação a situação é ainda mais rara, sendo as paisagens nocturnas resultado, acima de tudo, da iniciativa privada.



Times Square, Nova Iorque (2006)

No caso de Nova Iorque os grandes arranha-céus mantêm as luzes acesas toda a noite, independentemente de haver pessoas ou não a trabalhar, criando uma ideia falsa de actividade 24/24 horas (Alves, 2008). Ao nível pedonal há um contraste entre áreas muito

²³ Linnaea Tillet (2008) "The emotional city (New York)" Conference *Rencontres de la lumière*, Lyon.

iluminadas devido à profusão de sinais/anúncios luminosos e espaços comerciais e áreas quase sem iluminação. Times Square destaca-se por ser a área de Nova Iorque com maior aposta nos suportes iluminados, gerando uma poluição que pode ser vista a longa distância do espaço. Mas nem sempre foi assim.

Times Square transformou-se, de há uns anos a esta parte, num centro de lazer e comércio que funciona 24/24 horas, 7/7 dias, durante todo o ano. A profusão de cor e luz associada aos anúncios sempre caracterizou esta área da cidade mas, nos últimos tempos, houve uma aposta na mudança da imagem, transformando-a, por si só, num acontecimento. As fachadas dos edifícios deixaram de ser apenas suporte para os anúncios estáticos e as janelas até ao 5º ou 6º andar foram tapadas por ecrãs de pixéis onde através das mais modernas tecnologias se associam as características da televisão, do computador e do cinema (Gandelsonas 2003). Das fachadas, os peões e as pessoas dentro dos veículos são bombardeados com imagens como na TV, com notícias como nos media, mas exibidas em painéis que transformam as paredes dos edifícios em ecrãs gigantes de cinema. Quem pode parar e observar o que se passa naqueles ecrãs tem ciclos de 15 a 20 minutos sem que uma só imagem se repita, conferindo uma dinâmica, sem precedentes, à cidade. Em Times Square a paisagem urbana muda à velocidade das imagens (Alves 2008).

Times Square é um exemplo do modo como a iniciativa privada pode criar um evento baseado na animação urbana gerada pelo espectáculo das imagens e luzes em contínuo movimento, cujo consumo turístico é essencialmente nocturno (Alves, 2008). A presença de cada vez mais pessoas nesta área levou a que muitos dos problemas de segurança se atenuassem pois deixou de ser sentir o efeito de segregação associado à presença de apenas alguns grupos sociais, como ainda acontecia no início dos anos 90. As autoridades da cidade ao aperceberem-se do efeito passaram a estimular a mudança incentivando-a e dando o exemplo (Alves, 2008). Incentivaram a mudança através de legislação que facilita a instalação dos suportes com imagens em movimento. Deram o exemplo ao participar nas mudanças através dos próprios serviços públicos. Assim a entrada para o metropolitano, o departamento da Polícia de Nova Iorque ou centro de recrutamento do exército mudaram de imagem, instalando suportes luminosos que contribuem, ainda mais, para animar esta parte da cidade.



Metropolitano (2006)

Departamento da Polícia (2006)

Centro de recrutamento (2006)

Opera em Times Square

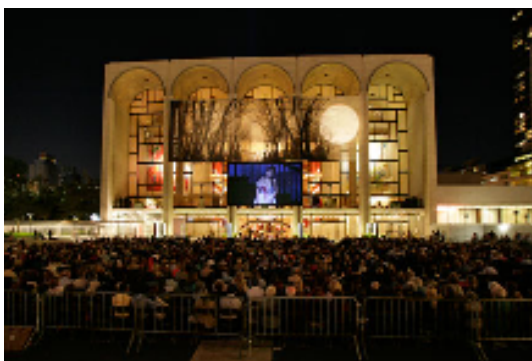
A dinâmica dos espaços públicos à noite em Nova York depende da realização de eventos como o que, há 3 anos a esta parte, marca a abertura da temporada de



Times Square (2008)

Fonte: <http://www.metoperafamily.org/metopera/news/photos/>

ópera do Metropolitan Opera House. A colocação de ecrãs gigantes em determinados sítios da cidade permite que milhares de pessoas possam assistir ao espectáculo na rua. No último ano, para além da praça em frente ao Lincoln Center e do campus da Universidade de Columbia, Times Square transformou-se numa sala de espectáculos gigante onde mais de 4 mil pessoas puderam assistir a um acontecimento único, pela primeira vez a gala de abertura foi entregue a uma cantora, René Fleming.



Lincoln Center (2008)



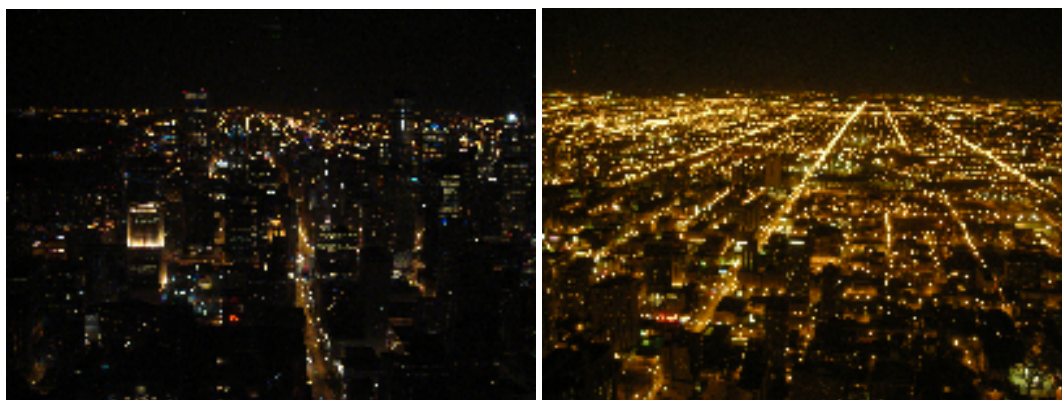
Campus da Universidade de Columbia (2008)

Fonte: <http://www.metoperafamily.org/metopera/news/photos/>

Este tipo de eventos para além dos efeitos em termos de vivificação dos espaços públicos à noite, tem um valor de animação sócio-cultural, permitindo que

espectáculos, em geral, dirigidos a públicos muito restritos, se transformem numa festa popular, acessível a todos.

Nova Iorque é o principal centro de atracção de turistas estrangeiros e nacionais nos EUA. A cidade atrai milhões de visitantes pelas características únicas da sua arquitectura e urbanismo, pela dinâmica da sua vida cultural e pelo ambiente urbano decorrente de ser uma cidade onde pode haver vida 24/24 horas, 7/7 dias durante todo o ano. Assim, não é de estranhar que uma das imagens de marca para a promoção turística seja cada vez mais o *skyline* dos arranha-céus iluminados por uma grelha de milhões de luzinhas que são as janelas.



Chicago (2008)

Chicago: arte e regeneração urbana

A paisagem nocturna de Chicago impressiona mais pela extensão das grandes vias de circulação pelos subúrbios do que pela exuberância da iluminação dos grandes arranha-céus do CBD. Mas só temos acesso a esta paisagem se se subir aos arranha-céus. A valorização turística deste “recurso” é feita através da criação de circuitos em que se pode visitar o topo dos edifícios, mas acima de tudo através da instalação de restaurantes e bares que obrigam ao consumo para poder desfrutar a paisagem.

Chicago é uma das cidades dos EUA com maior peso de negros e de católicos na população residente. Mas até agora nunca teve um mayor católico e apenas uma vez teve um mayor negro. Segundo Clark (2008) a gestão da cidade acente no clientelismo deixou de surtir efeito pois acarretava custos de ineficiência para o sistema e o actual mayor, no poder desde 1989, assumiu a partir de meados dos anos 90 que a renovação da cidade tinha de ter em conta a multiculturalidade, aumentou as medidas de tolerância para com diferentes grupos, e basear-se num maior investimento em cultura e amenidades.

O sucesso de uma exposição de Monet no Art Institute of Chicago “One hundred fifty-nine works from around the world were brought together for this once-in-a-lifetime show. The attendance was unparalleled. During its run from July 22 to November 26, 1995, advance

admissions were completely sold out, leading to the surreal spectacle of tickets for an art exhibit being scalped as if it were the Super Bowl.” (<http://www.glyphs.com/art/monet/>) demonstrou que a imagem da cidade podia mudar. E que o investimento no bem público, as preocupações estéticas e a promoção do consumo podiam contribuir para mudar a visão da cidade com altos níveis de criminalidade, cujas principais figuras públicas eram Lincoln e Al Capone.

Nos últimos anos as autoridades da cidade envolveram-se num programa de regeneração do centro da cidade de modo a atrair população para aqui residir e trabalhar. Para além das iniciativas relativas à construção de novas habitações em lugares privilegiados como as margens do Lago Michigan e do rio Chicago, promoveram a instalação de novas empresas e a requalificação dos espaços públicos. Nos últimos 10 anos o centro de Chicago recuperou perto de 20 mil habitantes²⁴. O programa de requalificação das margens do lago associou a renovação dos parques já existentes e a construção de novos, transformando a cidade numa das cidades com maior número de ha de espaços verdes por habitante do mundo.

A construção de marinas e a transformação das margens do Lago Michigan acentaram na ideia de desenvolver uma cidade comprometida com a defesa do ambiente. Assim uma das áreas privilegiadas foi o estímulo à circulação em transportes públicos e a utilização de meios de mobilidade não poluidores. Para tal apostou-se na construção de ciclo-vias que já atingem mais de 160km, 35 dos quais ao longo das margens do Lago.

A requalificação da cidade apostou em intervenções de arte nos espaços públicos com trabalhos de Anish Kapoor, Frank Ghery e Jaume Pensa no Millenium Park. E em obras emblemáticas como a nova ala do Chicago Art Institute, a abrir em 2009, com um edifício concebido por Renzo Piano.



Anish Kapoor (2004) Cloud Gate, Millenium Park, Chicago, 2008

²⁴ Conferência no ACSP-AESOP 4th Joint Congress **Bridging the Divide: Celebrating the City** Chicago, Illinois, Julho.

Anish Kapoor nasceu na Índia, mas estudou e trabalha em Londres. Considerado um dos mais importantes escultores da actualidade tem obras em muitas cidades, caracterizando-se sempre pela capacidade de interacção com os diferentes públicos. Cloud Gate (2004) é conhecido ao nível local por “bean” e é um dos elementos mais populares da paisagem urbana de Chicago. A forma e os materiais em que a peça foi realizada permitem múltiplas reflexões que funcionam como um jogo. O carácter lúdico da obra faz com que seja uma das grandes atracções da cidade, de dia e de noite.



Jaume Plensa (2004) *Crown Fountain*, Millenium Park, Chicago, 2008

O trabalho *Crown Fountain* de Jaume Plensa vive da projecção de imagens e de jogos de água. Nas duas colunas de vidro são projectados retratos de 80 pessoas de Chicago e imagens de ambientes naturais. A água que jorra das colunas cria um espaço que atrai durante o dia, no Verão, centenas de crianças e adultos que brincam, criando uma animação urbana muito intensa e participada. A riqueza do efeito cénico é ampliada pela noite e às imagens que se viam de dia acrescentam-se efeitos de luz que eram imperceptíveis com a luminosidade diurna. De noite, mais do que dia, a obra plástica afirma-se como um marco na vida da cidade.



Frank Gehry (2004) *Pritzker Pavilion*, Millenium Park, Chicago, 2008

Pritzker Pavilion (2004) de Frank Gehry funciona como um imenso palco para espectáculos no meio do Millennium Park. Com as características curvilíneas das obras do autor é à noite, com a iluminação artística, que revela as formas mais ousadas e inovadoras. Pena é que o Parque encerre às 23h para que possam promover trabalhos de limpeza e de recuperação.

A eleição de Barack Obama para presidente dos EUA e a candidatura aos Jogos Olímpicos de Verão e aos Jogos Para-Olímpicos de 2016 representam o início de um novo ciclo na vida de Chicago.

Xangai: planejar os territórios à noite depende da conciliação entre iniciativas privadas e públicas²⁵

Xangai era conhecida, nos anos 20 e 30 do século passado, como a Paris da Ásia. A dinâmica económica da cidade tinha-a transformado na principal praça financeira do Oriente e na margem esquerda do rio Huang Pu, as grandes empresas construíram edifícios majestosos para as suas sedes, criando o Bund, uma avenida marginal cheia de vida e de animação.



Bund



Pudong, Shanghai (2007)

Nos últimos anos as autoridades chinesas procuram recuperar esta aura e, para além da abertura da economia à iniciativa privada, estimulam iniciativas para recuperar a imagem de cidade cosmopolita. Utilizando como pretexto a Exposição Mundial de 2010 estão a realizar-se grandes investimentos em domínios, como as infra-estruturas, os equipamentos e os serviços, mas acima de tudo implementa-se um novo desenho da cidade orientado pelo plano de 1992 concebido pelo gabinete do arquitecto Richard Rogers, que apostou desde o início na iluminação artística dos edifícios históricos do Bund. Esta aposta criou um espaço único que constitui uma das grandes atracções turísticas da cidade que se prolonga através da feérica rua pedonal de Nanjing, estabelecendo um percurso onde se vêem

²⁵ Alves (2008).

residentes e turistas e se criou uma intensa animação nocturna apenas através da deambulação por entre vendedores ambulantes, artistas de rua e sem abrigos que procuram um lugar para passar a noite.

Do passeio ribeirinho do Bund podemos ver na outra margem Pudong a nova área de expansão de Xangai. Pudong foi uma das primeiras áreas abertas à iniciativa capitalista nos anos 80 e os arranha-céus digladiam-se pelo título de “edifício mais alto” da Ásia, da China ou de Xangai. A paisagem nocturna é surpreendente e permite descobrir outra cidade. Para além das iluminações artísticas, as fachadas são animadas permanentemente por anúncios, construindo outro espectáculo. Espectáculo este que fica ainda mais surpreendente com a passagem contínua no rio escuro de barcos com ecrãs gigantes com publicidade aos mais diferentes produtos e serviços. Mas esta paisagem é surpreendente vista de longe, porque o espaço urbano de Pudong à noite não é atractivo. Como é um centro de serviços moderno, com os edifícios muito distantes uns dos outros, as deslocações são feitas, predominantemente, de carro e as ruas ficam desertas. Pudong à noite é, sobretudo, para ser visto à distância, não é agradável para ser vivenciado no espaço público.

Pelo contrário, do lado da cidade mais antiga a vida criada pelos milhares de pessoas na rua até altas horas confere-lhe uma animação e um calor humano que dá segurança aos turistas e estimula a deambulação para usufruir a cidade. Esta área da cidade está, contudo, a sofrer um processo de demolição das habitações tradicionais, a expulsão dos habitantes para bairros periféricos distantes do centro e a substituição dos edifícios por novos arranha-céus. Como as novas classes ricas se deslocam até aos luxuosos restaurantes do Bund de carro e observam do alto dos edifícios o espectáculo da cidade nocturna será de temer que muito em breve o caloroso ambiente de Xangai à noite deixe de ser atracção turística.

Atenas²⁶: como um plano-luz criou a cidade nocturna

Aproveitando os investimentos para a realização dos Jogos Olímpicos de 2004, o município encomendou um plano de luz com vista a criar uma “paisagem nocturna” para Atenas.

A equipa liderada por Roger Narboni (Narboni 2003) identificou como o principal valor da cidade o património arqueológico e decidiu que o plano de luz devia centrar-se em torná-lo visível à noite. O que se passava é que os sítios arqueológicos, facilmente identificáveis de dia, à noite estavam submersos por uma iluminação ambiental pouco hierarquizada. O

²⁶ Alves (2008).

objectivo do projecto foi desenvolver um esquema de iluminação pública que colocasse em evidência os principais monumentos, tornasse explícito os percursos e criasse nos principais espaços públicos ambientes onde fosse confortável estar para desfrutar a qualidade natural das noites mediterrânicas.

Com a implementação do plano-luz do alto Monte Lykavittós pode-se desfrutar de uma paisagem sem poluição luminosa, pois os candeeiros de reduzida altura apontam o feixe de luz para o solo, e no meio da escuridão emergem espaços fulgurantemente iluminados: os sítios arqueológicos. O resultado foi o surgimento de uma paisagem nocturna que mais do que a diurna põe em relevo o património que é, precisamente, o principal factor de atracção turística da cidade. Ao mesmo tempo, nas principais praças e nos bairros mais tradicionais, como a Placa, a iluminação ambiental criou ambientes aprazíveis e estimuladores do convívio ao ar livre, animando a noite da cidade.



Atenas (2004)

A planificação da cidade nocturna através da iluminação ambiental e artística permitiu à cidade de Atenas criar um raro produto turístico. A descoberta e vivência nocturna do património arqueológico é diferente da experiência diurna. O plano-luz, ao mesmo tempo,

que permitiu racionalizar o uso da energia melhorou o ambiente urbano, estimulando a vida na rua às noites e economizando no consumo energético.

Lyon: a cidade da luz²⁷

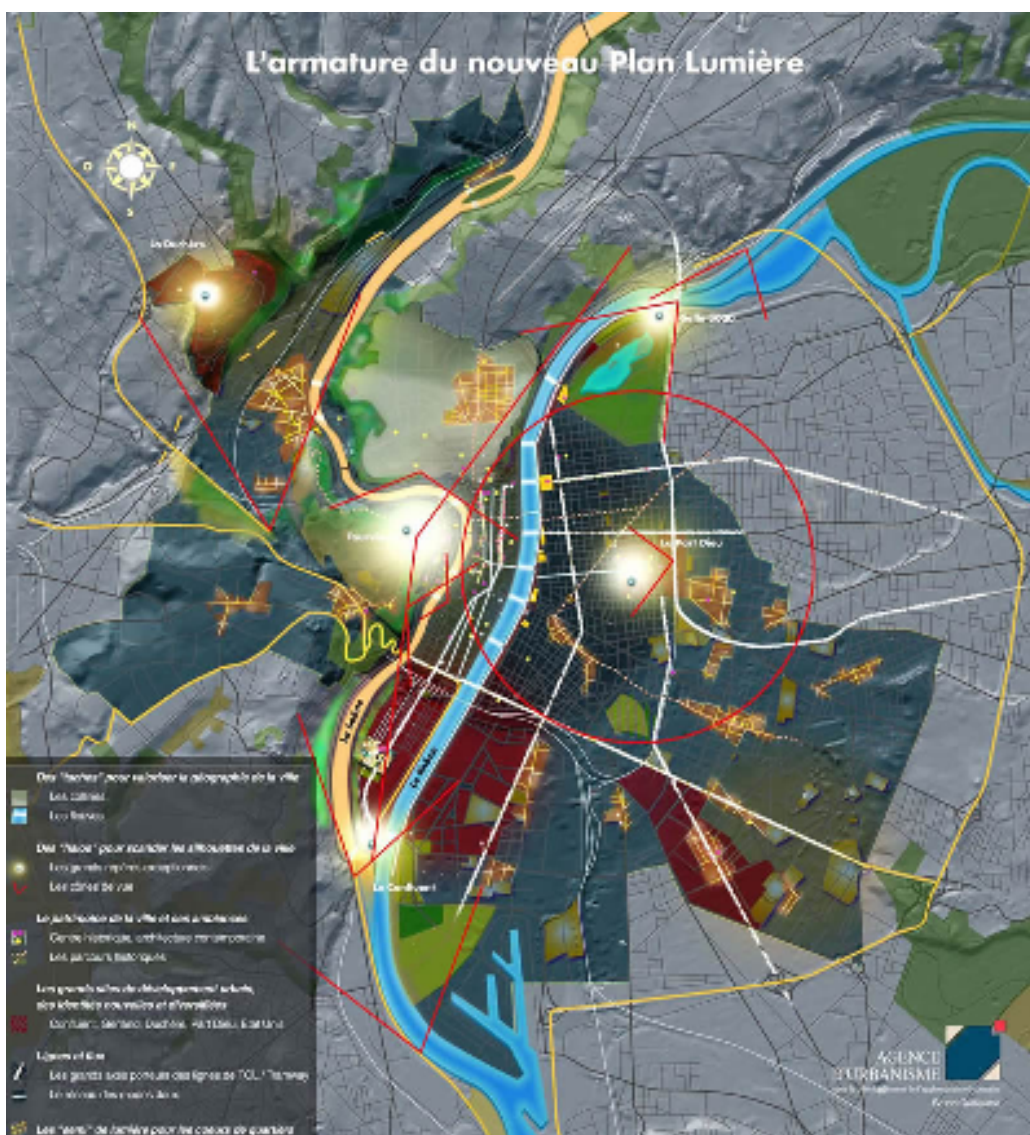
Lyon (França) foi a primeira cidade do mundo a ter um plano-luz, facto que a transformou numa referência mundial na concepção de luz e nas questões de iluminação urbana. O primeiro plano-luz surgiu em 1989 e foi pioneiro tanto do ponto de vista técnico, como político, como artístico. Ao mesmo tempo foram lançados vários planos de ordenamento do território e de desenvolvimento económico que tinham por objectivo transformar Lyon, até 2010, numa metrópole à escala europeia. Para além do apoio à criação/fixação de empresas pretendia-se refazer a cidade a partir do tecido existente, investindo nos bairros, na qualificação do espaço público, nos transportes e no *marketing* (Salgueiro 2002). Uma das orientações da política urbana era precisamente valorizar a cultura e a criatividade como vectores da acção económica, apostando em acontecimentos de nível internacional capazes de transformar Lyon num destino cultural (Salgueiro 2002).



Lyon 2008

²⁷ http://www.lyon.fr/vdl/sections/fr/urbanisme/plan_lumiere_1/le_plan_lumiere__hi Le Plan Lumière, une histoire de ville.

A filosofia que esteve subjacente à elaboração do primeiro plano-luz era que a colocação de luz no espaço público não devia ter a ver apenas com segurança, mas que devia ter um papel fundamental na concepção e desenvolvimento do espaço urbano e contribuir para um desenvolvimento sustentável através da utilização de formas de iluminar mais eficientes e amigas do ambiente. Ao organizar o desenvolvimento da iluminação da cidade de Lyon o plano-luz deu-lhe uma nova visibilidade, colocou em evidência a sua identidade, apoiando-se no património, na história, na geografia, e iluminou mais de 250 sítios de acordo com os diferentes tipos de uso.



Estrutura do plano-luz de Lyon 2004

Em 2004, começou a ser implementado o segundo plano-luz que completou e reforçou o primeiro, centrando-se em mostrar as pessoas e as suas actividades. Foram definidos os

seguintes eixos estratégicos: respeitar as diferentes ambiências (por exemplo nas margens dos rios respeitar a obscuridade); marcar a silhueta da cidade (iluminar de forma a destacar no perfil nocturno os principais monumentos, os grandes projectos, as grandes vias, as entradas na cidade); iluminar os bairros, respeitando as características de vida, elaborando planos de luz territoriais específicos para cada caso; apostar nos espaços públicos (jardins, beira-rio, praças); valorizar as paisagens nocturnas através do respeito pelos grandes cones de vistas.

Foi estabelecido que só se devia ter em conta a luz útil, devendo ser eliminados todos os fluxos horizontais ou que ultrapassem as superfícies a iluminar. O novo Plano-Luz baseia-se na experimentação e foi concebido como um processo aberto, evolutivo e adaptável no tempo.

Depois de 2006, o poder político decidiu acelerar a renovação dos sistemas de iluminação para reduzir o consumo de electricidade. Só na passagem das lâmpadas instaladas de 400 W para 250 W, por exemplo, ganhou-se uma economia em energia na ordem dos 40%. Para reduzir a poluição luminosa procedeu-se à substituição de luminárias do tipo globo por equipamentos com fluxos dirigidos para baixo o que promoveu a melhoria da iluminação útil. Neste momento, decorre uma experiência com a colocação de "paralumes" para limitar os fluxos de luz na direcção das fachadas dos edifícios.

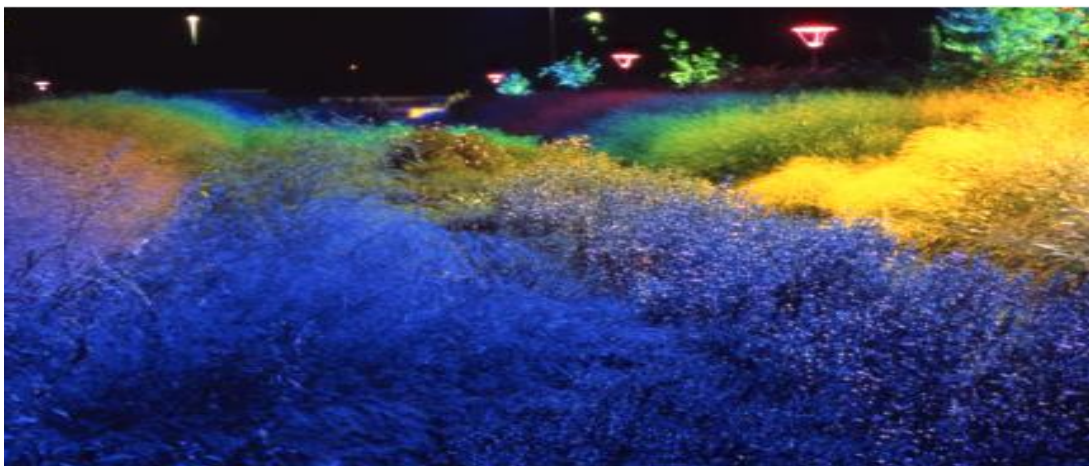


Fête des Lumières, Lyon 2008

O programa de iluminação pública assenta na necessidade de desenvolver ciclos de iluminação diferenciados de acordo com os usos e as horas da noite. Determinadas áreas não são iluminadas entre a 1 e as 5 da manhã, assim como os parques urbanos que estão encerrados à noite têm a iluminação limitada.

A iluminação urbana foi reconhecida como uma arte e uma profissão e tornou-se fundamental para a afirmação internacional de Lyon e da sua aglomeração. A oportunidade criada pelo desenvolvimento dos planos-luz e a congregação de esforços colectivos permitiram que as empresas, os conceptores de luz e os artistas de Lyon ganhassem visibilidade e fossem convidados para desenvolver projectos por todo o mundo: o museu do Ermitage em S. Petersbourg, o Castillo del Moro em Havane, o museu da cidade de Hô Chi Minh, o Monument Ryadh el Feth em Alger, a Menara em Marrakech ou as Torres Petronas em Kuala Lumpur. Criou-se em Lyon uma verdadeira fileira de especialização em torno da arte de iluminar, com o desenvolvimento de formações específicas e actividades económicas e culturais ligadas à luz.

A Fête des Lumières é o momento alto da vida da cidade de Lyon que todos os anos atrai à cidade milhões de visitantes. É uma festa que serve para através de obras de arte efémera experimentar novas abordagens, novos suportes, novas soluções para a iluminação pública e que consome apenas 0,01% da energia anual da cidade de Lyon.



Jardin Chromatique do Parc de Gerland (Lyon 2008)

Jardin Chromatique, Parque Gerland, Lyon

O Parque Gerland foi o primeiro *Jardin Chromatique* (Lyon 1997-2000) do mundo. É um parque urbano na periferia de Lyon e quando a iluminação se acende todos os sentidos são convocados para vivenciar aquele espaço. O *Jardin Chromatique* é uma transfiguração através da cor que Laurent Fachard criou em parceria com o Arquitecto Paisagista Michel Corajoud, dando uma nova percepção do espaço e

dos objectos. Para além da qualidade estética, o objectivo foi tornar aquele espaço público num espaço habitável e confortável para o utilizador. Este ao circular, em horas pouco habituais no jardim, pode experimentar sensações novas que não se limitam apenas às visuais.

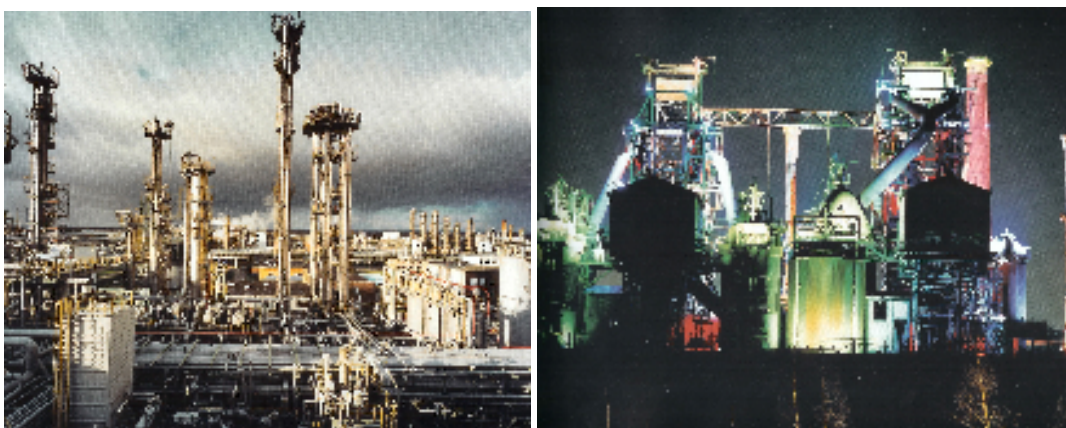
Berlim: a Fénix renascida

Quando se fala de cidades com intensa vida nocturna pensa-se quase sempre nas actividades culturais e nas actividades lúdicas associadas ao mundo dos espectáculos e à associação entre o sector alimentar e o de lazer. Barlim é neste conjunto de actividades uma referência recente, mas que vem a consolidar a sua posição de uma forma muito evidente nos últimos anos. O facto de ter sido uma cidade dividida durante mais de 40 anos levou à instalação em duplicado de muitos equipamentos (Alves 2009). Por exemplo, como os 2 grandes teatros de música lírica, o Staatsoper e a Komische Oper, e os principais museus (Bodo, Altes, Pergamon) se localizavam em Berlim Leste, em Berlim Ocidental foi necessário construir, nos anos 50, o Kulturforum, onde se instalou a Filarmónica de Berlim, museus e centros de arte e, nos anos 60, o Deutsche Oper.

O maior estaleiro da Europa é a melhor descrição de Berlim (Marcuse 2007). Após a queda do muro, com a reunificação da Alemanha e a instalação da capital de novo em Berlim a cidade passou a captar inúmeros investimentos que a transformaram numa cidade com três centros: em torno de Ku'damm (o centro da Berlim Ocidental), em torno de Alexander Platz (o centro da Berlim Leste) e o eixo Porta de Brandenburg – Postdam Platz (o centro da cidade reunificada) (Alves 2009). O centro da cidade reunificada, capital do país mais rico da Europa, está a ser construído nos terrenos deixados vagos pelo antigo muro. Neste espaço surgiram nos últimos anos novos edifícios para os serviços do Estado Federal que se mudou de Bona para Berlim, habitação, comércio, serviços e museus em que a ligação entre arquitectura e arte da luz é uma referência ao nível mundial. Ao mesmo tempo, o Mitte e em, particular a Friedrichstrabe, sofreram uma renovação radical com o surgimento de mais 100 mil m² de novas lojas (Schoen e Luthe 2008). Na Friedrichspassage, uma galeira comercial que une 3 quarteirões, de Jean Nouvel, no Reichstag renovado por Sir Norman Foster, nas obras de Hans Helmut, Frank Ghery, Richard Rogers, Renzo Piano, entre outros, associam-se artistas da luz como Yann Kersalé, Keichii Thaara, e transformam radicalmente a imagem da cidade.

Ruhrgebiet: a iluminação artística na regeneração dos territórios²⁸

Ruhrgebiet (Alemanha) é um vasto projecto de transformação cultural de uma região em que a utilização da luz desempenha um papel fundamental. O Ruhr é uma antiga área industrial em crise: com graves problemas sociais, nomeadamente uma alta taxa de desemprego (a última mina a encerrar em 2003 criou 5500 novos desempregados) e com graves problemas ambientais (poluição sonora, visual, águas e ar). O desafio era transformar uma região repulsiva num espaço agradável para viver e num potencial destino turístico. O objectivo era mudar a paisagem, mas sem terem de se submeter à lógica do crescimento económico (Pelz 2007). A opção foi modificar radicalmente a paisagem através da valorização do património, recuperando o sentimento de pertença, encorajando a apropriação dos antigos espaços industriais pelos habitantes, promovendo o desenvolvimento de serviços culturais. O instrumento fundamental foi a luz artificial. O resultado final foi a transformação das velhas estruturas industriais, responsáveis pelo mau nome da região, em obras de arte, fontes de uma nova imagem e de novos simbolismos, capazes de novas utilizações e destinadas a públicos variados.



Tipologia das intervenções:

- criação de marcas no território através da iluminação de pontos que se destacam na paisagem – torres de igrejas, chaminés de fábricas encerradas, gasómetros – estas intervenções ajudam a ler o território e contribuem para a criação de identidades territoriais;
- colocação dos tetraedros – pirâmides luminosas que para além de marcarem o território, servem de miradouros, ou seja contribuem também para uma boa leitura da paisagem;

²⁸ Alves 2004

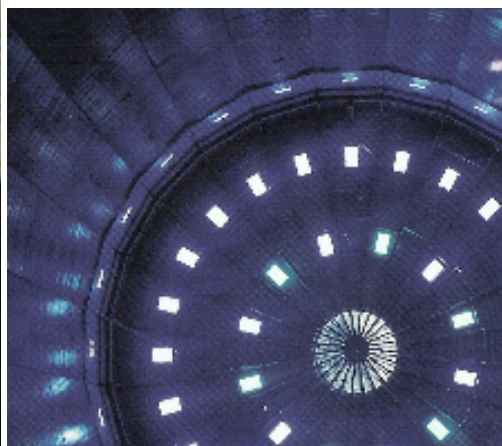
- pintar de branco e colorir de uma forma dinâmica através da luz – edifícios, ruínas de fábricas, túneis, canais, pontes, linhas de comboio – o objectivo era tornar luminoso, espectacular, espaços e edifícios até aí associados ao negro, ao escuro, aos aspectos negativos como a poluição;



Zollverein em Essen (1999)

- intervenções sobre edifícios:
 - hulheria de Zollverein em Essen (1999) – requalificação de modo a transformar em centro cultural; a utilização da luz vermelha, em recordação da luz dos antigos fornos, e a implantação de um espelho de água, criaram um ambiente completamente diferente. Uma programação cultural que tira partido dos grandes espaços e atrai milhares de visitantes (ex.: exibição de *Metropolis* de Fritz Lang, bailados na vertical nas paredes do corpo principal das antigas fábricas). No Inverno o lago gela e serve de pista de gelo. A requalificação dos edifícios, projectados na Bauhaus, permitiu a classificação como Património da Humanidade (UNESCO);

- as ruínas de uma das antigas minas que servia as fábricas Krupps foi transformada num jardim, num parque de recreio onde a luz cria ambiências particulares o que permitir que seja usufruído de noite e de dia;
- o facto das cubas de fermentação da cerveja serem espaços sem qualquer luz natural levou ao desenvolvimento de um projecto de arte da autoria de James Turrell: manipular a percepção do espaço através da luz que vai mudando de cor. Ao pintar de branco as paredes, tecto e chão das cubas a emissão de luz dá a percepção de se caminhar dentro da luz.



Luzboa: arte e luz, na animação dos espaços públicos²⁹

Luzboa foi uma iniciativa cultural dedicada ao tema da luz e da iluminação em Lisboa e ocorreu em 2004 e 2006. Através de uma programação de arte contemporânea internacional, foram promovidas iniciativas efémeras com o objectivo de chamar a atenção para a necessidade de requalificar espaços públicos da cidade à noite.

²⁹ Alves 2007b.

A iniciativa partiu da Extra]muros[associação para a cidade e do Instituto Franco-Português/ Embaixada de França e foi apoiada por entidades públicas, como a Câmara Municipal de Lisboa, o Ministério da Cultura e a Universidade de Lisboa e teve o Alto Patrocínio da Presidência da República. O papel das empresas ligadas ao sector foi determinante no financiamento, revelando a importância destas questões para o mundo empresarial. A componente artística assegurou a comunicação entre universos habitualmente distantes: poder político, indústria, serviços, população, investigação e cultura.

O evento foi a oportunidade para, por um lado, discutir as novas abordagens no panorama da iluminação pública e ambiental, nomeadamente as questões relacionadas com poluição luminosa, a sustentabilidade ambiental, a economia, as estratégias empresariais, a gestão territorial e o planeamento em busca de uma melhor luz/iluminação. E, por outro, as estratégias dos artistas, em particular, de que modo estas podem contribuir para uma luz urbana não apenas mais confortável, mas capaz de gerar fenómenos de valorização, de identidade, de pertença e de auto-estima.

Ao longo do evento a problemática da luz foi abordada muito para além da questão do dar visibilidade aos objectos, porque a luz urbana deixou de se limitar aos domínios do património construído e passou a abarcar as questões relacionadas com as vivências dos espaços públicos. A luz pode dar coerência territorial a um espaço fragmentado, pode contribuir para diminuir barreiras topográficas, para prefigurar diferentes tipos de usos do espaço, ajuda a identificar a estrutura urbana e aumenta a rapidez e a capacidade de dominar ou conhecer um dado território (Gravelaine 2003). Mais do que a quantidade de luz que se coloca no espaço público é a qualidade dessa luz, através da capacidade de nos transmitir informações, que permite alcançar objectivos como a segurança e o conforto, que por sua vez são elementos estratégicos da vivificação dos espaços públicos (Masbounji 2003).

Para as duas edições do evento foram definidos três domínios de acção:

- arte contemporânea;
- desenho urbano de luz;
- bienal internacional.

Em primeiro lugar, pretendeu-se através da realização de projectos nacionais e internacionais de arte contemporânea criar fenómenos de comunicação geradores de identidade, magia e riqueza visual, que se constituíssem como que a base de uma dinâmica de transformação da imagem da cidade de Lisboa. Foram convidados artistas para que interviessem em espaços públicos como praças, ruas, miradouros, escadinhas, becos e pátios, de modo a criarem obras que tivessem a função de chamar pessoas até esses lugares, oferecendo-lhes novas vivências estéticas e sensoriais.



Eléctricos 2004 – Yann Kersalé

De entre as diversas intervenções salientamos “Electricos 2004” de Yan Kersale, “Family Idea” de Ron Haseldan e “DEMO_polis” dos Moov (2006). No primeiro caso, partindo de um aspecto característico da cidade de Lisboa, os eléctricos, o artista criou um objecto de luz que se transformou num evento em movimento, as pessoas esperavam para andar especificamente naquele eléctrico, saíam e queriam fotografar o condutor, a animação estava muito para além do objecto.

O aspecto mais significativo da obra de Ron Haselden é o facto de ela ter por base os desenhos feitos pelos meninos e meninas da creche da Associação Moinho da Juventude do Bairro da Cova da Moura sobre as suas famílias. As famílias desenhadas são muito heterogéneas, frequentemente, não têm adultos, apenas crianças. Muitas destas crianças estão entregues a outras crianças, pois os pais trabalham todo o dia fora do Bairro e nalguns casos emigraram.



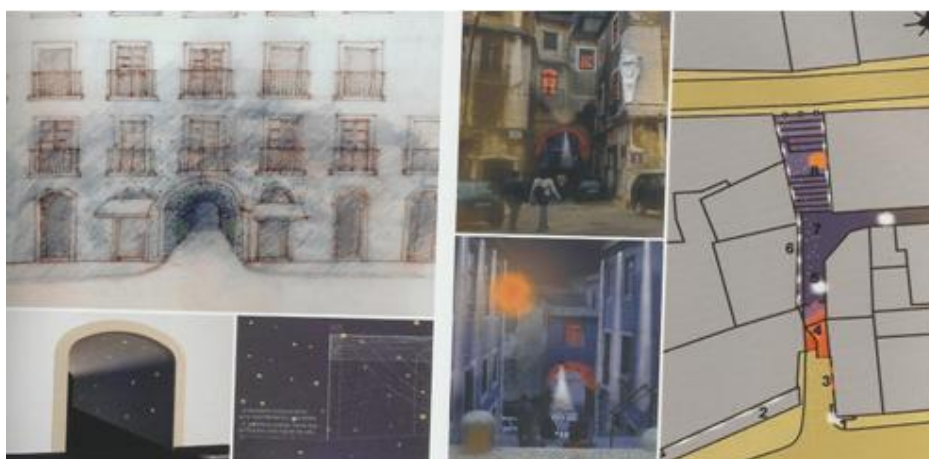
Family Idea(2004) – Ron Haselden

O trabalho dos Moov chama a atenção para o espaço público e a forma como deles nos apropriamos, sobretudo, nos usos temporários. Um conjunto de pequenas tendas num pátio de Lisboa convidava os transeuntos a experiências únicas como dormir numa cama de relva, a partilhar o espaço com alfaces, com coraçõezinhos vermelhos, garrafas de espumante...



DEMO_polis” dos Moov (2006)

O evento de 2006 foi estruturado num percurso em que as 3 cores do RGB eram o pretexto para descobrir a cidade nocturna do Príncipe Real a Alfama. Foram apresentadas 24 intervenções artísticas, de 32 criadores, de 8 países, entre nomes consagrados e emergentes, que mostraram através da arte da luz o valor dos espaços públicos da cidade (Caeiro 2007).



Fazer Céus em Alfama

Ao longo da preparação do evento foram realizados vários workshops sobre desenho urbano de luz. Pretendia-se desenvolver acções de desenho urbano exemplares, permitindo a renovação simbólica e ambiental da cidade, integrando preocupações de

qualidade vivencial. Para além do caso dos Arcos de Alfama (com Laurent Fachard), desenvolveu-se um projecto para uma área ribeirinha na margem esquerda do rio Tejo (com Yann Kersalé). Num cais onde predominam edifícios abandonados que no passado eram armazéns ligados ao comércio marítimo, existe um percurso cuja qualidade ambiental e paisagística lhe confere um carácter único, capaz de potenciar o desenvolvimento de novas actividades. Como estamos perante um espaço com boa acessibilidade, por barco, ao centro de Lisboa e onde a função residencial é quase inexistente, existem condições óptimas para o desenvolvimento de funções ligadas ao lazer e à cultura pois o risco de conflito de interesses é quase nulo. A intervenção de luz foi desenhada de modo a consolidar o carácter único do espaço, a criar uma ambiência confortável e acolhedora, apelando à deambulação ao longo do rio, e a estimular a curiosidade de quem da margem direita do Tejo olhe para o Ginjal (a margem esquerda). Aos residentes nas áreas envolventes pretende-se oferecer mais um motivo para se orgulharem do espaço onde vivem.

O último objectivo da Luzboa era a criação de uma Bienal da Luz que colocasse Lisboa nas grandes rotas culturais, a par com Lyon, Paris, Genebra ou Turim. Ao assegurar a ritualização de uma bienal internacional pretendia-se integrar a capital nas rotas internacionais do turismo cultural e contribuir para uma imagem positiva e integradora de Lisboa e Portugal.

Stromboli³⁰: o triunfo da luz natural

Quem visita Stromboli, nas Ilhas Eólicas em Itália, vai para observar a actividade do seu vulcão. Com um regime explosivo só de noite se pode ver o espectáculo em todo o seu esplendor.

A actividade turística na ilha promove muito pouco o alojamento hoteleiro porque durante o dia os turistas passeiam pela vila, dormem na praia e ao fim da tarde sobem a encosta, aproximando-se o mais possível da cratera onde o vulcão está activo. A noite é passada ao ar livre, no mais completo silêncio, a ver as explosões e as bombas vulcânicas a rolares na Seara de Fogo e a ouvir o som destas a apagarem-se à medida que mergulham no mar. Quanto maior a escuridão mais visível, mais audível e mais sentido é o espectáculo do Stromboli.

A ausência de luz, faz com que a “tirania” da visão seja atenuada e todos os outros sentidos, ouvido, olfacto, tacto, fiquem mais despertos. Tal só é possível porque em Stromboli não há qualquer poluição luminosa ou sonora. Nas veredas, porque não há ruas

³⁰ Alves (2008).

ou estradas, não há iluminação pública, nem barulho de carros a circular, porque em Stromboli não há automóveis.



Stromboli

Numa noite de Lua Nova, apenas podemos ver as estrelinhas do céu e as pequenas pilhas dos turistas que iluminam os caminhos até ao lugar donde se pode observar o vulcão. Só nestas condições de ausência total de luz artificial se acede a um belíssimo espectáculo para todos os sentidos. A decisão das autoridades em não instalar qualquer iluminação pública foi compreendida por todos, não teve qualquer reflexo negativo em termos de segurança e contribuiu para a valorização do principal recurso da ilha o espectáculo das explosões do Stromboli.

Bibliografia recomendada para leitura

Matarasso F (2000) *To save the city: the function of art in contemporary Europe society*. (paper for the 3rd Delphi Encounters)

Pelz B (2007) "Festivais de Luz" in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp.168-175.

Referências bibliográficas

- Alves T (2004) “Ruhrgebiet“ in *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extramuros.
- Alves T (2007b) “Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development” *European Planning Studies*, Volume 15 (9), pp. 1247-1260.
- Alves T (2008) “Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território.” *Turismo, inovação e desenvolvimento: Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território*. Lisboa: CEG, pp. 175-186.
- Alves T (2009) *Conhecer, Compreender e Repensar os Territórios à Noite*. Lisboa: CEG (no prelo).
- Caeiro M (2007) “À Luz” in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp.10-31.
- Clark T N (2008) “«A nova escola de Chicago»: convite a um debate” in M V Cabral et all *Cidade e Cidadania*. Lisboa: ICS, pp. 31-78.
- Dugar A M (2007) “Jaume Plensa. Cronw Fountain Chicago.” in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp 196-198.
- Gandelsonas M (2003) « Logique des signes-la nuit américaine » in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain, Paris: Éditions de la Villette.
- Giedon S (1969) *Space, Time and Architecture*. New York: Peguins.
- Gravelaine F (2003) “Éclairer l’urbain et le suburbain” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Marcuse P (2007) “Reflections on Berlim” in *Designing Cities*. London: Blackwell.
- Masbounji A (2003) “La lumière et ses ombres” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Salgueiro T B (org.) (2002) *Lisboa e os desafios da nova economia*. Lisboa : CEG.
- Schoen A Luthe U (2008) “Berlim: a reconstrução crítica.” in *Berlim*. Porto: Circo de Ideias, pp. 98-111

Sítios na Internet

http://www.lyon.fr/vdl/sections/fr/urbanisme/plan_lumiere_1/le_plan_lumiere__hi Le Plan Lumière, une histoire de ville

<http://www.metoperafamily.org/metopera/news/photos/gallery.aspx?id=4998>

3. A NOITE COMO UM ESPAÇO-TEMPO DE CRIATIVIDADE

“The most significant argument of *The Art of City-Making* is that cities should not seek to be the most creative city **in the world** or region or state. They should strive to be the best and most imaginative cities **for the world**. This one change of word – from ‘in’ to ‘for’ – has dramatic implications for a city’s operating dynamics. It gives city-making an *ethical* foundation. It helps the aim of cities becoming *places of solidarity* where the relations between the individual, the group, outsiders to the city and the planet are in better alignment. These can be cities of passion and compassion.”

Charles Landry (2006) *The Art of City Making*. London: Earthscan

Jane Jacobs em *The Death and the Life of Great American Cities* (1961), *The Economy of the Cities* (1970) e *Cities and the Wealth of Nations* (1984) alertou para os erros que se estavam a incorrer no desenvolvimento das cidades da América e que depois se repetiriam na maior parte das grandes cidades do mundo. A crise do desenvolvimento urbano que transformou muitas cidades em locais pouco dignos para a vida humana decorreu em grande parte das más opções no governo das cidades, nomeadamente o favorecimento da dispersão baseada nos meios de transportes individuais que esvaziou os espaços públicos urbanos e matou os centros das cidades mas, acima de tudo, pelo crescimento da segregação sócio-espacial, desprezando a diversidade geradora de capital humano. Um dos primeiros factores, nos EUA, a levar à fuga para as periferias urbanas foi a obrigatoriedade pela primeira vez, nos anos 60, das escolas misturarem os alunos das diferentes etnias³¹. Os grupos da população com maior poder de compra, os brancos, recusaram que os seus filhos se misturassem com os negros na mesma sala de aula e procuraram bairros que pelos seus preços se tornavam exclusivos e segregavam a maior parte da população. Nos espaços públicos, cada vez mais vazios, os conflitos foram aumentando. As características do espaço-tempo noite contribuíram para que as tensões ganhassem ainda mais visibilidade mediática. A crise do desenvolvimento urbano resultou, em grande parte, do facto dos decisores políticos não se terem apercebido que o mundo estava a mudar, influenciando as cidades e, conseqüentemente, o modo como elas deveriam ser geridas. As cidades não podiam continuar a ser governadas colocando de lado a larga maioria dos

³¹ Conforme J. Derrida numa conferência na FCG em por ocasião do OCDE Workshop on the Social Sciences *Re-inventing the Social Sciences – Prospects and Assessment*, Lisboa, Novembro 2001.

cidadãos, ignorando não só o potencial de criatividade que a diversidade pode gerar mas, também, uma parte cada mais significativa da vida nos territórios - a noite.

Em 2000, Charles Landry lançou a obra *The Creative City – A Toolkit For Urban Inovators* onde defendeu que a capacidade imaginativa deveria ser reconhecida como uma ferramenta no planeamento urbano. Para Landry ao gerar-se um ambiente propício, as cidades podem tornar-se lugares mais habitáveis, mas para tal seria necessário dar às pessoas espaços para pensar, reflectir e agir criativamente. O desafio seria estimular o conhecimento, o talento e a imaginação. A criatividade, por si só, não resolve os problemas urbanos, mas pode dar aos cidadãos e aos órgãos de poder abordagens e ideias diversificadas, a partir das quais podem surgir soluções inovadoras.

Os valores fundamentais e os ritmos do dia-a-dia estão em mudança e o planeamento territorial tem de ter isso em conta ou fica refém do passado, tornando-se incapaz de encontrar soluções para os problemas. Na sociedade contemporânea o bem-estar das pessoas depende, cada vez mais, da capacidade de transformar informação em conhecimento e valor acrescentado. A qualidade de vida das pessoas depende de serviços que vão da saúde ao lazer, da educação às artes mas, também, da atmosfera urbana, o que implica para Landry a segurança e a previsibilidade e, igualmente, a capacidade de fazer face à surpresa e ao imprevisto. As novas necessidades sociais valorizam a fluidez, a flexibilidade e a capacidade de adaptação. O mais importante é que os cidadãos experienciem a cidade como um local gerador de bem-estar sustentável (Landry 2000). A ideia de sustentabilidade há muito que deixou de limitar-se a questões biofísicas e estendeu-se aos domínios económicos, sociais e culturais. Construir novas infra-estruturas e equipamentos, requalificar espaços degradados, refuncionalizar antigos edifícios e criar espaços como a Tate Modern em Londres, a KulturBrauerei em Berlim ou a Factory 798 em Pequim, é o mais simples. O mais difícil é transformar as mentalidades, tornando-as mais abertas à mudança e à inovação, é fazer entender aos poderes políticos que todos vamos ganhar à medida que a participação for sendo cada vez mais alargada (Landry 2000).

Richard Florida publicou em 2002 *The Rise Of the Creative Class* onde defende que o crescimento da economia regional é gerado por pessoas criativas que preferem habitar em lugares que se caracterizam pela diversidade, pela tolerância e onde existe abertura para as novas ideias. A diversidade aumenta a possibilidade de um lugar atrair pessoas de diferentes tipos, com formações muito variadas e com muitas ideias novas. Os lugares onde se concentram pessoas criativas com perfis muito diversos têm à partida maior probabilidade de gerar ambientes propiciadores de maiores fluxos de conhecimento. Para Florida a diversidade e a concentração de capital criativo seriam decisivos para o surgimento de altas taxas de inovação, desenvolvimento dos sectores mais avançados ligados à alta tecnologia, criação de emprego qualificado e crescimento económico. Para Florida a fórmula do modelo de crescimento da economia regional baseia-se em três T: tecnologia, talento e tolerância. A tecnologia relaciona-se directamente com o investimento nos sectores mais inovadores criadores de maior valor acrescentado. O

talento depende dos níveis de instrução. A tolerância reflecte o elevado nível de aceitação das diferenças étnicas e de estilos de vida, o que para Florida é função da diversidade, da idade e do nível de instrução. Correlacionando estes factores com o crescimento económico Florida encontrou uma relação directa o que o levou a sugerir que as comunidades com estas características são, em geral, as mais bem sucedidas em termos económicos.

Em *Who's your City? How the Creative Economy is Making Where to Live the Most Important Decision of Your Life* (New York: Basic Books 2008) Florida defende que a escolha do lugar para viver continua a ser uma das decisões mais importantes da nossa vida. As pessoas que conhecemos, os empregos e as carreiras a que temos acesso, as redes em que participamos continuam, segundo Florida, a ser função do local que escolhemos para viver. A globalização pode-nos ter aberto o mundo, pois através das tecnologias de comunicação podemos ter acesso a tudo e a todos em qualquer momento, mas contribuiu também para tornar os lugares, cada vez mais, factores-chave da nossa vida. Numa conferência de Richard Florida, na FCG, em 2008, João Ferrão (Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades) sugeriu que se acrescentasse à fórmula dos T's um quarto T: Território.

O debate sobre o papel dos territórios na economia faz-se em torno de questões como o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e da aprendizagem, dos modos de gestão do espaço e dos investimentos em grandes operações de embelezamento muito ligadas aos domínios da arquitectura e da arte em espaços públicos urbanos. A questão de fundo é como inovar, criando novos sentidos para os territórios, renovando não só a posição destes na economia mundial ou regional, como as formas urbanas que dão sentido aos novos contextos de desenvolvimento, mais flexíveis, mais rápidos, menos sincronizados, menos previsíveis. No centro do debate estão questões relacionadas com a cultura e as actividades criativas que não só criam uma imagem de inovação dos territórios, como são fundamentais para atrair novos investimentos e pessoas altamente qualificadas para o desenvolvimento das actividades económicas e sociais (Hall 2000; Landry 2000). A noite é por excelência o espaço-tempo desta renovação. A maior parte das actividades relacionadas com a cultura e a criatividade tem grande visibilidade à noite, algumas parecem mesmo só ter existência à noite. Nos modos de gestão do espaço urbano, a noite tem sido o palco das acções mais inovadoras, como a criação de condições para que determinados espaços tenham vida, através de acções de animação ou para que a mobilidade se processe sem interrupção. Nas grandes operações de embelezamento, o investimento em arte em espaços públicos e, particularmente, a ligação entre arquitectura, urbanismo e arte da luz transformaram o modo como se vive a noite na maior parte das grandes cidades e criaram novas paisagens.

Um dos valores simbólicos associados à noite é precisamente ser o tempo do sonho e da criatividade, da possibilidade de reinventar o dia. A utilização das imagens e das actividades da noite no *marketing* das cidades traduz o reconhecimento, pelos políticos, do

valor deste espaço-tempo. O facto de haver cada vez mais pessoas a viverem os territórios à noite reflecte as mudanças nos valores, nos modos de vida e nas aspirações daqueles que, no mesmo território, encontram diferentes maneiras de se expressarem. Cada vez mais a noite é o que torna um lugar único. A noite é o espaço-tempo a partir do qual o desenvolvimento pode germinar.

Bibliografia recomendada para leitura

Hall P(2000) "Creative cities and economic development." *Urban Studies*, 37, 639-649.

Landry C (2006) *The Art of City Making*. London: Earthscan, pp. 9-20.

Referências bibliográficas

Florida R (2002) *The Rise Of the Creative Class*. Cambridge: Basic Books.

Florida R (2008) *Who's your City? How the Creative Economy is Making Where to Live the Most Important Decision of Your Life*. New York: Basic Books.

Jacobs J (1961) *The death in the live of great american cities*. New York: Random House.

Jacobs J (1972) *The Economy of the Cities*. New York: Penguin Books

Jacobs J (1984) *Cities and the Wealth of Nations*. New York: Random House.

Landry C (2000) *The Creative City – A Toolkit For Urban Inovators*. London: Earthscan.

Landry C (2006) *The Art of City Making*. London: Earthscan.

Bibliografia geral e bibliografia recomendada para leitura

- Alves T (2004) "Geo grafias da luz" in *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extramuros.
- Alves T (2007a) "A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas social." *Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia*. Lisboa: CEG, pp. 489-500.
- Alves T (2007a) "Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development" *European Planning Studies*, Volume 15, Issue 9, pp. 1247-1260.
- Alves T (2008) "Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território." *Turismo, inovação e desenvolvimento: Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território*. Lisboa: CEG.
- Alves T (2009) *Conhecer, Compreender e Repensar os Territórios à Noite*. Lisboa: CEG (em preparação).
- Ascher F (1997) "Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, p. 113-122.
- Bonfiglioli S (1997) "Les politiques des temps urbains en Italie" in *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, pp. 22-29.
- Boulin J-Y (2000) "Nouveaux rapports temps, espace et société" *DATAR G.6. «T&T». Atelier de Belfort – 26-27 Octobre 2000*, p. 16-18.
- Boulin J-Y (2002) *La ville à mille temps*. Paris: Editions de l'Aube.
- CERTU (1998) *Le paysage lumière, pour une politique qualitative de l'éclairage urbain*. Lyon: CERTU.
- Espinasse C (2005) "L'art à travers la nuit, la nuit à travers l'art" in Espinasse C Gwiazdzinski L Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.94-100.
- Espinasse C Buhagiar P (2004) *Les passagers de la nuit. Vie nocturne des jeunes*. Paris: Editions L'Harmattan. p. 40-52.
- Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L (org.) (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube.
- Ghorra-Gobin C (2000) *Les Espaces de la Mediation: Reinventer les Espaces Publiques Come Symbole de la Mediation*. Unesco.
- Godard F (1997) "A propos des nouvelles temporalités urbaines" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, p. 7-14.
- Gonçalves J (2004) *Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*. Tese de Doutoramento Apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- Gwiazdzinski L (2005) *La nuit, dernière frontière de la ville*. Paris: Editions de l'Aube.
- Gwiazdzinski L (2007) *Nuits d'Europe, pour des villes accessibles et hospitalières*. Belfort: Chantiers.

- Hall P (2000) "Creative cities and economic development." *Urban Studies*, 37, 639-649.
- Harrigton P (2006) *Design of an energy-efficient outdoor nighttime urban lighting system*. Master of Science in Environmental Technology, New York Institute of Technology, Old Westbury, NY.
- Herve E (2001) *Le temps des villes*. (<http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>)
- Heurgon E (2005) "Préserver la nuit, pour réinventer le jour" in Espinasse C Gwiazdzinski L Heurgon L (coord.) (2005), *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p. 50-60.
- Landry C (2006) *The Art of City Making*. London: Earthscan.
- Lopes J T (1998) *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto (BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - teixeira-joao-lobes-cidade-cultura.html).
- Marconis R (2005) "Nouveaux rythmes urbains: La ville à 1000 temps?" http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=632
- Masboungi A (ed) (2003) *Penser la ville par la lumière*. Paris: Éd.Villette.
- Matarasso F (2000) *To Save The City: The Function of Art in Contemporary Europe Society*. (Paper For The 3rd Delphi Encounters).
- Miles M; Hall T (ed.) (2003) *Urban Futures. Critical commentaries on the shaping the city*. London: Routledge.
- Narboni R (2003a), "Brève histoire de l'urbanisme lumière" in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris : Éditions de la Villette, pp. 17-23.
- Narboni R (2003b) *La lumière et la paysage*. Paris: Le Moniteur.
- Paquot T (2000) "Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87*, p. 8-15.
- Pelz B (2007) "Festivals de Luz" in Caeiro M Alves T Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp.168-175.
- Piçon M Piçon-Charlot M (2000) "Les nuits de Paris" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87*, p. 15-24.
- Talobot D (2007) *Regulating the Night. Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-time Economy*. London: Ashgate.

Revistas

AA VV (2000) *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 87. (Nuits et lumières)

http://www.annalesdelarechercheurbaine.fr/sous-rubrique.php3?id_rubrique=40

AA VV (1997) *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77. (Emplois du temps)

http://www.annalesdelarechercheurbaine.fr/sous-rubrique.php3?id_rubrique=49

Sítios na Internet

Ciências e astronomia

<http://anutime.com/fr> (Horas locais no mundo)

<http://nabla1.chez.tiscali.fr/>

<http://www.astrosurf.com/anpcn/association/>

<http://www.astrosurf.com/anpcn/association/> (Association Nationale pour la protection du ciel nocturne, França)

<http://www.darksky.org/mc/page.do>

<http://www.fourmilab.ch/cgi-bin/uncgi/Earth/action?opt=-n>

<http://www.iac.es/proyect/otpc/pag1.htm> (Canárias)

<http://www.leguideduciel.net/ressources/lcm.htm>

<http://www.starlight2007.net/lightpollution.htm>

<http://www.oal.ul.pt> – Observatório Astronómico de Lisboa, Universidade de Lisboa.

Serviços

<http://boanoitelisboa.blogspot.com/> (Agenda da música ao vivo em Lisboa)

<http://guiadanoite.net/> (Portugal)

<http://lisboa.noite.mobi/> (guia da noite em Lisboa)

<http://nanteslanuit.free.fr/> (Nantes)

<http://sortira.carca.free.fr/ouvert%20la%20nuit.htm> (guia dos serviços abertos à noite em Carcassone, França)

<http://vision.nocturne.free.fr/> (Estrasburgo)

<http://www.chez.com/toons/Vampire/>
<http://www.interditsdenuit.com/> (Interdits de Nuit : réalisation d'événements, location son et lumières, França)
<http://www.noctis.com/> (Paris)
<http://www.nocturnia.fr>
<http://www.noite.pt/> (guia da noite em Portugal)
<http://www.noite.pt/player.asp> (radio, Portugal)
<http://www.nuitsdemontreal.com/> (Montreal)
<http://www.ouvertlanuit.com/> (guia dos serviços abertos à noite em França)
<http://www.parisrandovelo.com>
<http://www.strassbuch.com> (Estrasburgo)
<http://www.synteane.net/html/nuit.php> (guia dos serviços abertos à noite em Poitou Charentes, França)
<http://www.tableaunoir.com/> (Montreal)
<http://www.timeout.pt/section.asp?id=5> (secção noite, Lisboa)
<http://www.toutelanuit.com/> (Toulouse)
<http://www.tunisiebynight.com/>
<http://www.urbanpass.com/> (Paris)
<http://www.maisondutemps.asso.fr>
<http://www.nuitsurbaines.net>
<http://www.ias.org.uk/resources/nighttime/index.html> (Guide to Resources on the Night-time Economy; RU).

Artes plásticas

<http://www.jamesturrel.com>
<http://www.keiichi-tahara.com/>
<http://www.laurentfachard.com>
<http://www.lynnbecker.com/repeat/Gehry/plensa.htm>
http://www.lyon.fr/vdl/sections/fr/urbanisme/plan_lumiere_1/le_plan_lumiere__hi
Le Plan Lumière, une histoire de ville
<http://www.moma.org/exhibitions/2008/vangoghnight/>
<http://www.nga.gov/exhibitions/2004/flavin/light/light.shtm>
<http://www.pbs.org/art21/artists/turrell/clip1.html>
<http://www.ronhaselden.com/>
<http://www.yannkersalé.com>

Festivais de luz

<http://www.beneflux.com> (Bruxelas, Bélgica)

<http://www.comune.torino.it/artecultura/luciarartista> (Turim, Itália)

<http://www.festivalarbresetlumieres.ch> (Festival Arbres et Lumières, Geneva, Suíça)

<http://www.lesyeuxdelanuit.ch> (Geneva, Suíça)

<http://www.lichtstad.eindhoven.nl> (Eindhoven, Holanda)

<http://www.lumieres.lyon.fr/lumieres/sections/fr>

<http://www.luzboa.com>

http://www.lyon.fr/vdl/sections/fr/culture/fete_lumieres

<http://www.montrealenlumiere.com> (Montreal, Canadá)

<http://www.nuitblanche.paris.fr/> (Paris)

<http://www.nuitblanche2008.be> (Bruxelas)

<http://www.nuits-de-fourviere.org/> (Lyon)

http://www.paris.fr/portail/Culture/Portal.lut?page_id=8983 (Nuit Blanche Paris)

<http://www.radianceglasgow.com> (Radiance: The Glasgow Festival of Light, Escócia)

<http://www.torinoartecontemporanea.it/luci-artista/>

<http://www.valgusfestival.ee> (Talinn, Festival of Light)

<http://www.valonvoimat.org> (Helsinki, Finlândia)

<http://www.xavier-de-richemont.com> (Chartres, França)

Museus relacionados com Luz

Museum für Licht und Beleuchtung, Arnsberg, Alemanha
www.licht-museum.de

Centrum kunstlicht in de kunst, Eindhoven Holanda
www.kunstlichtkunst.nl

Museum of Neon Art, Los Angeles, EUA
www.neonmona.org

Museo de la Luz Mexiko, Mexico City, México
www.luz.unam.mx

Centre for International Light Art Unna, Alemanha
www.lichtkunst-unna.de

Energia

<http://www.ageneal.pt/> (Agência de Energia de Almada)

<http://www.areac.pt/> (Agência de Energia Região Centro)

<http://www.areal-energia.pt/> (Agência de Energia da Região Algarve)

<http://www.cascaisenergia.org/Default.aspx> (Agência de Energia de Cascais)

<http://www.elektrobras.com>

<http://www.lisboaenergia.org/> (Agência de Energia de Lisboa)

Bibliografias específicas³²

Noite e consumo de drogas

- Calafat A (org.) (1999) *Night Life in Europe and Recreative Drug Use*, IREFREA & European Comission
(<http://www.irefrea.org/archivos/sa/sonar98.pdf>)
- Calafat A A et al. (2003) *Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation*. Palma de Maiorca: IREFREA España.
(<http://www.irefrea.org/archivos/sa/enjoying.pdf>)
- Calafat A et al. (2004) *Cultural mediators in a hegemonic Nightlife*. Palma de Maiorca: IREFREA España.
(<http://www.irefrea.org/archivos/sa/culturalmediators.pdf>)
- Calafat A et al. (2004) *La diversión sin drogas: Utopía y realidad*. Palma de Maiorca: IREFREA España.
<http://www.irefrea.org/archivos/sa/noconsumidorespanol.pdf>
- Henriques S (2002) “Risco cultivado no consumo de novas drogas” *Sociologia, Problemas e Práticas* n.º 40, pp. 63-85.

Violência, alcoolismo e economia da noite

- Brookman F Maguire M (2003) *Reducing homicide: a review of the possibilities*. Home Office Online Report 01/03. London: Home Office.
- Deehan A, Marshall E, Saville E (2002) “Drunks and disorder: processing intoxicated arrestees in two city centre custody suite.” *Police Research Series Paper* 150. London: Home Office.
- Hobbs D, Hall S (2000) *Bouncers: The art and economics of intimidation*, Final Report to the Economic and Social Research Council. Home Office *Liquor Licensing Statistics for England and Wales*, 27/98.

³² A título de exemplo apresentamos alguma bibliografia específica sobre dois temas “Noite e consumo de drogas” e “Violência, alcoolismo e economia da noite”. São dois temas que não foram aprofundados no programa, porque não é possível numa UC de opção de 1º ciclo tratar todos os temas. Os temas são, contudo, muito pertinentes e admitimos que nos trabalhos práticos algum grupo os possa querer abordar.

- Lister S, Hobbs D, Hall S, Winlow S (2000) "Violence in the night-time economy; Bouncers: the reporting, recording and prosecution of assaults." *Policing and Society*, 10 (4): 383–402.
- Lovatt A (1999) *The City and the Night-time Economy: Strategies of Regulation and Regeneration*, Manchester Metropolitan University: Institute for Popular Culture.
- Mels T (2004) *Reanimating Places: A Geography of Rhythms*. London: Ashgate.
- Stenson K, Watt P (1998) "The street: "It's a bit dodgy around there", safety, danger, ethnicity and young people's use of public space." in Skelton, T. and Valentine, G. (eds) *Cool places: geographies of youth cultures*, London: Routledge.
- Tierney J, Hobbs D (2003) *Alcohol-related Crime and Disorder Data: Guidance for Local Partnership* Home Office Online Research Report. London: Home Office.

Referências bibliográficas

- Aghina B ; Gwiazdzinski L (2002) « Les territoires de l'ombre » *Territoires 2020, Penser la ville, penser la nuit*, Revue d'études et de prospective, n°5/1, DATAR, pp.21-27.
- Alves T (2004a) "Geo Grafias da Luz" in *Luzboa, a arte da Luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[, pp. 67-71.
- Alves T (2004b) "Ruhrgebiet" in *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extramuros.
- Alves T (2005 a) "Os espaços públicos e a arte da luz na construção da sustentabilidade das cidades" in *Património Natural e Desenvolvimento de Espaços Marginais*. Guarda: CEI.
- Alves T (2005b) *Geografia dos Serviços: reestruturação produtiva e inovação social. Lisboa: CEG*.
- Alves T (2007a) "A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas social." *Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia*. Lisboa: CEG, pp. 489-500.
- Alves T (2007b) "Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development" *European Planning Studies*, Volume 15 (9), pp. 1247-1260.
- Alves T (2007c) "Noite: uma geografia de emoções" in *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*. Monte da Caparica: VIA-Verlag /Extramuros. pp. 32-36.
- Alves T (2007d) "Congresso da Noite" in *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*. Alameda: VIA-Verlag /Extramuros, pp. 261-266.
- Alves T (2008) "Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território." *Turismo, inovação e desenvolvimento: Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território*. Lisboa: CEG, pp. 175-186.
- Alves T (2009) *Conhecer, Compreender e Repensar os Territórios à Noite*. Lisboa: CEG (no prelo).
- Alves T; Costa E; Pires I (1998) "O quotidiano nas cidades médias - os casos de Aveiro e Viseu" *1º Congresso da Sociologia Económica Portuguesa*
- Alves T; Ferreira C C (2009) "O lado lunar da animação turística: uma estratégia de planeamento e desenvolvimento turístico e territorial" in Peres A N; Lopes M S *Animação Turística*. Chaves: APAP, pp. 96-106.
- André I (1993) *O falso neutro em Geografia*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- APAV (2003) *Projecto Cíbele: estudo sobre prevenção de crime e vitimação urbana*. Lisboa: APAV.
- Ascher F (1995) *Métapolis ou l'avenir des villes*, Paris: Odile Jacob.

- Ascher F (1997) "Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme" *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, p. 113-122.
- BCSD Portugal (2005) *Manual de boas práticas de eficiência energética*. Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável.
- Benhaiem M (2005) "Quelles nuits pour la musique" in Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.139-142.
- Body-Gendrot S (2005) « Les nuits américaines » in Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube, pp. 218-228.
- Bonfiglioli S (1997) "Les politiques des temps urbains en Italie" in *Les Annales de La Recherche Urbaine* n° 77, pp. 22-29
- Bonfiglioli S (2005) "L'urbanisme de la nuit" in Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Boulin J Y ; Dommergues P ; Godard F (2001) "Quels espaces-temps de la vie quotidienne à l'horizon 2020 ?" N° 3, *TERRITOIRE 2020*, p. 45-55
- Boulin J-Y (2000) "Nouveaux rapports temps, espace et société" *DATAR G.6. «T&T»*. Atelier de Belfort – 26-27 Octobre 200, p. 16-18.
- Boulin J-Y (2002) *La ville à mille temps*. Paris:Editions de l'Aube.
- Brassai (1932) *Paris de Nuit*. Paris: Arts et Métiers Graphiques.
- Bureau L (1997) *Géographie de la nuit*. Montréal: l'Hexagone.
- Bureau L (1997), *Géographie de la nuit*. Montréal: l'Hexagone.
- Cabral J (2002) "Para uma política de cidades: os imperativos, as novas políticas urbanas, as questões críticas» *Sociedade e Território*. nº. 33: 24-35.
- Caeiro M (2007) "À Luz" in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp.10-31.
- Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[.
- Caeiro M; Alves T; Fernandes S R (ed) (2001) *Lisboa Capital do Nada*. Almada: Extra]muros[.
- Caeiro M; Potiers M; Alves T; Fernandes S R (ed) (2004) *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[, Almada.
- Cauquelin A (1977) *La ville la nuit*. Paris: PUF.
- Cera N Lopes D (2003) *Cimêncio*. Lisboa: Edições Fenda.
- CERTU (1998) *Le paysage lumière, pour une politique qualitative de l'éclairage urbain*. Lyon: CERTU.
- CERTU (2001) *Les temps de la ville et les modes de vie. Quelles perspectives d'actions?* Paris: CERTU.
- Christopher N (1997) *Somewhere in the night, Film Noir and the American City*, New-York: Henry Holt and Compagny.

- Clark T N (2008) “«A nova escola de Chicago»: convite a um debate” in M V Cabral *et all Cidade e Cidadania*. Lisboa: ICS, pp. 31-78.
- DATAR (2001) *Temps et Territoires*. Groupe de prospective n° 6, Paris:DATAR
- DATAR (2002) *Territoires 2020*. Nº 6/2, Paris: DATAR.
- Dugar A M (2007) “Jaume Plensa. Cronw Fountain Chicago.” in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp 196-198.
- Dupuy G (1995) *Les territoires de l'automobile*. Paris: Anthropos.
- EC (2003) *Time use at different stages of life Results from 13 European countries*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities
- Electrobrás (2003) *Programa Nacional de Iluminação Pública – ReLuz*. Rio de Janeiro.
- Espinasse C (2005) “L’art à travers la nuit, la nuit à travers l’art” in Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube, p.94-100.
- Espinasse C (2005) « La création lors des nuits ordinaires et pour les nuits extraordinaires » in Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube.
- Espinasse C ; Gwiazdzinski L ; Heurgon L (2005) *La nuit en question(s)*. Paris: Editions de l'Aube.
- Espinasse C; Buhagiar P (2004) *Les passagers de la nuit. Vie nocturne des jeunes*. Paris: Editions L'Harmattan.
- Esteves A (1999) *A criminalidade na cidade de Lisboa: uma geografia da insegurança*. Lisboa: Edições Colibri.
- Fachard L (2003) “Scénographie au service de la ville” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette, pp. 54-62.
- Florida R (2002) *The Rise Of the Creative Class*. Cambridge: Basic Books.
- Florida R (2008) *Who’s your City? How the Creative Economy is Making Where to Live the Most Important Decision of Your Life*. New York: Basic Books.
- Gama A (2007) “Uma revisitação à Time-Space Geography” *Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia*. Lisboa: CEG, p. 99-112.
- Gandelsonas M (2003) « Logique des signes-la nuit américaine » in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain, Paris: Éditions de la Villette.
- Ghorra-Gobin C (2000) *Les Espaces de la Mediation: Reinventer les Espaces Publiques Come Symbole de la Mediation*. Unesco.
- Giedon S (1969) *Space, Time and Architecture*. New York: Peguins.
- Godard F (1997) “A propos des nouvelles temporalités urbaines” *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77, p. 7-14*.

- Goldberg I (2005) "La nuit un défi pour la peinture" in Espinasse et all, *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube, p.114-119.
- Gonçalves J (2004) *Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*. Tese de Doutoramento Apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- Gravelaine F (2003) "Éclairer l'urbain et le suburbain" in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Greater London Authority (2005) *London's night time economy*. London: City Hall (www.london.gov.uk)
- Guide to Resources on the Night-time Economy in RU* (<http://www.ias.org.uk/resources/nighttime/index.html>).
- Guillemard A-M (2003) « Temps du vieillissement: Vers un nouveau projet de vie ? » *Carnets du Temps*, n°.7, Belfort: Maison du Temps et de la Mobilité.
- Guyau J-M (1998) *La genèse de l'idée de temps*. Editions L'Harmattan, Paris.
- Gwiazdzinski L (1998) «La ville la nuit : un milieu à conquérir» in Reymond H Cauvin *C L'espace géographique des villes*, Paris: Anthropos, p.347-369.
- Gwiazdzinski L (2000) « La nuit, dernière frontière » in *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n°. 87, p. 81-88.
- Gwiazdzinski L (2003) *La ville 24 heures sur 24 heures*. Paris: Editions de l'Aube.
- Gwiazdzinski L (2005) *La nuit, dernière frontière de la ville*. Paris: Editions de l'Aube.
- Gwiazdzinski L (2007) *Nuits d'Europe, pour des villes accessibles et hospitalières*. Belfort: Chantiers.
- Hall P (2000) "Creative cities and economic development." *Urban Studies*, 37, 639-649.
- Harrington P (2006) *Design of an energy-efficient outdoor nighttime urban lighting system*. Master of Science in Environmental Techonoly, New York Intitute of Technology, Old Westbury, NY.
- Helms G (2008) *Towards safe city centres? Remaking the spaces of an Old-Industrial City*. Hampshire: Ashgate.
- Herpin N; Verger D (2008) *Consommation et modes de vie en France*. Paris : La Découverte.
- Herve E (2001) *Le temps des villes*. (<http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>)
- Heurgon E (2005) "Préserver la nuit, pour réinventer le jour" in Espinasse et all, *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Highmore B (2005) *Cityscapes. Cultural readings in the material and symbolic city*. London: Palgrave.
- Hobs D (2003) *The night-time economie*. Alcohol Concern Research Forum Papers. (<http://www.ias.org.uk/resources/nighttime/index.html>) (RU).
- Jacobs J (1961) *The death in the live of great american cities*. New York: Random House.

- Jacobs J (1972) *The Economy of the Cities*. New York: Penguin Books
- Jacobs J (1984) *Cities and the Wealth of Nations*. New York: Random House.
- Kersalé Y (2003), « Art-ménagement du territoire » in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain, Paris: Éditions de la Villette, pp. 64-69.
- Koselleck R (1990) *Le futur passe. Contribution à la sémantique des temps historiques*, Paris: EHESS.
- Landry C (2000) *The Creative City – A Toolkit For Urban Inovators*. London: Earthscan.
- Landry C (2006) *The Art of City Making*. London: Earthscan.
- Levine R (1997) *A Geography of Time: on Tempo, Culture, and the Pace of Life*. New York: Basic Books.
- Lévy R (2005) “Penser la nuit” in Espinasse C; Gwiazdzinski L; Heurgon L (coord.) *La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Lippincott K (2000) *L’histoire du temps*, Paris: Larousse.
- Lopes J T (1998) *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Porto (BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - teixeira-joao-lobes-cidade-cultura.html).
- Lopes M G C; Coelho E (2002) *Diferenças e Semelhanças entre o Uso do Tempo das Crianças e dos Adultos em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Lopes S (2002) *Eficiência energética em sistemas de iluminação pública*. Tese de mestrado em Energia do Instituto de Electrónica e Energia da Universidade de S. Paulo.
- Major M (2003) “N’avoir peur ni du noir ni de la lumière” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Marconis R (2005) “Nouveaux rythmes urbains: La ville à 1000 temps?” http://www.cafe-geo.net/article.php?id_article=632
- Marcuse P (2007) “Reflections on Berlin” in *Designing Cities*. London: Blackwell.
- Masboungi A (2003) “La lumière et ses ombres” in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette.
- Masboungi A (ed) (2003) *Penser la ville par la lumière*. Paris: Éd.Villette.
- Matarasso F (2000) *To Save The City: The Function of Art in Contemporary Europe Society*. (Paper For The 3rd Delphi Encounters).
- Miles M; Hall T (ed.) (2003) *Urban Futures. Critical commentaries on the shaping the city*. London: Routledge.
- Miles S (2003) “Resistance or Security? Young people and the appropriation of urban, cultural and consumer space” in Miles, Malcom ; Hall, Tim (ed.)

- (2003), *Urban Futures. Critical commentaries on the shaping the city*, London: Routledge.
- Narboni R (2003a) «Breve histoire de le urbanisme lumière » in *Penser la ville par la lumière*. Project Urbain, Paris: Éditions de la Villette, pp. 17-23.
- Narboni R (2003b) *La lumière et la paysage*. Paris: Le Moniteur.
- O'Connor J (1997) "Donner de l'espace public à la nuit. Les cas des centres urbains en Grande-Bretanha" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 77*, pp. 40-46.
- Pain R; Smiths S (ed) (2008) *Fear: Critical Geopolitics and Everyday Life*. London: Ashgate.
- Paquot T (2000) "Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87*, p. 8-15.
- Peillod C (2004) "A Festa das Luzes em Lyon" in Caeiro M; Potiers M; Alves T; Fernandes S R (ed) (2004) *Luzboa, a arte da luz em Lisboa*. Almada: Extra]muros[, Almada.
- Pelz B (2007) "Festivais de Luz" in Caeiro M; Alves T; Faro M M (ed) (2007) *Luzboa - Lisboa reinventada pela luz*, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[, pp.168-175.
- Philips P (2003) "Public art: a renewable resource" in Miles, Malcom ; Hall, Tim (ed.) (2003), *Urban Futures. Critical commentaries on the shaping the city*, London: Routledge.
- Piçon M; Piçon-Charlot M (2000) "Les nuits de Paris" *Les Annales de La Recherche Urbaine n° 87*, p. 15-24.
- Pred A (ed.) (1981) *Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hagestrand*. Lund: Gleerup.
- Presser H (2003) *Working in a 24/7 economy. Challenges for american families*. Russel Sage Foundation.
- Queige L (2005) "Les rapports entre la nuit et l'attractivité touristique des villes" in *Espinasse et all, La nuit en question(s)*. Paris: Ed. l'Aube.
- Reich R (2001) *The Future of Success. Work & Life in the New Economy*. Londres: William Heinemann.
- Roche S (2003) « Temps de la violence: occuper le temps pour supprimer la violence » *Carnets du Temps*, nº.5, Belfort: Maison du Temps et de la Mobilité.
- Schoen A; Luthe U (2008) "Berlim: a reconstrução crítica." in *Berlim*. Porto: Circo de Ideias, pp. 98-111
- Talobot D (2007) *Regulating the Night. Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-time Economy* . London: Ashgate.
- Vassalo P (2005) "Ville et politiques temporelles." *Mouvements N°39/40 mai-juin-juillet-août-septembre*.